



O novo laboratório de energia solar da UFPb já está funcionando

Funcionário do Palácio morre aos 31

Será sepultado, hoje às 9 horas, no Cemitério do Largo da Boa Sentença, o advogado Antonio Teodoro Neto, assessor do gabinete do governador Tarcísio Burty, que faleceu, ontem às 14 horas, vítima de insuficiência renal.

Antonio Teodoro Neto estava assessorando o gabinete governamental desde o início do Governo Tarcísio Burty. Sofria de problemas renais e, há três meses passados, teve uma acentuada recaída, chegando a ser transferido para um hospital de São Paulo, onde submeteu-se a tratamento.

Há quatro dias ele estava internado no Hospital Protocor. Por recomendação dos médicos do hospital paulista, ele voltou a João Pessoa para continuar um tratamento destinado a recuperação parcial do rim, para depois ser submetido a transplante.

Filho da tradicional família Teodoro, de Sousa, cidade onde nasceu e gozava de prestígio, Antonio Teodoro, de 31 anos, tinha curso de especialização em Direito, a nível de Pós-graduação; era maçom e pretendia se candidatar a vereador pelo PDS de Sousa.

Juizado quer notícia sobre os adotados

Para saber que tratamento está sendo dispensado aos menores paraibanos adotados por casais estrangeiros, o Juizado de Menores expediu carta aos pais adotivos dessas crianças, pedindo informações sobre a situação dos adotados, nos países onde estão radicados.

A primeira informação solicitada pelo Juizado de Menores de João Pessoa, é prestada por um casal alemão, que adotou duas crianças paraibanas, que estão radicadas em Hamburgo, República Federativa da Alemanha.

RESPOSTA

Bernd e Helga Kinzippel, casal alemão que adotou dois menores paraibanos, ressaltou, em carta enviada ao juiz de menores, Martinho Lisboa, a importância da adoção de crianças paraibanas, e também "a alegria que os dois pequerruchos já deram".

Johannes Emanuel e Angelika Manuela, os dois menores paraibanos adotados, segundo a carta, resistiram muito bem a viagem de trinta horas, e foram recepcionados no Aeroporto por parentes e amigos dos pais adotivos.

O casal manifesta o propósito de voltar ao Brasil para adotar mais crianças, e ressaltou "a intensidade do desejo de ajudar", com as adoções, e ressaltaram o desejo de manter a possibilidade de adoções, mas também aumentá-la, "para proporcionar um lar ao maior número de crianças desamparadas".

Sentimos a mais profunda gratidão pelo auxílio e pela franqueza que encontramos no Brasil, em relação a adoção. Consideramos um aspecto muito positivo não termos tido de pagar, nem na Alemanha, nem no Brasil, nem noutra parte, qualquer quantia para poder-mos adotar os nossos filhos ou para os "comprar", diz a carta enviada ao juiz Martinho Lisboa.

O casal alemão disse que "o Sr. Lothar Gotselmann merece os maiores elogios pelo seu empenho e pelo auxílio prestado.

Maciel critica decisão do BB contra Nordeste

Recife - A decisão do Banco do Brasil em suspender todas as operações de desconto e financiamento no Nordeste foi criticada pelo presidente da Federação das Indústrias de Pernambuco, sr. Antonio Carlos de Brito Maciel, que considerou a medida "da maior gravidade" para a economia da região.

Segundo ele, a medida pegou de surpresa toda a comunidade empresarial do Nordeste, principalmente pela da região vir se mostrando "bem mais vulnerável à crise que ora se verifica no país que as áreas centro e sul, por

representarmos os maiores índices de desaceleração da economia e, consequentemente, de desemprego".

Para o presidente da FIEP, o quadro atual do Nordeste deve-se, em parte, às restrições creditícias adotadas, atingindo uma região onde grande parcela do setor industrial foi implantada recentemente ou está ainda em fase de implantação.

O governador Marco Maciel, curado pelo Presidente da Federação das Indústrias, prontificou-se a seguir para Brasília, amanhã caso não surja uma solução positiva para o problema.

Governo ainda não dá o reajuste semestral

Rio - A concessão do reajuste semestral é o item que falta para o governo atender às principais reivindicações dos funcionários públicos do União, mas o presidente da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil (ASCB), sr. Darci Daniel de Deus, acredita que isto poderá ocorrer em 1982. Explicou não ser justo que ao instituir os reajustes, o governo não tenha beneficiado seus servidores.

A votação do Projeto do novo Estatuto do Servidor público será considerada prioritária no Congresso para que entre em vigor até 28 de outubro, dia do servidor público, conforme desejo da ASCB. A Associação quer ainda o pagamento parcial do 13º salário este ano. Com a unificação do regime do Servidor Público, os que eram regidos pela CLT perderão o Fundo de Garantia, mas terão estabilidade no emprego como os estatutários.

O Presidente da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil (ASCB) declarou que "a classe foi beneficiada e não prejudicada: com o novo Estatuto, já que permitirá aos regidos pela CLT receberem benefícios até então só concedidos aos regidos pelo antigo Estatuto e vice-versa, o 13º salário é

um exemplo. Desde 1962, quando foi instituído, os servidores estatutários vinham pedindo o seu pagamento, o que ocorreu com a aprovação do novo Estatuto.

A sugestão dada pelo sr. Darci Daniel de Deus ao diretor-geral do DASP, José Carlos Freire, é que o pagamento, este ano, seja feito a partir de quinquênios e a partir da entrada em vigor da lei, por saber que falta recursos para o pagamento integral. Assim, se o Estatuto entrar em vigor, em 28 de outubro, os funcionários receberão a quantia correspondente a este mês, em novembro e dezembro.

O funcionários que eram regidos pelo antigo Estatuto terão ainda direito de negociar suas férias, o que só podia ser feito pelos regidos pela CLT. Estes foram beneficiados com quinquênio, licença prêmio, auxílio para moradia, gratificação por interiorização e estabilidade no emprego, desde que tenham mais de dois anos de serviço. Perderam o direito ao Fundo de Garantia, mas, segundo o presidente da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil, apesar do fundo ser bom não é tão bom quanto a estabilidade".

Desastre mata 1 e fere 36 no Estado do Rio

Campos - RJ - Um provável cochilo do motorista seguido da queda numa ribanceira de aproximadamente 90 metros de altura, provocou na madrugada de ontem, na altura da localidade de Careta, na BR-101, já próximo dessa cidade, a morte de uma mulher e ferimentos graves em 36 de passageiros, todas integrantes do coral da Igreja Presbiteriana de Itaipá, no Rio, que viajava em ônibus acidentado com destino a Iuna, no Espírito Santo, para participar de uma festa religiosa.

O acidente ocorreu a uma 20 quilômetros de Campos, depois de o ônibus já ter ultrapassado o pior trecho da BR-101, entre Macacé e Campos, e onde o DER a quase três anos vem executando obras em 40 quilômetros da estrada. Salete Lemos Coelho Neto, casada, 40 anos, residente na avenida Monsenhor Nilz, 340m Itaipá já a vítima fatal, com fraturas de crânio. Ela viajava em companhia do marido e de dois filhos. Todos os três levemente feridos.

Segundo os integrantes da patrulha rodoviária federal que esteve no local, o motorista do ônibus acidentado placa CZ-6702 (ES-Cacheocho do Itapermirim) admitiu que tivera um cochilo. Salles Silva dos Santos, casado, 25 anos, residente à Rua primeiro de maio, 311, em Duque de Caxias.

Ermano Coelho Neto e seus filhos, Alexandre e Mauro, de 10 e 12 anos, depois de terem sido resgatados no próprio acocoro da Santa Casa e terem sido liberados, disseram que na hora do acidente, eles, sua esposa e mãe, Salete, a única vítima fatal, cantavam o hino que seria cantado na festa religiosa, em Iuna.

Universidade instala um laboratório para transformar energia

O Laboratório de Energia Solar da Universidade Federal da Paraíba, inaugurou o seu processo de Conversão de Energia Solar em Energia Elétrica, que está sendo utilizado no sistema de bombeamento de água.

O novo sistema tem uma capacidade de 420 Watts/Pico e é constituído por 12 painéis. Cada painel contém 33 células fotovoltaicas de Silício monocristalino e foi doado à Universidade pela ARCO Solar, Inc; que é uma subsidiária norte-americana da Atlantic. A doação foi feita através de contatos mantidos com o professor João Crisóstomo Paiva.

O sistema visa, segundo informou o diretor do Centro de Tecnologia da UFPb, professor Cleantão Torres, resolver os problemas de irrigação no Nordeste, com o auxílio de um sistema de motobomba. "Esse que foi instalado na UFPb tem a capacidade de irrigar apenas um hectare, mas espera-se que até 1985 os preços sejam competitivos no mercado com a energia convencional e pode ser a grande solução para o Brasil, sobretudo no que se refere ao semiárido", disse o professor.

Acrescentou o professor Cleantão Torres que "embora esta fotocélula seja de procedência americana o Brasil deverá estar fabricando dentro de dois anos. Esse sistema vai ser utilizado pelo Centro de Tecnologia da UFPb para implantar uma nova linha de pesquisa, sobretudo destinada ao bombeamento de água".

Ato cívico presta homenagem à memória de João Pessoa hoje

Durante toda a manhã de hoje serão realizadas solenidades por ocasião do 51º Aniversário da morte de João Pessoa, sendo iniciadas com uma missa de Ação de Graças rezada às oito horas na Igreja da Misericórdia. Das solenidades participarão o governador Tarcísio Burty e demais autoridades, além de representantes da família de João Pessoa.

De acordo com a programação elaborada pela Casa Civil do governador, será realizada logo em seguida uma solenidade cívica, devendo o governador do Estado e representantes da família Pessoa fazerem pronunciamentos a respeito da vida e morte de João Pessoa. Terminada a solenidade, o governador Tarcísio Burty fará a colocação da coroa de flores no monumento do homenageado na praça João Pessoa.

Plano diretor dará melhor organização urbana para Pombal

Pombal será uma das poucas cidades do sertão paraibano a contar, já a partir dos próximos anos, de um complexo plano diretor, o que permitirá melhor organização e ocupação do espaço urbano, oferecendo condições para um crescimento mais ordenado, em virtude da implantação de equipamentos urbanos básicos e indispensáveis à elevação do padrão e bem-estar comunitário.

Com a finalidade de tomar as primeiras providências visando a realização deste plano diretor, viajará nos próximos dias a Pombal, cumprindo determinações do titular da Seplan, o coordenador da Codel, professor Zélio Marques, juntamente com o economista Inácio Tavares de Araújo, superintendente da Fundação Instituto de Planejamento do Estado da Paraíba - Fiplan.

Os recursos para execução do plano já estão em poder da Fiplan, segundo assegurou ontem o seu superintendente, liberando os bens da Sarem, para atender a este fim específico. Durante permanência no município de Pombal, os dois técnicos manterão contatos com autoridades locais para realização dos trabalhos, "fato este bastante auspicioso para a comunidade pombalense, que terá uma rara oportunidade de ver a sede do seu município receber tão grande privilégio", afirmou Ignácio Tavares de Araújo.

Família Alencar cita Testamento durante sepultamentos em Exu

Recife - A família Alencar - do município pernambucano de Exu - entrou ontem mais dois membros do clã vítimas de assassinato cometido em plena luz do dia numa das mais movimentadas avenidas desta capital: Augusto Arnaldo Alencar e Venedicta Luna Alencar de 31 e 21 anos respectivamente. Um terceiro Alencar, Revilton, que estava dentro do carro na hora do crime e que conseguiu escapar fingindo-se de morto, compareceu ao enterro e em voz alta fez uma oração, citando o antigo testamento.

A vítima de Augusto Arnaldo Alencar, Solange, ainda de resguardo (teve o terceiro filho há 15 dias apenas) manteve-se calmo durante o velório que foi muito concorrido. Duzenas de pessoas se revezaram durante toda a manhã junto aos dois caixões que ficaram numa mesma sala, até às 11h30 seguiram para as sepulturas que ficaram em locais opostos à que Augusto Arnaldo foi enterrado no mausoléu da família Albuquerque Melo (da sua esposa).

O sobrevivente, Revilton Alencar, que era sobrinho de Augusto - durante todo o tempo foi fortemente protegido por polícia a paisana que se misturava à família. Na saída, ao invés de seguir num dos vários carros da família, ele entrou numa viatura da Secretaria de Segurança.

Proprietários querem derrubar lei municipal

Baseado em que "a constituição federal não permite privilégio", a Associação dos Proprietários de Empresas de Transportes de Passageiros de João Pessoa "acha que ganhará a causa, na Justiça, revogando a lei municipal que concede o abatimento de 50 por cento no preço das tarifas de ônibus".

O presidente da Associação, Genélio Luis do Nascimento disse que, se os funcionários municipais continuarem com direito ao abatimento, não existem outras categorias que também vão reivindicar o mesmo benefício, o que terminará causando sérios prejuízos para as empresas.

Para ele, a concessão desse abatimento abre "um precedente muito perigoso", pois pode alertar outras categorias que mais tarde vão usar de recursos para conseguir o abatimento de 50 por cento.

Indagado se as empresas de transportes coletivos de João Pessoa, realmente estão cumprindo a lei, concedendo o abatimento de 50 por cento aos funcionários públicos municipais, o presidente da Associação respondeu apenas que "até o momento não houve nenhum problema".

Uma média de três mil funcionários públicos utilizam transportes coletivos na cidade, apenas para destinar-se ao trabalho, o que representa um prejuízo de 150 mil cruzados.

Genélio Luis do Nascimento disse que, mesmo a Prefeitura extinguindo a cobrança do ISS, obrigatória para as empresas de ônibus, ainda seria inviável a manutenção do abatimento de 50 por cento para os seus funcionários, afirmando que "isso não significaria absolutamente nada".



A UNIÃO A UNIÃO

Fundado por Álvaro Machado

Esta publicação Democrática sem imprensa livre e independente, que informa corretamente a opinião pública.

Tarcísio Burity

OPOSIÇÃO DESPREPARADA

A oposição no Brasil não está preparada para governar, para assumir o governo, para exercer o poder.

Quem o diz é o presidente nacional de um partido da própria oposição. Se a afirmativa partisse de um político governista, de um político do PDS, poderia ser vista com suspeição. Poder-se-ia dizer que se trata de simples intrigas dos adversários...

Mas quem está dizendo, quem está proclamando que a oposição não está preparada para assumir as funções de governo, para exercer o poder, é o presidente nacional de um partido da própria oposição. Se assim é, não há como se duvidar desse seu depoimento. Ele, que pertence à oposição, que faz política na oposição, que chefiava um partido da oposição, conhece bem a oposição, é insuspeito para dar esse testemunho.

Em outras palavras: ele sabe o que diz. Se diz que a oposição está despreparada para governar o Brasil, é porque, realmente, a oposição está despreparada para nos governar.

A afirmativa é do ex-governador e ex-deputado federal Leonel Brizola, atual presidente do PDT.

O presidente nacional do PDT foi muito franco, muito sincero, muito incisivo, ao declarar, sem ardores, sem sofismas, que é preciso se reconhecer que "as oposições brasileiras não estão preparadas para assumir o governo".

O presidente Leonel Brizola manifestou-se preocupado com a hipótese da oposição ganhar as eleições presidenciais brasileiras. Na sua opinião, se isso viesse a acontecer, na posse do poder, a oposição seria um fracasso, não teria condições de oferecer nenhuma opção ao povo brasileiro e isso nos levaria à situação a que se viu arrastada a Argentina quando o peronismo retornou ao poder.

É, sem dúvida, um depoimento muito sincero e muito corajoso esse do presidente nacional do PDT.

O seu depoimento constitui, sem dúvida, por outro lado, grave advertência ao povo brasileiro. Em tempo, ele alerta, ele adverte, ele abre os olhos do povo brasileiro para o perigo que a Nação correria se permitisse essa oposição assim despreparada chegar ao poder.

"Eu mesmo não me sinto preparado - confessa lealmente o sr. Leonel Brizola - para assumir o poder".

Ele não se considera, portanto, uma exceção. Ele diz que os líderes da oposição não estão preparados para governar o Brasil mas também se inclui entre os despreparados.

Agora, cabe ao povo brasileiro meditar sobre essa confissão pública do presidente nacional do PDT.

É uma voz que vem da própria oposição. Uma voz autorizada da própria oposição, a proclamar, com humildade e com sinceridade - poderíamos dizer até com muito patriotismo - que o povo brasileiro não poderá ser governado pela oposição, simplesmente porque a oposição não está preparada para nos governar nem tem uma opção a oferecer-nos.

Quis o presidente Leonel Brizola que suas palavras sensibilizassem a consciência dos sr. Ulysses Guimarães, do PMDB, e Magalhães Pinto, do PP, que aspiram à conquista da presidência da República. De certo, não conseguirá sensibilizá-los. Eles vão colocar suas ambições pessoais acima de quaisquer outras considerações.

Mas fica aí a advertência do sr. Leonel Brizola.

Aves de Arriboção

das ainda em seu período de postura.

Como todo ser vivo, é possível que elas estejam em pânico ante as dificuldades de obter provisão alimentar para os seus filhotes. E, como todo ser vivo na perspectiva da fome, ficam desorientadas.

E que faremos nós? Em vez de irmos em seu socorro, preservando uma fonte rica de proteína para nossas crianças, estamos matando, de uma só paulada, as matrizes poedeiras e sua ninhada ainda incapazes de voar e de catar as sementes de seu cardápio.

Em seu vôo desviado, as aves se tornam presa fácil para matanças. A televisão mostrou, outro dia, a chacina a que foram submetidos os "Avoantes" do Ceará. Em Sousa, Chico de Laíá, um galão de seu metro e noventa e músculos de gladiador romano, explorados até à década de 50 pelos "galagos" da Samba, escolheu outro meio de vida e desde então sustentava a família com a sua espingarda lazarina, que o terror de todo bicho de pena. Agora, com as arriboções em ânias suicidas, Chico de Laíá está com a faca e o queijo. Pos-

so muito bem imaginar as suas mãos de gigante, onde melhor caberia arado ou cultivador, conduzindo, numa visão do absurdo, enfiadas leves de nossos columbídeos para o regalo de bares e restaurantes da cidade sorria".

E que outro povo carente de alimentos, de senão nós, lançaria "bananas" de dinamites aos peixes de seus rios? Que outro povo, mesmo o mais bárbaro da Ásia ou da África, teria imaginado forma tão impiedosa de exterminar as suas próprias reservas alimentares, senão este faminto povo do Nordeste brasileiro?

Eu gostaria de falar hoje também de nossa insensibilidade no relacionamento com as espécies animais que nos são úteis e necessárias; de nossa incapacidade de criar, de produzir, de multiplicar, de adaptar, melhorar e aperfeiçoar, e, pelo contrário, de nossa insuperável capacidade de destruir, tendo por tema o que estamos fazendo com os nossos juvenis. O jegue, como vítima de nosso espírito predatório e destrutivo, bem merece um artigo só para ele, em defesa de sua identidade, e vai ser assunto de terça-feira. Quem estiver interessado, até lá.

Firmo Justino

O adeus de Maria

Hoje não haverá domingo para a menina Maria Patrícia de Oliveira. Seus sete anos mal vividos foram interrompidos pela bela assassinada de um ladrão preto, gordo e barbudo, que invadiu sua casa na última sexta-feira, e, depois de roubar a infima importância de seis mil cruzeiros, desfechou-lhe um tiro na perna. Maria Patrícia morreu no HPS e no seu enterro apenas dona Irene, a lavadeira, sua mãe e outros irmãos pequenos estavam presentes. Desta vez a Prefeitura não doou a tão famosa urna funerária que costuma presentear aos defuntos importantes. Maria foi sepultada na cova humilde do cemitério de Mandacaru, sem cortejo e sem o carro preto que desfila pela cidade seguido de automóveis luxuosos, pilotos por elegantes damas. Talvez no céu - e isto nós não podemos ver, por sermos pecadores, uma orquestra de anjos entoasse o cântido do adeus, enquanto uma outra dava as boas vindas a mais nova habitante do paraíso.

Maria, de sete anos, dormia com os irmãos no único cômodo da casa, enquanto dona Irene lavava as roupas na cacimba próxima. O ladrão, gordo, preto e barbudo irrompeu na porta, armado de revólver e, depois de recolher as mínguas economias da lavadeira, não satisfeito com o reduzido lucro, vingou-se em Maria. Depois, saiu impune, este e possivelmente, agora, esteja penetrando numa outra residência, procurando novas vítimas, vítimas inocentes, desabrochando para a vida.

Dizem que a fome gera violência. Mas violência pura e simples como essa praticada em Maria deve ser tribuída à reversidade, ao instinto animal de certos "pseudos-humanos" quem matam pelo simples prazer de ver sangue, sem se importar se diante de suas armas estão velhos ou crianças.

Ano de notícia da morte de Maria, a menina pobre de Mandacaru que não tive a felicidade de conhecer, pensei em Niani, pensei nas outras inocentes que vivem por aí, bem ou mal, ignorando as torpezas do mundo, e senti pena. Pena dela, de mim, desse ladrão preto, gordo e barbudo, pena dessa sociedade indiferente que só se emociona diante de um acontecimento que lhe interesse. Mas também senti medo. Medo dessa falta de segurança e dessa impunidade. Afinal, crimes que acontecem em plena luz do dia e que culminam com a fuga do criminoso, desmentem toda e qualquer informação policial, dando conta de que a poli-

cia está agindo com eficiência. A menina Maria deve ter gritado, seus irmãos também, e ainda por cima, o estampido do tiro foi ouvido pela vizinhança. E, ao que me consta, Mandacaru tem um posto policial onde, havendo interesse, dois ou três soldados podem muito bem patrulhar a área, já que ela não é tão extensa. Chego a pensar que os policiais do posto estavam dormindo ou entretidos num bom jogo de cartas e por isso deixaram o ladrão fugir. As diligências posteriores poderão servir apenas para salvar a cara da polícia, mas não consolarão a pobre lavadeira que a partir de agora está mais só em sua miséria.

Antes, o suor derramado pelo sol quente, na beira da cacimba, era amenizado pelas travessuras inocentes de Maria. Agora não. Maria morreu, morreu menina, deixando o casebrão mergulhado num clima de tragédia e de tristeza. As ruas tortuosas de Mandacaru, ruas sem calçamento, enlameadas, não mais serão castigadas pelos seus pezinhos de sete ano, a correrem numa brincadeira sem fim. Agora, só restam o casebrão entristecido com a fumaça negra e o fumo obscuro do cemitério, a denunciar que uma menina morreu, vítima de um maníaco revoltado com a míngua "féria" de seis mil cruzeiros.

Sebastião Lucena

CARLOS CHAGAS

Na pilha de documentos, exposições, informes e relatórios que o presidente João Figueiredo encontrou quinta-feira em sua mesa de trabalho, agora transferida para a granja do Torto, um poder estar prendendo sua atenção, mais do que os outros. Trata-se do periódico e reservadíssimo balanço da situação pre-eleitoral nos Estados, que, recolhe-se por algumas confidências, ele parece receber de quinze em quinze dias. Nem será preciso dizer a origem, pois os órgãos de informação, a começar pelo SNI, também existem para informar, entre outras atribuições. O material não incluiu apenas pesquisa de opinião, do tipo Gallup, colida junto à população. Seria mais sofisticado, pois doando esse tipo de consultas com informações sigilosas, análises e até tentativas de interpretação da situação psico-social, sob o prisma eleições, em todo o país.

No congresso, entre dissetos parlamentares do PDS que permanecem em Brasília, um deles possui senão acesso a esse tipo de documentação, ao menos informações, comentadas por amigos lá de cima, de chamada "comunidade". Assim mesmo com o risco de erro ou desvio, vale referir o que parece a última coleta de opinião referente aos estados, elaborada pelo prisma dos pleitos majoritários, de governador e senador. Antes, importa a ressalva de que, como costuma acontecer nesses casos, as conclusões parciais surgem sempre mais pessimistas; isto é, nas dúvidas menores, opta-se pela previsão de vitória do adversário, para que se encontrem motivações para mudá-la.

Conforme papéis imaginados do próprio governo, então se as eleições se realizassem hoje, o PDS venceria sem sombra de dúvidas em Santa Catarina, no Espírito Santo, em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, Goiás, Sergipe, Ceará e Maranhão. A situação no Paraná, no Pará, e no Acre, é incerta, ainda que tendendo para a situação. No entanto, a derrota se apresenta no Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Amazonas. Em número, dez a nove, com três incertezas capazes de virar o jogo.

O problema, para o governo, é que em termos de eleitores, inequívoca maioria pende para as

OS CÁLCULOS DO GOVERNO

oposições. Dos quase 49 milhões de eleitores, mais de 30 milhões situam-se nos estados onde a vitória para os oposicionistas é inevitável. É necessário repetir, se as eleições fossem hoje, não daqui a um ano e quatro meses.

Pesquisa como essa, segundo analistas da direção do PDS, ao contrário do que poderia parecer, não desanimam, mas estimulam à luta. Apontam onde os esforços se devem concentrar, afastados de fato, é evidente, situações preocupantes, como São Paulo, (Francisco Montoro, PMDB), Rio de Janeiro (Miro Teixeira, PP), Sandra Cavalcante, PDS, Roberto Saturnino, PMDB, ou Leonel Brizola, PDT) e Pernambuco (Marcos Freire, PMDB).

Espera, assim, para os próximos meses, um trabalho maior da máquina federal, acoplada e em sintonia com as máquinas estaduais, começando no Paraná, no Acre. O governador Ney Braga, ouvia-se em tom de graça, pode pedir o que quiser, pois melhor hora que esta não existe. Com a adoção já decidida pela sublegenda, disporá de condições para bater os adversários, especialmente poror, proibidas as coligações, impoçará, para José Richa, a oposição. Já o senador do PP, dividindo o segmento oposicionista de alto a baixo, Paulo Pimental, Saul Ruiz, Jaime Lerner, ou outro, poderão ainda compor o trio capaz de bater o senador e o ex-governador, divididos. No Pará, tudo depende de mais prestígio a ser dado ao senador, sr. Passarinho e de pressões sobre o grupo Alacid Nunes, mas, quem sabe como milagre, de uma composição inesperada entre o atual governador Alacid Nunes e o presidente do senador? No Acre, a vitória estaria na razão direta de obras de estrutura lá implantadas.

Solidificar as tendências, nos estados onde a vitória parece tranquila, também é tarefa paliativa, mista e ex-perturbada, em alguns pontos, para as oposições mas poderia mudar, seria importante. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as sequelas entre Pedro Simon e Leonel Brizola, talvez favorecessem a Jair Soares. Ou, mesmo em Minas Gerais, onde a soma de ex-udenistas, ex-pesadistas e ex-perturbados, quem sabe conteria o PDS expresso pelo senador Roberto Neves? As opções estão em aberto, mesmo difíceis, pois no

Amazonas (Gilberto Mestrinho, PTB ou PP), Paraíba (Alberto Silva, PP), no Rio Grande do Norte (Auliano Alves, PP), na Paraíba (Antônio Balduino, PP), e em Goiás (Iris Rezende Machado, PMDB), não será fácil inverter o causal. Mas não possível, também, não.

Doze a dez, na pior das hipóteses, não, quem sabe, traze a noção a nível do voto, para o Palácio do Planalto, contrabalançando números com números, isto é; não obtendo a maioria eleitoral nacional, faria mais governadores, e senadores, do que as oposições.

Outra forma de alterar a balança estaria no critério já decidido de pelo menos um novo estado, o de Rondônia, pois, lá, o candidato oficial venceria, se não fosse nomeado.

Assim, conforme previsões que ninguém quer ouvir, ou verá, mas das quais se consegue ao menos alguma duxida notícias, o quadro não se apresenta tão negro para o governo.

Para as eleições de deputado também se vêem as preocupações oficiais. Haverá que levar o PDS, sabe-se lá como (ou se sabe, atentando-se para os casulamos já definidos), a não perder a maioria absoluta na câmara. E a perder o controle possível nas assembleias legislativas. Aqui, o governo não se afia, mas alguns pontos de documentação, cretos e esotéricos, mas da previsão de vitória como José Sarney, Ibrahim Abi-Ackel e o atual ministro não afetos à área política; dificuldades do partido manter a metade mais um dos deputados federais. Grandes esforços, e artífices, sendo e serão despendidos, mas se no nível do 211, o PDS eleger 180, ou 190, a parecer com o da o maior partido nacional. No caso, seria possível para a pensar em promover alianças com alguns grupos adversários ou provocar defeições em seus hostes. Haveria um preço a pagar, mas não, pois com a maioria garantida no legislativo o presidente João Figueiredo poderia governar com tranquilidade, em 83/84, já assim assegurando a vitória do seu candidato no colégio eleitoral, mesmo não a indicar o sucessor.

Até aqui, apresenta-se senão o raciocínio oficial, ao menos suposições e contas formuladas junto aos partidários do governo. Pode ser que esteja a certas, ou próximas do acerto. Poderá não ser.

Ultrademocracia

Não tinham limites os escorpiões do Presidente João Pessoa com o Ministério do Estado. Por um lado, contas, diariamente, do dinheiro arrecadado. E do dinheiro que pagava. Por outro lado, alarde. Era um singelo e claro balanço. Publicava-o o órgão oficial do Estado. A UNIÃO na linguagem seca dos documentos contábeis. Demonstrativo que registra os nomes de quem recolhe e a história dos pagamentos. Anotei, em nome de João Caixa. Os depósitos nos bancos. A importância, mês após mês, do dia. O período habitante-se com o balancete, e os visitantes ficavam deslumbrados, em nenhum outro Estado da Federação governo decida de sua impropriedade, não recua ao povo, com minuciosidade, e revela e em que aplica a receita. Não obstante a terrível luta política que foi travada, praticamente esquecida pelos governos vizinhos, o subterfúgio do caciquismo do Cetele - lado oposto - inuretos de Princesa. João Pessoa não permitiu algum paralisar as obras, em nenhuma maneira de Maurício de Nassau, até o fim de construir. Construiu pontes, avenidas, avenidas na Capital, alinhou e calçou ruas, levantava edifícios, reformou teatros, modernizou logradouros. Alargou o funcionamento do funcionalismo através em cinco meses pelo seu antecessor e concedeu aumento. Irmãos, não procurem julgarem o relato, mesmo especial das realizações de suas administrações, durante o curto tempo de seu governo, quando também registou elevadas despesas, contraladas pela administração anterior, ainda acumulou saldos ponderáveis. Os demonstrativos diários consignavam as ocorrências.

O Presidente renova a situação da Capital, tornando-a um vilarejo atreante. Como um emaranhado, todos tardes saía para trabalhar, as inaugurações, festas de ruas em obras de sua obra. Obras de seu engenho de urbanista e planejador reformador.

Na mesma época, a Capital estava em plena ebulição do Exército, visando batalhões de outro Estado. Vinham para o final organizado pelo Poder Executivo, era a deposição a beira do rio. João Pessoa, que os soldados iam ficando e da realidade, iam admirando o Grande Presidente, convertidos pela sua rapidez e portentos bravura. Andando e como os demais pedestres e acompanhados apenas, de um ou dois amigos, não se despreocupou pelas próprias falhas. Não de fazer e mal-entendidos, dispostos a toda extensão das ruas públicas nas estradas, desde o Palácio do Governo até as comércias. Ao divir-se nos ruas, um seu jeito característico de mãos nas costas, em sua inacreditável despreocupação, e a todos ficavam atônitos.

Com o assassinio de João Pessoa, o lanecete - a mais autêntica demonstração de austeridade de um governo - abandonado. Impunha-se a obrigação de a indireta, ensajando verificação minúcia da receita e despesa do erário. As nebras dos edifícios, os demonstrativos de renda, não se foram a entrada das repartições públicas e empresariais.

Transcorrido mais de meio século, completaria o Congresso Nacional o sistema ultrademocrático de João Pessoa legado à posteridade.

NOTÍCIAS MILITARES

Mavial de Oliveira

Ex-Combatentes

Assinala pelo seu presidente Agripino Paulo de Medeiros, recebemos a nota que abaixo transcrevemos: "Por deliberação de uma Assembleia Geral realizada em 08.08.81 a ex Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - Seção da Paraíba foi transformada em atual ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB - Seção Regional de João Pessoa.

A existência dessa nova entidade - Seção Regional da ANVEF de João Pessoa - será oficializada com a instalação, a realizar-se no dia 05 do próximo mês de Agosto, com uma programação já organizada para os dias 04 e 05 do mesmo mês.

A instalação contará com o comparecimento de VETERANOS de outros Estados, principalmente da Direção Central do Rio de Janeiro, de onde vem uma caravana com 39 integrantes, da qual fazem parte 4 Ex-Pracinhas, todos da Reserva e Febristas, bem como de Pernambuco, cuja caravana já confirmou a vinda de uma caravana com 38 integrantes, composta de Oficiais e Ex-Pracinhas, também da reserva.

Os integrantes da Delegação da ANVEF - RIO DE JANEIRO, que virão a João Pessoa, no próximo dia 4 de agosto, são os seguintes: General Adhemar Rivermar de Almeida (Presidente da ANVEF RJ);

General Paulo de Mendonça Ramos (Benemerito - Cons. Deliberativo); General Álvaro La Roque Couto (Presidente do Conselho Fiscal);

General Flávio Peixoto Corrêa (Conselho Deliberativo); General Heitor de Albuquerque (Conselho Deliberativo); General Atanásio Cortes Coutinho (Conselho Deliberativo);

Capitão-Enfermeiro Virginia N. Portocarrero (Cons. Deliberativo); Capitão-Enfermeiro Antônia F. Vilas Boas (Cons. Deliberativo);

Tenente-Enfermeiro Jandira Faria de Almeida (Diretora); Capitão-Enfermeiro Nair Paulo de Melo (Cons. Deliberativo);

Tenente-Enfermeiro Maria José Vasconcelos (Cons. Deliberativo); Dr. Sebastião Sousa Mota (Cons. Deliberativo);

Tenente-Enfermeiro Elza Souza Mota (Cons. Deliberativo); Major Rui de Oliveira Fozzato (Diretor);

Dr. Wilson Marques de Albuquerque (Diretor); Tenente-Coronel Wauter Trindade (Diretor);

Antônio Ferreira Guina (Conselheiro), e mais os seguintes ex-Pracinhas:

Honor. Gonçalves Portugal, Abílio Pereira Guina, Antonio Alves Ribeiro, Dr. Oscar Sebastião Camarero, Major Antônio de Lima Passos, José Mendonça, Raimundo Souto Domingues, Guilherme José Carneiro, José Quintes de Freitas, Joaquim Vieira Tosta, Paulo Acácio, Maximiliano Pimentel Vieira, Hélio de Paula Ribeiro, Emir de Oliveira Martins, Francisco José Valente, Kardec Esteves da Silva, Pedro Lourenço de Brito, Reynaldo de Oliveira, Henrique Nunes dos Santos, Humberto Benício de Oliveira, Francisco C. Feitosa e Pitagoras de Souza.

Mensagem
"Todos nós podemos realizar algo pela melhoria da situação do mundo, pelo respeito cumprimento de nossas deveres e desenvolvimento de nossa capacidade de servir cada vez melhor." (Cinra Riedel de Figueiredo).

Uma data Nossa
Dia 1º de Agosto de 81: 40 Anos do 15º Bt Mtz. Uma festa do Exército, dos reservistas do "Batalhão Vidade Negreiros", do povo, da Paraíba, de todos nós.

Concurso Serviço Militar/81
A fim de proporcionar a juventude estudantil brasileira um estímulo para melhor compreender a importância do SERVIÇO MILITAR, o Ministério do Exército instituiu o concurso nacional, o CONCURSO SERVIÇO MILITAR/81.

O tema escolhido este ano é: "O SERVIÇO MILITAR NO BRASIL: SUA DUPLA INFLUÊNCIA NA SEGURANÇA DO BRASIL E NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO".

O trabalho consistirá de um texto sobre o tema proposto, manuscrito ou datilografado, em espaço duplo, com o máximo de 15 (quinze) e o mínimo de 2 (duas) folhas tamanho ofício, utilizando só uma face.

Prêmios:
São de âmbito Nacional e Regional os prêmios a serem distribuídos, obedecendo a seguinte ordem: NACIONAL: 1º lugar: Cr\$ 25.000,00, uma Enciclopédia, uma Bíblia Sagrada e um Atlas Geográfico, da Delta Universal.

2º lugar: Cr\$ 12.000,00, uma Enciclopédia e uma Bíblia Sagrada, da Delta Universal. REGIONAL: 1º lugar: Cr\$ 10.000,00, um prêmio a ser estipulado pela OCEM/EMFA (excessivo feito aos 1º e 2º lugares (Âmbito Nacional) e uma Enciclopédia de Educação Moral, Cívica e Política.

2º lugar: Cr\$ 5.000,00 e uma Enciclopédia de Educação Moral, Cívica e Política.

Para os Colégios dos Classificados em 1º e 2º lugares no âmbito Regional, e para os concorrentes classificados do 1º ao 10º lugares, um Diploma de Cooperação Meritória a ser expedido pela Diretoria do Serviço Militar.

Entrega dos Trabalhos: No Estado da Paraíba, na 2ª CSB, até o dia 20 de agosto de 1981.



Grupo formado pelas Senhoras Marlene Flávio, Shirley Alves da Costa e Jocemar Dantas da Silva, esposas dos militares: Coronel Ivanildo, Coronel Mariani e Major Hilton, do 15º Bt Mtz, 16º TC Mec e 1º Gpt E.



Cena da peça "Beijo de Estrada", com o grupo de teatro Terra

Ubiratan acha justa a homenagem a G. Ludugero

Cajazeiras (A União) - O diretor-presidente do Grupo de Teatro Bignor, teatrólogo Ubiratan Assis, também presidente do Conselho Deliberativo da Federação Paraibana de Teatro Amador, afirmou que a escolha do nome de Geraldo Ludugero (in memoriam) como patrono do III Encontro de Artes Cênicas da Paraíba, "O Sertanejo", foi uma das mais justas homenagens prestada pela classe teatral paraibana.

O III Sertanejo teve início ontem, numa promoção da Associação Universitária de Cajazeiras - AUC e Núcleo de Extensão Cultural da UFPB, devendo se estender até o próximo dia 1º de agosto, tendo como local o Teatro Diocesano Padre Rolim, integrando a programação da XVIII Semana Universitária de Cajazeiras.

Salientou ainda Ubiratan que a contribuição dada por Geraldo Ludugero ao teatro do Sertão, notadamente o de Cajazeiras, foi das mais importantes. "Ele, além de grande ator-diretor, era um incentivador e gostava muito de orientar todos aqueles que pretendiam ingressar nas artes cênicas. Geraldo integrou o elenco do TAC - Teatro de Amadores de Cajazeiras, sob a direção de Iracley Pires, foi diretor da METAC - Moderna Equipe de Teatro Amador de Cajazeiras e juntamente comigo e Antônio Carlos Vilar fundaram o Grutac - Grupo de Teatro Amador de Cajazeiras".

Comentou também que Geraldo Ludugero foi o segundo diretor do Grutac, "o que a gente conta de muito bom para nós, durante a boa experiência que tivemos e adquirimos com Geraldo, foi que ele realmente abriu um espaço, qualquer coisa de caminho, onde a gente pode pisar com uma determinada segurança".

Ubiratan Assis falou ainda do III Encontro de Artes Cênicas da Paraíba, o qual considerou de merecida importância, "uma vez que é mais uma maneira, mais uma forma, talvez mais uma forte razão, para a classe teatral se reunir para a discussão dos seus problemas".

Ontem, os diretores presidentes de grupos de teatros filiados a Federação Paraibana de Teatro Amador, na qualidade de conselheiros, no Teatro Diocesano Padre Rolim, onde discutiram a homologação dos nomes que compoem as secretarias e sub-secretarias, com cargos ainda vagos, na atual diretoria da entidade.

Hoje, o Conselho Deliberativo da FPTA continuará a reunião, onde serão discutidos, debatidos e analisados pelos seus integrantes os sérios problemas que ora enfrentam a classe teatral paraibana. Para tanto, o presidente da entidade espera contar com a maciça participação de todos conselheiros, espalhados por todo Estado, para que as reuniões atinjam seus objetivos.

"Silva Mariz" inaugura seu aparelho de Raio X

Catolé do Rocha (A União) - Foi inaugurado recentemente nas dependências do Hospital-Maternidade "Silva Mariz" de Catolé do Rocha um potente aparelho de Raio X, adquirido pela Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância, instituição particular assistencial que presta serviços à comunidade no setor de saúde.

O ato inaugural foi precedido pela bênção das instalações pelo vigário da Paróquia e cortada a fita simbólica pelo deputado Américo Maia e pelo prefeito do município, Manuel Abrantes Nobre.

O presidente da Sociedade, Benedito Rodrigues de Paula, fez a leitura de um relatório de suas atividades e concluiu os componentes da comunidade a ajudar no pagamento das despesas de aquisição do aparelho de Raio X superior a quatro milhões de cruzeiros.

O deputado Américo Maia falou em nome dos habitantes da região ressaltando o mérito da iniciativa que beneficiará a todos os que irão necessitar de melhor assistência médica através dos exames radiográficos. Relembrou que a Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Catolé do Rocha, que construiu o Hospital Maternidade "Silva Mariz", foi obra pioneira na região, graças à decisiva atuação do Ministro João Agripino, quando ainda exercia o mandato na Câmara Federal. O nome do nosoco-

mio é uma homenagem perene ao médico Antônio Marques da Silva Mariz que, no início deste século, a partir de Sousa, exerceu a profissão da medicina curativa em todo o sertão paraibano, sendo avô materno do Ministro João Agripino e do deputado Antônio Mariz que tem idêntico nome.

Ressaltou as atividades, como presidentes da Sociedade, Natanal Maia Filho (Dr. Ióbio), Fábio Mariz Maia e ainda prestou homenagem póstuma aos médicos Américo Maia de Vasconcelos e Antônio Ferreira da Nobrega que se dedicaram à assistência médica no município.

Presentes ao ato estiveram ainda o diretor do Hospital, médico Sérgio Segundo Maia, Juiz de Direito Valdecir Carneiro, ex-prefeito José Sérgio Maia, médicos Francisco de Assis Mascarenhas, Lauri Ferreira da Costa, Francimer Gomes de Farias, assessor Ismar Fernandes Maia e Antônio Pinheiro Dantas, diversos familiares e representantes da sociedade local.

Após o ato inaugural foi servido um coquetel aos presentes, após a demonstração de funcionamento do aparelho de Raio X. Tanto mais importante é essa iniciativa, quando se sabe que o aparelho de Raio X do Hospital Distrital está desativado há vários anos, sem qualquer esperança de recuperação, obrigando os necessitados a recorrer aos Hospitais de Pombal ou de Patos.

Iniciada Semana Universitária em Catolé do Rocha com festas

Catolé do Rocha (A União) - Iniciou ontem nesta cidade a 12ª Semana Universitária, numa promoção da Associação Universitária de Catolé do Rocha - AUCR, que tem à frente o estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, Filonilo Ribeiro Filho, devendo se estender até o dia 1º de agosto.

de Catolé do Rocha está constituída de palestras com Antônio Arcela, coordenador da Oficina Literária do Estado; e com os doutorandos e estudantes de Medicina; Feira Artesanal, com exposição dos quadros do artista plástico Chico Ferreira; apresentação das peças teatrais infantis "Perdidos na Floresta do Bebelê", dirigida por Ednaldo do Egito; e "O dia em que

Ruas ainda escuras em C. do Rocha

Catolé do Rocha (A União) - As ruas dessa cidade ainda continuam escuras, e apesar das várias denúncias feitas pelos moradores, através da imprensa, nenhuma providência foi tomada pela Prefeitura Municipal, no sentido de sejam colocados postes iluminação pública nas artérias.

Os habitantes de várias ruas de Catolé do Rocha já não sabem o que fazer, pois, segundo eles, estão cansados de solicitar ao prefeito Manoel Abrantes soluções para a falta de iluminação, "mas só recebemos o silêncio como resposta".

Algumas ruas estão totalmente no escuro, como é o caso da Adolfo Maia, que só era iluminada no período de aulas, uma vez que nela está localizado o Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia. Agora, como o educandário está em férias a artéria vive na escuridão, deixando os seus moradores intranquilos, pois "os marginais estão por aí e podem atuar a qualquer momento, encontrando o escuro a seu favor para a prática do mal", alegam eles.

Porém este problema não é só das ruas Adolfo Maia, outras artérias também estão prejudicadas como a Barão do Rio Branco, Manoel Pedro, Benjamin Constant e adjacências, cujos habitantes mais uma vez fazem um vemente apelo ao prefeito Manoel Abrantes para que solucione o problema com a máxima urgência, para que eles se sintam novamente tranquilos.

Mataraca já implanta seu telefone

Mataraca (A União) - Está em fase de implantação nessa cidade o posto da Telpa, pelo sistema PS, devido a assinatura do convênio entre o prefeito João Madruga da Silva, Governador Burity e a presidência da Telpa.

Por outro lado, a primeira dama desse município, Estela Madruga, informou que está sendo construído no distrito Barra de Camarutaba uma unidade educacional, visando um melhor atendimento em termos de ensino à zona rural do município, que há muito tempo se encontra carente.

A Caminho da Luz

Polêmicas Doutrinárias

Miguel Targino da Rocha Neto

O Espiritismo Cristão, na condição de restaurador do Cristianismo puro, traz em seu bojo algumas verdades que o utilitarismo do homem faz serem esquecidos ou relegados há séculos, por irem de encontro à sua vaidade ou aos seus interesses meramente materiais.

A reencarnação, por exemplo, que era lei indiscutivelmente aceita nos primórdios do Cristianismo, perdurando sem contestação por aproximadamente um milênio, foi banida do elenco de postulados da religião católica em virtude da ingerência pessoal de alguns membros do clero, no início do segundo milênio, fato gerador de intermináveis polêmicas doutrinárias que perduraram até os nossos dias.

Também a grande lei de Causa e Efeito, viga mestra em que se assenta toda concepção espiritual acerca dos problemas do ser, do destino e da dor, é combatida ferozmente por todas as religiões ocidentais, constituindo-se, entretanto, em cidadela inexpugnável às estocadas doutrinárias dos que a combatem, dado o encadeamento lógico, de sua contextura.

Fazendo ressurgirem do passado, para reflexões no presente, alguns princípios que serão conquistas definitivas da Humanidade do futuro, o Espiritismo, mercê da bondade de Deus, se constitui, sem sombra de dúvidas, no Consolador prometido pelo Divino Amigo. Mas o seu estandarte ainda é pesado demais para a maioria dos homens, porque para erguê-lo acima do horizonte de suas vaidades pessoais, terão que despir-se do manto do orgulho.

Esposando valores até certo ponto revolucionários, relativos a real finalidade da existência do homem, é evidente que o Espiritismo tem que ser objeto de reações violentas de profetas de credos hodiernos, os quais, cristalizados no tempo, se recusam terminantemente a aceitá-los.

As polêmicas doutrinárias resultantes desse conflito de opiniões são, portanto, conflituosas.

Entretanto, o Espírito Cristão não pode deixar-se tomar por uma excessiva empolgação quando na defesa dos sagrados postulados do cristianismo redutivo. André Luiz já nos fala que o comediante, o espírito de fraternidade e o respeito mútuo devem nortear sempre o comportamento dos espíritos, quando de discussões doutrinárias.

Não vamos, portanto, a pretexto de ofertar esclarecimentos doutrinários, violentar consciências ainda não preparadas para uma aceitação integral das verdades espirituais. Se encontrarmos barreiras de opinião, deixemo-nos, por enquanto, esbarrar nelas. O tempo se encarregará de removê-las.

Lembremos-nos da advertência: "O Espiritismo vencerá, com os homens, sem os homens e apesar dos homens".

XXXXX
XXX
XX

PARA O ALTO

Cristovam Marques Pessoa

Que não te abale a fé, pois nem maldade nem as demais torpezas dos tiranos, roubarão do teu ser com loucos planos a grande bênção da imortalidade.

Um dia, ante os divinos arcanos, quando chegar o reino da Verdade, só haverá no mundo a Caridade felicitando os corações humanos.

Olha um raio de sol - ninguém o prende; vê a luz das estrelas - é indestrutível; e assim o Espírito que aos céus ascende.

E a fazer luz no teu cismar profundo, lembro Jesus na glória imperfecível, - vencendo os maus e conquistando o Mundo!

BANCO DO BRASIL S.A.
BANCO DO BRASIL S. A.
CARTEIRA DE COMÉRCIO EXTERIOR
AVISO

A CARTEIRA DE COMÉRCIO EXTERIOR (CA-CEX) do Banco do Brasil S. A. torna público que se encontram à disposição dos interessados nas agências do grupo CA-CEX e na sua Sede exemplares do Comunicado CA-CEX nº 81/78, de 21-7-81, que trata do imposto de exportação, nas alíquotas e períodos que especifica, incidente sobre matérias têxteis e suas obras, obras de couro, borriacha, plástico e outras; roupas e calçados, de couro, bem como fios de algodão, ferro gusa, resouras e produtos a base de óleo de mamona, destinados aos Estados Unidos da América.

Rio de Janeiro, RJ, 23 de julho de 1981
Benedito Fonseca Moreira, Diretor

CAIXA ECONOMICA FEDERAL
LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorreram de acordo com os relatórios dos computadores (Art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revededores a devolução da importância paga.

TESTE Nº 557

COD.	REV. NO.	CARTAO NO.	CARTAO NO.
13-00003	943659	944282	944688
	944688	944700	945132
	945132	945882	945935
	945935	946497	947771
	947771	948004	1298058
13-00006	1298058	1298505	1298525
	1298525	1299522	1300056
	1300056	1300680	1302384
	1302384	1303388	1303992
	1303992	1304297	1304242
	1304242	473711	474524
13-00007	473711	474792	474952
	474952	475018	476508
	476508	476540	476540
13-00008	829619	830044	831146
	831146	831534	832525
	832525	832532	832860
	832860	946091	946186
13-00010	946091	946532	947281
	947281	947431	947450
	947450	947580	948374
	948374	948636	949185
	949185	949490	949547
	949547	949572	949649
	949649	A 949651	950537
	950537	950771	950802
	950802	951028	951284
	951284	951575	951526
	951526	339801	340077
13-00012	339801	340377	342121
	340377	342121	342339
	342339	342387	342461
	342461	105558	105860
13-00013	105558	190300	190507
13-00014	190300	190906	1622129
	190906	1622301	1623100
13-00001	1622129	1623902	1624333
	1623902	1624982	1625031
	1625031	1625134	1627259
	1627259	1480592	13-00012
	1480592	302677	13-00016
	302677	269625	13-00019
	269625	431134	13-00022
	431134	267256	13-00012
	267256	268149	13-00016
	268149	268228	13-00019
	268228	268954	13-00022
	268954	269547	13-00012
	269547	275153	13-00016
	275153	275160	13-00019
	275160	277199	13-00022
	277199	278054	13-00012
	278054	278161	13-00016
	278161	A 278163	13-00019
	278163	278334	13-00022

Obs. Esta relação e todas as demais que são publicadas neste jornal aos domingos, a título de "Cartões que não concorreram", são afixadas desde o dia anterior (sábado) no Predio da Caixa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa - PB.

Vacinação contra poliomielite

A segunda dose da vacina será aplicada no próximo dia 15, e a terceira, a 17 de outubro



O chefe da Casa Civil do Governo do Estado, Desembargador João Pereira Gomes, recebeu a visita de Miss Paraíba 81, Virginia Helena Gomes da Silva, que estava acompanhada de empresários e da ex-Miss de Pernambuco. Estava presente, ainda, o Tenente Gilberto, da Casa Militar. A visita ocorreu no Palácio da Redenção, na última sexta-feira, enquanto que na quinta-feira, Virginia Helena, foi apresentada ao público paraibano, no Clube Astrêa, ela que recebeu a quarta classificação no Concurso Miss Brasil 81.

Servidor municipal receberá amanhã pagamento de julho

O funcionalismo público Municipal estará recebendo a partir de amanhã o pagamento relativo ao mês de julho. O pagamento, segundo lembrou a Secretaria de Finanças, será feito inicialmente aos servidores lotados no Gabinete do Prefeito, Procuradoria Geral, Secretaria de Finanças e Administração, e inativos e pensionistas.

Na terça-feira estarão recebendo seus salários os funcionários que prestam serviço nas Secretarias de Transportes e Obras Públicas, de Saúde e Serviço Social de Turismo e Coordenação Geral de Planejamento. Na quarta-feira, o pagamento será destinado aos funcionários da Secretaria de Serviços Urbanos, cujas matrículas vão do número 01 a 7.000 (sete mil).

Já no dia seguinte será a vez dos funcionários da Secur cujas matrículas vão de 7.001 a 10.000. Na sexta-feira próxima começará o pagamento para os servidores da Educação e Cultura, cujas matrículas vão do número 1 a 5.000 (cinco mil). A complementação do pagamento dos funcionários da SEDEC será feita no dia 03 de agosto, recebendo os matriculados entre os números 5001 a 10.000.

O pagamento do mês de julho, segundo comunica a Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal, será efetuado na agência do Banco do Estado da Paraíba, na avenida Gama e Melo, devendo-se esta mudança em razão do 13º salário, primeira parcela, que foi concluída na última segunda-feira.

Sete mil pessoas, espalhadas em cerca de 1700 postos por várias regiões do Estado da Paraíba, ministrarão, no próximo dia 15 de agosto, a segunda dose da vacina contra a poliomielite cuja prevenção se completará no dia 17 de outubro, quando será aplicada a terceira dose. A informação é do coordenador da Campanha de Vacinação, Mourad Ibrahim Belaciano que destacou ser fundamental para o sucesso da campanha, o apoio que a Secretaria de Saúde receberá da Fundação Sesp, Sucam, Inamps, Delegacia da Saúde, Mobral, Emater, Secretaria da Educação, Secretaria das Finanças, Cagepa, Saepa e outros órgãos autárquicos e do Estado.

O médico Mourad destacou que estão sendo aguardadas 800 mil doses de vacinas anti-pólio e deverão ser vacinadas cerca de 500 mil crianças de até cinco anos de idade, em todo o Estado da Paraíba.

Para o coordenador da Campanha é importantíssima a vacinação de todas as crianças pois, "preconiza-se que todos os menores de cinco anos, mesmo os que tenham sido vacinados, devam ir ao Posto de Vacinação mais próximo. A vacina - prossegue o médico - não tem contraindicação e só não é aconselhável para crianças com febre, diarreia ou doenças graves. Noutros casos - acentua - mesmo com gripe deve ser feita a vacinação".

Grandes lojas trazem benefícios para o comércio pessoense

Um fator positivo que beneficia o comércio pessoense, ora passando por uma acentuada crise, foi a infiltração de grandes lojas no setor, segundo as informações prestadas pelos dirigentes do Clube dos Diretores Lojistas de João Pessoa. Segundo eles, a vinda dessas grandes lojas, de âmbito nacional, para o comércio local, não prejudica absolutamente os pequenos comerciantes, e geralmente consiste numa ajuda, sobretudo dos que têm estabelecimentos próximos aos grandes magazines.

Os dirigentes do Clube dos Diretores Lojistas não sabem exatamente os índices que comprovam a queda do comércio pessoense, segundo eles porque não existe um banco de dados que possa permitir uma avaliação correta da situação, o que deveria ser criado pela Secretaria da Indústria e Comércio.

CONSUMIDOR LOCAL

Com a vinda de grandes lojas para João Pessoa, o consumidor pessoense, que geralmente se dirigia a outras regiões, principalmente a Recife, para fazer compras, fixou-se mais no comércio local, daí um dos aspectos viáveis da instalação dessas lojas na cidade.

Os dirigentes do CDL explicaram, também, que essas lojas ajudam aos pequenos comerciantes instalados em sua volta, porque, com a campanha publicitária, atraem consumidores que também vão às pequenas lojas que estão instaladas em sua volta.

Embora não conheça exatamente os índices da crise do comércio, o que deveria ser muito mais ampla.

Embora não conheça exatamente os índices da crise do comércio, o que deveria ser muito mais ampla.

Aplicação dos recursos do Paraiban serão aprimorados

O Banco do Estado da Paraíba - Paraiban - criou uma superintendência financeira - cargo a nível de diretoria - que vai cuidar de toda a área financeira do Banco. O anúncio foi feito pelo presidente do Paraiban Fernando Perro-ne acrescentando que a Superintendência Financeira objetiva basicamente a "otimização da aplicação dos recursos financeiros do banco; o aprimoramento dos seus controles contábeis; e a própria entrada do banco no mercado monetário - Open Marketing e Over Night".



Os livros serão vendidos com descontos de até 50 por cento

Bartolomeu dá descontos de até 50% na Feira do Livro

Escritores, jornalistas e convidados prestigiarão ontem, às 10 horas, a abertura da VII Feira do Livro de João Pessoa, na Livraria do Bartolomeu, onde serão vendidos, durante 15 dias, livros raros com descontos de até 50 por cento. Seu organizador, Bartolomeu de Oliveira, disse que este ano recebeu centenas de obras novas e antigas, algumas já reeditadas e até esgotadas.

Autores paraibanos, editados pela União Casa Editora e pela Editora Universitária serão vendidos com descontos especiais, principalmente os desta última. Na feira, o interessado também poderá adquirir com facilidade livros patrocinados pela Secretaria de Educação e Cultura.

Bartolomeu disse, ao abrir a VII Feira do Livro, que esperava que "como das vezes anteriores o evento corresponda as expectativas". Pelo menos em organização a feira está ano promete maior sucesso em relação à do ano passado - as obras estão coloadas - divididas por assuntos - nas prateleiras, de melhor acesso ao comprador.

Anteriormente a Feira do Livro estava prevista para começar no último dia 15, mas um retardamento nas remessas de livros pelas editoras do Sul obrigou o seu retardamento. A partir de ontem, até o próximo dia 8, os interessados poderão adquirir livros com descontos que variam de 15 a até 30 por cento, dependendo da obra e da editora.

CORREIOS
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELEGRAFOS
Vilanova de M. Instituto das Comunicações

EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS Nº 02/DR/PB/81

A DIRETORIA REGIONAL DA PARAIBA DA EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELEGRAFOS - ECT, torna público para conhecimento das firmas construtoras interessadas, que estão abertas inscrições no REGISTRO CADASTRAL DE HABILITAÇÃO DE LICITANTE DA ECT, e que fara realizar na sala de Reuniões do Edifício - Sede da ECT/DR/PB, no dia 10 de agosto de 1981, às 15 hs. Tomada de Preços para Obra de Reforma da Agência Postal Telegráfica da cidade de ESPERANÇA-PB.

O EDITAL e outras informações poderão ser obtidas no endereço acima citado no horário de 8 às 12 hs. até o dia 07 de agosto de 1981.

João Pessoa, 24 de julho de 1981.

DIRETOR REGIONAL DR/PB

PANIFICADORA MANAIRA
Pães, biscoitos, bolos, rosca, empadas, salgadinhos e queijos

MERCADINHO MANAIRA
Gêneros alimentícios

Rua Major Ciriano, 478 Fone: 226-1600
Manairá - João Pessoa - PB

Bota joga desfalcado em Guarabira



Paulinho, esperança do Botafogo. E Vandinho dita o jogo do Guarabira



Treze defende hoje contra o Nacional de Patos a sua invencibilidade no certame

Campina Grande (Succursal) - Treze e Nacional de Patos jogam esta tarde, no Estádio Presidente Vargas, na sequência da fase classificatória do segundo turno do Campeonato Paraibano, com o time de Campina Grande lutando para manter a sua longa invencibilidade.

O Nacional, por sua vez, vem de um empate com o Auto Esporte, sába-

do último, por 1x1, e quer surpreender o Treze, pois sabe que precisa ganhar pontos nos jogos considerados grandes para conquistar novamente a classificação para o quadrangular decisivo.

O árbitro central para o jogo entre trezeanos e nacionais será Everaldo França, com bandeirinhas de José Frazão e José do

Egito, devendo começar às 16 horas.

TREZE - Hélio Show, Levi, Jotabê, Hermes e Olímpio; Wilson, Lula e Zé Augusto; Jotber, Joãozinho Paulista e Hélio Alagano.

NACIONAL - Pereira, Didi, Jaime, Coco e Bau; Teomar, Messias e Clóvis; Marconi, Menon e Catê.

O Botafogo tem hoje, no Estádio Silvio Porto, um jogo muito difícil pela fase classificatória do segundo turno do Campeonato Paraibano, diante do Guarabira, com início previsto para às 15:30 hs.

A equipe guarabirense começou o Campeonato com grande vitória sobre o Nacional de Patos, quebrando inclusive um veltro tabu, mas não conse-

guiu repetir o mesmo futebol na partida frente ao Treze e agora buscará uma completa reabilitação, tornando-se, portanto, um adversário mais perigoso para o time da Capital.

A Federação Paraibana de Futebol escalou Antonio Toscano para a direção do jogo de hoje, em Guarabira, com bandeirinhas de Paulo Santiago e José Ribamar.

GUARABIRA - Lula, Ze Preto, Guri, Laíto e Adilson; Sandoval, Vandinho e Nemes; Gilson, Pedrinho Canjula e França.

BOTAFOGO - Fernando Lira (ou Carlos Coelho), Zito, Israel, Edvaldo e Pedro Bahia; Erivan, Nelson e Aureo (ou Lala); Paulinho, Dario e João Carlos II.

Áureo sentiu dores musculares e também pode desfalcar o time

O Botafogo tem duas dúvidas para definir sua equipe para o jogo desta tarde, contra o Guarabira, pois os jogadores Fernando Lira e Áureo queixaram-se de dores musculares após a partida de quarta-feira, diante do Santa Cruz e são as dúvidas do treinador Zezinho Ibiapino, podendo serem substituídos por Carlos Coelho e Lala, respectivamente.

Ontem pela manhã, na Maravilha do Contorno, os botafoguenses encer-

raram os preparativos para o difícil compromisso desta tarde, mas ninguém foi chamado para a concentração, numa medida de contenção de despesas adotada pela diretoria, que marcou para a manhã de hoje a apresentação dos atletas relacionados pelo técnico Zezinho Ibiapino.

É quase certa também a presença do lateral esquerdo Pedro Bahia no time titular, devido a contusão de Fraga. O novo atleta botafoguense, inclu-

sive, está otimista e espera conquistar a confiança do treinador.

Venho treinando bem e espero repetir meu futebol no jogo diante do Guarabira. Quando jogava no Auto Esporte, sempre tinha dificuldades para vencer o Guarabira lá no campo deles, mas o Botafogo está bem preparado e vai tentar conseguir mais dois pontos nesta fase classificatória do segundo turno.

Sandoval volta ao meio-campo do Guarabira contra tricolor

A volta do meio-campista Sandoval é a grande novidade do time do Guarabira para a partida de hoje, contra o Botafogo, no Estádio Silvio Porto, quando a representação guarabirense tentará reabilitar-se totalmente da derrota sofrida por Treze, semana passada, por 2x0.

Sandoval dará mais consistência ao sistema de armação da equipe alviazulina, que está pensando seriamente em conseguir a sua classificação para o quadrangular decisivo do segundo turno do certame promovido pela Federação Paraibana de Futebol.

Depois que a equipe passou a ser dirigida por Edésio Leitão, o Guarabira passou a apresentar um melhor futebol e a diretoria está dando todo apoio aos jogadores, no sentido de conseguir melhorar a imagem junto à população da cidade nos certames profissionais.



O Nacional pretende complicar a vida do Galo hoje à tarde

Zé Lima lamenta saída de Mundinho do Auto Esporte

O Auto Esporte reinicia os seus treinamentos amanhã pela manhã, por determinação do técnico José Lima, que está encarando o próximo compromisso da equipe automobilista no Campeonato Paraibano com a maior seriedade.

O Clube do Povo voltará a intervir no certame promovido pela FPF na próxima quarta-feira, diante do Guarabira, no Es-

tádio José Américo de Almeida Filho, quando não poderá pensar nem em empate.

DISCIPLINA
José Lima, técnico da representação automobilista, lamentou a saída do goleiro Mundinho, que, sem dúvida, era uma peça importante no seu esquema de trabalho. Mas deu todo apoio à decisão tomada pelo presidente João Máximo Malheiros, pois

exige o máximo de disciplina no seu elenco de profissionais.

Somos todos profissionais - comentou José Lima - e temos de cumprir nossas obrigações. Mas temos também de reconhecer que o clube tem sofrido muito ultimamente com as fracas arrecadações e não podemos ficar exigindo muito. Primeiro temos de ganhar os jogos dentro de campo.

Naça está disposto a surpreender os trezeanos



Levi, segurança trezeana

Patos (Succursal) - Punido com o terceiro cartão amarelo no jogo do último sábado, semana passada, frente ao Auto Esporte, o meio-campista Silva é o desfalcado do Nacional de Patos para o jogo de hoje, em Campina Grande, diante do Treze, pela fase classificatória do segundo turno do Campeonato Paraibano de 81.

A equipe nacionalina, que empatou com o Auto no seu último compromisso, não apresentou todo o seu futebol e só não saiu de campo com uma derrota devido a

falta de sorte do time pessoense nas finalizações. Mas o técnico Virgílio Trindade acha que poderá melhorar a produção hoje à tarde, sobretudo porque o Treze é um adversário que joga e deixa jogar.

Os preparativos do Nacional foram concluídos ontem pela manhã e a única opção encontrada por Virgílio Trindade para substituir Silva foi voltar Teomar para o meio campo. A delegação viajará hoje pela manhã em transporte especial.

Hélio retorna ao gol do Galo

se quer desde que passou a ser dirigido por Pedrinho Rodrigues e quer manter a invencibilidade na partida desta tarde, quando, certamente, terá novamente o apoio de toda a sua torcida.

A torcida do Treze é espetacular - afirmou Pedrinho - mas quanto ao problema da invencibilidade, nós não estamos preocupados com isso. Um dia ela vai acabar e o nosso principal objetivo é ser campeão. Somente isso.



Teomar, garantia nacionalina

Agrônomo enaltece a Emepa

O trabalho desenvolvido na Paraíba pela Empresa de Pesquisa Agropecuária EMPEA-Pb é destacado pelo presidente da Embrapa, agrônomo Eliseu Roberto de Andrade Alves, em correspondência enviada aos dirigentes da empresa paraibana, na qual elogia os "folders", preparados para difusão da tecnologia criada no Estado, permitindo ao agricultor o acesso a novas práticas e conhecimentos que levam ao crescimento da produtividade.

O presidente da Embrapa ressalta que "iniciativas de tal porte merecem o aplauso de todos aqueles que lutam por uma agricultura forte e tecnicamente sadia. E acrescenta: "a eficiência e dedicação do corpo técnico dessa empresa vem dando nova feição às atividades agropecuárias do Estado, apesar do tempo-lapso de que ocorreu de sua criação a esta data."

Na correspondência enviada ao diretor-presidente da EMPEA-Pb, agrônomo Abdon Miranda Junior, bem como aos demais diretores e funcionários da Empresa, o diretor da Embrapa afirma que "ao incentivar a para que continue oferecendo ao homem do campo paraibano a oportunidade de conhecer novas perspectivas de práticas agropecuárias, consentindo-o para o relevante papel que representa no contexto da produção nacional de alimentos, parabeno-me com vossa senhoria pelo trabalho apresentado".

Por outro lado, o diretor da Embrapa, Raymundo Fonseca Sousa, em texto enviado ao agrônomo Abdon Miranda Junior, ressalta o êxito obtido pela EMPEA-Pb com a realização do Dia Especial de Campo, realizado recentemente pela empresa paraibana, com visitas e aulas práticas nos setores Experimentais de Sapé, Alagoinha e Lagoa Seca.

Concurso vai premiar com Cr\$ 100 mil

Os dois melhores trabalhos do concurso de Monografias "Prêmio Afonso Camargo", instituído pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, receberam 10 e 50 mil cruzeiros, respectivamente, os 1º e 2º lugares, como prêmios. O primeiro prêmio está sendo doado pela Federação das Indústrias, enquanto a Bolsa de Mercadorias está oferecendo o segundo.

Estimular pesquisas e análises em profundidade dos temas fundamentais para o desenvolvimento da história de Campina Grande, além de promover levantamentos atualizados das fontes primárias e secundárias sobre a cidade e sobre a vida e a obra de campinenses ilustres e colaborar da memória histórica local e nacional, são os principais objetivos do concurso.

Os trabalhos deverão ser entregues, até o dia 30 de outubro próximo, no Departamento do Patrimônio Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do município. O júri, que será constituído por cinco membros designados pelo Departamento, receberá os trabalhos e fará exame no dia 3 de novembro.

As monografias deverão ser apresentadas em cinco cópias, datilografadas em papel A-4, e pagas dois e devem observar as recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas. O regulamento do concurso exige no mínimo 40 páginas e no máximo 100 de texto escrito em um só lado de cada folha, para cada trabalho.



Fortaleza pode passar para domínio do Estado

A Pb-Tur está sugerindo ao governador Tarcísio Burty negociações junto à Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para transferência do domínio da Fortaleza de Santa Catarina, para o Estado. A informação é do presidente do órgão, jornalista Luiz Augusto Crispim Justificação, que sob o domínio do Estado, se poderia "fazer um aproveitamento mais racional das instalações. Até mesmo com fins turísticos".

Para isso - acrescentou - nós já estamos mantendo contatos com a Embratur, no sentido de obter financiamento para a execução de um projeto para montagem de um espetáculo de som e luz.

ESPECTÁCULO

Segundo Luiz Augusto Crispim o Som e Luz é um espetáculo dramatizado que conta episódios históricos,

Vale do Piancó reúne membros de associação

No próximo dia 28, em Conceição, a Associação dos Municípios do Vale do Piancó, reúne todos os 18 associados com o secretário de Transportes e Obras, José Silvino, o diretor-geral da Secretaria de Planejamento Francisco Szwargilista de Freitas, o coordenador da Col. Zélio Marques e o sub-coordenador Nobel Vita para apresentação do plano de ação da Anvap.

A programação da associação foi elaborada com assessoria técnica da Secretaria de Planejamento. Define o que a associação fará no que diz respeito a treinamento dos servidores das prefeituras filiadas, no acompanhamento da execução orçamentária.

A assessoria técnica da Anvap prevê a organização de uma biblioteca básica, informações sobre contabilidade e licitações. Também será discutida na reunião a penitenciarização do Rio Piancó, que possibilitará uma ampliação de áreas irrigáveis, que atualmente são de 100 hectares, podendo atingir 64.239 hectares, com a formação de um circuito hídrico, composto pelo Rio Piancó, o rio de Cereais e Mês D'água.

Dentro do plano de ação está previsto que a Associação elaborará projetos de mercados, escolas e moinhos públicos, e estimulará o funcionamento da Cooperativa de Eletrificação Rural, sendo ainda um órgão de articulação intergovernamental. Compõem a Associação os seguintes municípios: Catingueira, Emas, Olho D'Água, Santana dos Garrotes, Piancó, Diamante, Santana de Mangueira, Iporanga, Conceição, Ibiara, Caiana, Curral Velho, Boqueirão dos Coxos, Pedra Branca, Boaventura, Serra Grande.

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, antes de fazer concurso de títulos e prova para a antiga cátedra de História da Arte da Escola de Belas Artes da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde lecionava desde 1954. Enunciou igualmente no curso de museus da atual UNIRIO. Desde 1981 (Título de História da Arte no Curso de Mestrado de História do IFCS da UFPA).

Licenciado em Letras e História da Arte pela Sorbonne, na França, diplomou-se também em Ciências Políticas pela Universidade de Paris e profeta de matemática, desde 1948, nessa universidade francesa e mais tarde na Fundação Gulbenkian de Lisboa. Participou, e conviveu, de diversos congressos e colóquios internacionais de História e crítica de Arte e é atualmente (1981) membro eleito do Conselho de Administração, em Paris, da Associação Internacional de Críticos de Arte.

É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde realizou pesquisas históricas. Autor de diversos livros, entre eles "Azeite no Brasil" (1956), "A Escola Politécnica do Largo de São Francisco" (1970) e "A Igreja da Ordem 3ª da Penitência do Rio de Janeiro" (1976). Propôs, em Congregação, a mudança de nome da sua antiga escola para Escola de Artes Visuais e apoiou as reformas de ensino modernizadoras que tentaram, no início dos anos 80, vitalizar a tradicional escola, então em crise. Pertence a instituições culturais do Pará, de Pernambuco e de São Paulo.

sem a presença de personagens, apenas com suas vozes. "As vozes são gravadas em geral por artistas de teatro ou cinema, mas é o caso do espetáculo montado no Solar do Unhão, em Salvador".

Esse sistema, segundo o presidente da Pb-Tur, consiste basicamente na utilização de um computador, que comanda e seleciona os textos, a luz, a música e os sons que compõem as cenas.

Crispim disse ainda que já existe um convênio entre a Pb-Tur e a Embratur, da ordem de 120 ORTNs, mas como estes recursos já estão comprometidos com a construção dos hotéis de Divórcio das Freiras e Areia, a Pb-Tur está enviando um novo pedido de recursos da ordem de Cr\$ 20 milhões para atender a execução do projeto de montagem do espetáculo de Som e Luz.

Barata deseja contato maior com paraibanos

O crítico e historiador de arte Mário Barata esteve em João Pessoa participando do XI Simpósio Nacional de História, onde apresentou comunicação sobre Historiografia do Rio de Janeiro e propôs a filiação do Comitê Brasileiro de História da Arte, presidido por Walter Zenin, à ANPUH - Associação Nacional de Professores Universitários de História.

Em contato com os coordenadores do NAC, Raul Córdula e Francisco Pereira Jr. e com o Presidente da Associação de Artistas Plásticos Profissionais da Paraíba (Artes Danças) o professor Mário Barata expressou o desejo de manter um intercâmbio mais estreito com o ambiente artístico de João Pessoa, que já escasseia há muito tempo, desde a inauguração do Museu de Arte de Campina Grande.

Na oportunidade Mário Barata observou o fato de o Núcleo de Arte Contemporânea estar instalado em um edifício histórico (antiga residência do Vice-Governador da Província) e de importância arquitetônica que justificava seu tombamento pelo IPHAZ, realizado em 20 de agosto de 1980 por Decreto Governamental, e a necessidade de sua restauração desde que já abriga uma entidade cultural que se desenvolveu entre outras coisas, diálogos e mestres sobre a realidade urbanística brasileira.

Mário Barata é professor, historiador e pesquisador do conservador da História de



Crítico Mário Barata com Raul Córdula e Francisco Pereira

Ecologista afirma que devastação florestal é causada pelo Proálcool

O ecologista Lauro Pires Xavier endossou ontem a opinião do delegado regional do IBDF que afirmou ser o Proálcool o principal responsável pela devastação indiscriminada de reservas florestais. "De fato, está havendo um excesso da cultura de cana-de-açúcar que vem prejudicando consideravelmente a cultura de gêneros alimentícios. E preciso, que se tenha alguns cuidados", acrescentou.

Ele sugeriu que as autoridades competentes determinassem um certo controle, a fim de que a população não se veja prejudicada com a deficiência de gêneros alimentícios. Segundo o ecologista, existem áreas propícias para o plantio da cana que se fosse aproveitadas não prejudicariam o programa do Governo na produção de álcool, a exemplo das áreas de Tabuleiro.

O professor Lauro Pires Xavier disse que não podia afirmar com precisão se aquele Programa na Paraíba estava respeitando as exigências do IBDF. "Nós, ecologistas, ainda não sabemos todas as áreas que estão sendo utilizadas para o plantio da cana

e, para isso, precisaríamos fazer um levantamento".

Disse ainda que as ecológicas nada podem fazer para evitar o abuso de desmatamento, mas apenas denunciar os fatos. "Acredito que são os próprios poderes públicos que devem elaborar uma fiscalização mais eficiente. Uma medida louvável do Governo do Estado foi incentivar a produção de hortigranjeiros na área de Mamanguá. Medida semelhante poderá ser tomada em relação ao Proálcool oportunamente", salientou.

Ele lembrou que a preocupação com os gêneros alimentícios deve existir sempre em primeiro lugar. "Desde há muitas décadas é assim. Na época das invasões holandesas no Brasil, Maurício de Nassau havia determinado que dentre todas as culturas da época, a da mandioca deveria ser preservada prioritariamente. Isso foi há pelos anos de 1648, mas que toma a mesma importância nos tempos atuais. A preocupação com a alimentação da população deve sempre existir em primeiro lugar", finalizou.

Navarro faz conferência no 1º encontro de secretários

Uma redução relativa do índice de criminalidade na Paraíba, as reformas e projetos da Secretaria de Segurança Pública, serão os pontos abordados pelo Secretário Geraldo Navarro em sua conferência que pronunciará no 1º Encontro de Secretários de Segurança do Nordeste, que se realizará em Salvador, começando amanhã. Ele retornará no dia 29, quando termina o encontro.

Geraldo Navarro coloca como fatores que contribuiriam para que o índice de criminalidade no Estado estagnasse, a moralização da Polícia Civil, pois retira os policiais que atuavam junto com os marginais, assim como aumenta a eficiência do poder repressor, o que atemoriza a ação de atos de violência.

Também foram considerados fatores

res contribuintes a Campanha de desarmamento, realizada no ano passado, que será reativada nos próximos meses e, a Campanha de prevenção de acidentes de trânsito.

O secretário de Segurança também falou sobre a redução do número de homicídios, contudo a maioria dos acidentes de trânsito, responsável por grande número de mortes, é um problema de difícil solução.

Capacitação de recursos humanos, reaparelhamento do sistema político, estrutura básica da Polícia Civil, bem como as reformas apresentadas, juntamente com os projetos de Academia de Polícia Civil, Instituto de Polícia Científica, Residência de Delegados de Polícia Central de Telecomunicações, pelo secretário Geraldo Navarro.

Delegado da Sunab assume e começa a trabalhar amanhã

O novo delegado da Sunab da Paraíba, o funcionário federal Newton Rodrigues de Albuquerque, começará a atuar a partir de amanhã. A solenidade de posse foi realizada no último quinta-feira, na sede central da Sunab no Rio de Janeiro.

O senhor Newton Rodrigues de Albuquerque substituirá o sr. Murilo Bernard, afastado do órgão no mês de abril por divergências com a cúpula dirigente, quanto a projetos de trabalho.

O novo delegado só foi apontado para a substituição no início desse mês, depois que a Delegacia da Sunab paraibana passou quase três meses sem titular. Durante esse tempo ficou respondendo pelo cargo foi o advogado

Roberto de Luna Freire, que é também encarregado pelo Departamento Administrativo da delegacia.

Em entrevista dada anteriormente, o senhor Newton Rodrigues falou sobre as medidas que tomará inicialmente, dirigindo a Sunab no sentido de "O meu plano de atuação só foi revelado após a posse. No Rio de Janeiro, o general Gláucio Carvalho me entregou os programas de trabalho do órgão. A partir daí é que poderei fazer alguma coisa com respeito a isso". Ele marcou uma entrevista coletiva com a imprensa para a próxima terça-feira, quando então divulgará as metas traçadas para a sua gestão.

50 policiais atuam na festa da padroeira

O policiamento ostensivo que a Polícia Militar iniciou ontem na área da Festa das Neves conta com 50 homens, que atuarão em duplas e em patrulhas compostas por um cabo e seis soldados. Também serão utilizadas quatro viaturas da Rádio Patrulha nos arredores da festa.

O contingente será distribuído em dois turnos: das 14 horas às 20 horas, quando 25 soldados atuarão em dupla, em locais considerados agitados pelo sargento responsável pela guarnição, e das 20 horas às 24 horas o policiamento será feito com patrulhas.

Em caso de prisão de um indivíduo, este será levado a uma das viaturas, onde se encontra o sargento que comanda a operação, que avaliará a gravidade da infração, decidindo se a pessoa devida será encaminhada para uma Delegacia Distrital, ou liberada imediatamente.

Alto grau de embriaguez, sacanagem, crime, atropelamento e lesão corporal, serão as infrações que determinam a prisão do indivíduo em uma Delegacia Distrital.

A operação policial também será feita com a participação da Polícia Civil, que envia seus investigadores e paisanos. Segundo informações do superintendente de Polícia Lindemberg da Costa Patrício todas as delegacias atuarão em conjunto.

Especialistas levantam dados para Fundação

Para colaborar na definição da estrutura da Fundação Casa José Américo de Almeida, o professor Solange Senobio Godoy e o sr. João Pinto Espozuelo, vieram à Paraíba e estiveram em João Pessoa.

O professor Milton Paiva, presidente da Fundação, acompanhou os especialistas na realização de levantamentos de dados sobre o trabalho desenvolvido pela entidade prestará à comunidade com a criação de biblioteca, arquivo e museu, quando iniciado a valoração patrimonial.

Segundo informou o presidente da Fundação, atualmente se está organizando um inventário de livros que pertencem ao acervo de José Américo de Almeida. Cada setor terá um técnico responsável. Ele disse também que os trabalhos estão sendo desenvolvidos com o apoio da Universidade Federal da Paraíba, especialmente com a colaboração do Departamento de Bibliotecologia.

A Fundação Casa José Américo de Almeida ainda um setor de pesquisas que atuará no campo da História, Literatura e a problemática do desenvolvimento econômico e social da Paraíba. O planejamento da Fundação deverá ser concluído no dia 10 de janeiro do próximo ano, aniversário do Ministro José Américo de Almeida.

Chacrinha
abre o jogo e
solta o verbo
sem papas
na língua



● **Guerra dos satélites já começou. P. 5**



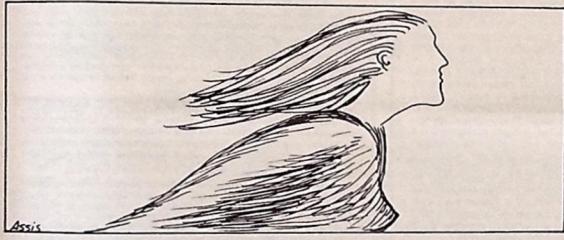
Governador Eurico Rezende

Redenção do
Noroeste capixaba
é meta do ES

● **Vasectomia não causa impotência.**

Essa Revista é uma oferta do seu jornal. Não pode ser vendida separadamente

RUBEM BRAGA



Sonho na rua da Bahia, Belo Horizonte

Era um sonho feliz e eu tinha o sentimento de que estava sonhando ou de que parecia um sonho ou revivia um momento antigo — talvez eu tivesse dezoto anos e descesse a Rua da Bahia na madrugada escura e gelada de inverno, a caminho do quartel, na minha farda de Linha-de-Tiro, no Belo Horizonte de antigamente, e senti que ela andava a meu lado, e isso era um milagre, porquanto eu só deveria conhecê-la muitos e muitos anos depois, entretanto ela conversava comigo amorosa e natural, e eu a achava singela e muito alta, não sei por que me parecia que seus seios azuis não eram assim tão pequenos, redondos e sobretudo altos sob o vestido branco. Ela dava largas passadas e me segurava um braço rindo, cantando — “marcha solitário, cabeça de papel!” — seu riso era muito claro e tinha alguma coisa de riso de menina, e ela se dizia minha noiva.

A rua estava deserta, o Bar Triano estava fechado, nossos passos cantavam, e ainda havia estrelas no céu. Eu tinha o sentimento vivo de que estava feliz, agora ela marchava assoando — havia também um pedaço de lua e parecia que ele se movia com nosso movimento, se balançando suavemente no céu.

Olhei-a, e vi uma claridade leitosa banhando seu ombro e sua garganta, no fundo, estrelas. Abertei o seu braço no meu, alarguei as passadas, ela acertava o passo rindo, de repente disse — “olha! Senti alguma coisa triste em sua voz, pressenti que a acontecer uma tristeza no mesmo instante senti pena de mim — eu estava tão feliz marchando a seu lado, eu a sentia tão minha e achava tão justo que ela tivesse me aparecido, e marcharíamos eternamente, tão jovens e amigos pelas ruas do mundo — andaríamos em Paris, em Cachoeiro, numa praça de Nádróbi, em Roma...”

Olhei-a, eis apenas a noite, as estrelas tremiam, em algum lugar um pássaro pavia. Então me voltei

e havia muitas pessoas, um sujeito do Banco da Lavoura, um colega de Tiro-de-Guerra, um capitão da FEB e um político do PRM e eles todos me olhavam com estranheza, as portas do Triano estavam abertas, havia sujeitos parados me olhando, um era Edgard Andrade, outro parecia Jartas mas não era Jartas do Amaral Carvalho. Perguntei — “que horas são?”

Sampalo me disse que eu estava todo sujo de batom e minha roupa estava amassada e suja, os punhos de minha camisa estavam negros. “Por que você está assim?”, me perguntavam. Eu entendi o nome de minha namorada, alguém disse: “Ela foi-se ontem!” Um outro o olhou irritado — “ontem não, anteontem!” Ela tinha partido para o Rio, depois iria à Europa, e fui submetido ali mesmo, sob a forte luz do sol, de encontro a um muro, a um desagradável interrogatório, havia um jovem repórter de nariz grande e óculos que tomava nota, ia sair no jornal assim: “Ficou apurado que o indivíduo Rubem Braga tinha vagado pelas ruas durante dois dias e duas noites e estava maltrapilho, em situação lamentável!” Tive vontade de dizer-lhe que não era um indivíduo, eu também era jornalista, havia pessoas nos jornais que me conheciam, como Newton Prates, Otávio Xavier Ferreira, Chico Martins.

Mas o diretor do ginásio, Dr. Aristete, me olhava severamente, e seus olhos falsavam de grave reprovação: “O senhor, filho do Coronel Braga, que vergonhosa!” Sentia-me infame, mas sobre todas as humilhações me deu de repente a grande tristeza, o grande desespero de ela haver partido, estar tão longe sem sequer se lembrar de mim — andando numa rua de Londres, quem sabe, com aqueles seios pequenos, redondos, tão altos, tão brancos, tão inesquecíveis, ali tão eternamente inesquecíveis.

A poesia é necessária

A morte da lavadeira

Denise Emmer

Se a lavadeira morrer quem irá lavar tuas roupas sujas de mundo tirar o cheiro de morte que anda em tuas camisas? Quem irá pendurar tua alma nos varais de todos os tempos e lavar teu grito apertado no casaco?

Quem irá jogar tua vida na correnteza do rio e misturar com sabão tantas histórias...

e ensaboar a memória.

Quem irá limpar tua manta o beijo, o berro da gravata?

Se a lavadeira morrer como morrem muitas mulheres afogadas no próprio pranto.

Se morrer a lavadeira eu ficarei sozinho com a roupa envelhecida, enquanto ela mais feliz lavando a frialdade dos anjos e a solidão das estrelas vai pendurando no céu todas as suas amigas

vai pendurando no céu toda a sua tristeza

... se a lavadeira morrer como morrem muitas mulheres afogadas na pobreza.

[Do livro "Flor do Milênio", Ed. Civilização Brasileira, 1981]

Meditações à beira-mar, ficção antiga

Na pálida luz da manhã a mulher se planta perante o mar. Estê de frente, em pé: entrega ou desafio? Amas as coisas, que mulher é assim, e entende o mar, os músculos das ondas, o fluxo das marés obedientes à lua. Mulher e mar — ancas, ondas, seios, algas, braços, sargaços, abraços... Eu quero me enrolar em teus cabelos e o naufragar me é doce in questro mar.

Um menino nunca está sozinho na beira do mar. Entre o murmúrio do vento e da onda ele ouve um eco distante de vezes falando da beleza do mar e dos perigos do mar. Convites à aventura, avisos cheios de amor e medo. Talvez um vulto protetor, talvez a cantiga de uma seneta louca, uma seneta amante de meninos. Um menino nunca está sozinho na beira do mar.

Diante do mar o casal sentou-se no banco, o casal deu as costas à cidade, à vida de todo o dia. Os dois estão juntos há

vinte anos, envelhecaram juntos, engordaram um pouco juntos, já estão ficando parecidos um com o outro, como todo casal que anda sempre juntos. Os dois não estão olhando a praia. Estão com os olhos perdidos mais longe, olhando o céu e o mar. Cada um pensa suas coisas, mas o casal está mais junto.

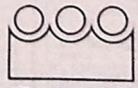
Diante do mar.

Água do mar engana. Do outro lado da laje o costão pode estar calmo, mas é aqui, no embate que o peixe vem, e outro peixe que quer comer aquele peixe, vem, e o homem vem.

O homem da canoa pode ser um dos homens do arrastão, pois essa faina é longa, na terra e no mar. Mas o homem com seu canico sentado na pedra, esse pacato e paciente senhor é, na verdade, quem se arrisca, houve mais de um ano aí, disseram as estatísticas, em que morreu mais gente pescando nas pedras que banhistas nadando no mar.

Água do mar engana.

Segurança - Liquidez - Confiança.



Letras de Câmbio COROA

Joel Silveira

História de chuva

O Diretor-Social do clube olhou o céu, consultou o relógio de pulso e disse: — Está quase na hora. Mas ainda só tempo para outra cervejinha.

Também olhei o céu. O azul limpo, puro, transparente, continuava intacto. Nenhum sinal de chuva próxima. Disse isso ao Diretor-Social. Ele riu:

— Não se preocupe. Vou lá ver.

Estávamos sentados em torno de uma mesa, no galpão do clube ainda em construção, às margens de um igarapé nas proximidades de Manaus. A manhã ardia, e inutilmente o poeta local, que já devia estar acostumado com aquela sauna diária e úmida, enxugava com impaciência o suor que lhe descia da testa. Ao lado, o igarapé era como um riacho de águas claras a correrem mansas por entre os seixos e as enroscadas raízes das gigantes árvores que se levantavam no outro lado como uma intransponível muralha verde.

— Apontei para as árvores:

— Algumas devem ter mais de duzentos anos.

O Diretor-Social corrigiu: — Ou apenas dez. Aqui tudo nasce e cresce muito depressa.

O poeta acrescentou: — Formação de um mundo retardado. Daí a pressa.

— Madinho, o calor. Pesava na cabeça, formigava nas pernas, e o suor era viscoso, como um óleo.

O Diretor-Social apontou para o alto, acima das árvores: — Vejam:

E voltando-se para o interior do galpão: — Maria, venha. Está na hora.

O suor havia colado a blusa larga no corpo da mulher e o pano úmido deixava entrever o "soutinho" que sustentava os seios pequenos. A fisionomia batida, de quem sufocava, a mulher sentou-se pesadamente na cadeira, passou a toalha molhada no rosto, disse:

— Tomara que caia logo. Só assim esse inferno melhora.

No céu, à nossa direita, estendia-se, cada vez maior, uma nuvem escura que a devorando guardava pequenos pedaços inteiros do azul limpo. Logo estava sobre nós, e sentimos quando os primeiros pingos bateram com força no zinco. Depois fechou-se à nossa frente uma cortina de cinza que afagou as árvores no outro lado do igarapé. Era como se as mil sombras da floresta tivessem saltado para fora, à espera da tempestade. O

igarapé tomou o aspecto alvaçado de um charco, reteuse por uns instantes numa espécie de remanso, mas quando a chuva caiu de vez o riacho a recebeu em cheio e começou a engorçar com ela. Eu nunca tinha visto uma chuva assim. Era como se todas as chuvas do mundo inteiro estivessem desabando naquele instante em torno de nós.

E assim foi durante quinze minutos. Depois, o Diretor-Social consultou mais uma vez o relógio e informou categoricamente:

— Quinze minutos. Agora vai passar. As pancadas, no zinco lá em cima, fizeram-se repentinamente leves, e a cinza espessa foi aos poucos se esgarçando, e já podíamos enxergar, por entre as manchas escuras das nuvens, o azul de minutos antes — puro, claro, transparente e, já agora, mais lavado e mais azul. As sombras se recolheram, as árvores voltaram a se perfilar, o igarapé tornou a correr manso, e sobre tudo e todos, depois de expulsar a última nuvem pejada, o sol voltou a estender o seu trêmulo maná de prata recém-fundida.

A mulher fez um gesto nervoso, como se estivesse acordando, olhou em torno:

— Tanta água... Um desperdício.

Ao que o poeta rematou:

— Deus, às vezes, é muito exagerado.

A mulher levantou-se, enxugou os cabelos com a toalha (uma goteira no zinco pingava em sua cabeça), disse:

— Você quer mais cerveja? Vou tirar esta roupa molhada.

Momentos depois veio juntar-se novamente ao nosso grupo. Vestia agora um "short" que lhe apertava as coxas elásticas, uma blusa de cotada e colorida, havia penteado os cabelos de forma a dar à nuca desleixada, e, nos seus olhos, um brilho intenso e inquieto sucedera à névoa cansada de minutos atrás. Como se das tormentas, ela voltara a ser para todos nós o que havia de mais importante ali na margem esquerda do igarapé, na fribria da floresta, a poucos quilômetros de Manaus. E ela sabia disso. Beijou o marido na face, teve para cada um de nós um sorriso e um gesto, cantou qualche coisa, perguntou se não queríamos ouvir um pouco de música. O poeta respondeu que queria música, mas um uísque também. E a todos ela serviu, com o seu riso de dentes e alvos e fortes, um trem de seda, seus gestos tinham a graça de uma dançara, e ela era outra vez a dona do sol e das árvores; e ninguém lhe roubaria mais quinze, cinco, dois minutos daquele dia que seria agora todo seu.

Murilo Marroquim

Militarismo
x civilismo

O movimento de 64 marca o fim de um instável fenômeno político da vida brasileira — e inicia outro de consequências perigosas para o país. Antes, o mosaico social e econômico resistiu a duas penas, desde a desastrosa e necessária exatidão da exatidão social, comandando-se progressivamente com a legislação específica e o fortalecimento da sindicalização. Agoniava a anti-República e sobre os seus escombros aprumava-se uma nova política, mais sempre articulada e elemento positivo; a ação das forças armadas, antiparlamentaristas e catadoras, substituindo pouco a pouco os rancor feudais e oferecendo à classes operárias melhor proteção.

O subsequente voto secreto não nasceu sem mentiras, doras e sangue. A revolução comunista fora o epíteto mais revelador do que surgira de uma espécie de longa marcha política, formando o choque entre nacionalistas e entreguistas, entre hoje rotulados pelas multinacionais. E por isso o processo foi válido para o país surgir como nação. A direita integralista implantou-se sob a propagação interna alimentada pelo capitalismo norte-americano — e atingiu os quartéis, mais por convicção do que por suborno.

Começou então a oriarse um problema político-militar, originado que hoje já não é evidente: o da identificação entre as forças armadas e as forças políticas. Identificação que agora se rompe e prenunciou um eventual confronto sombrio entre ambas.

Nas situações e nos trabalhos que venho lendo, da Escola Superior de Guerra, não encontro qualquer referência e esse aspecto de nossa política. Cria-se uma espécie de militarismo que já não lembra, sequer, qualquer paternalismo militar, atuante sempre nos momentos difíceis da política nacional.

Cria-se, de fato, o anticivilismo e, em contrapartida, o antimilitarismo, robustecendo-se a desconfinação entre as duas classes, o que poderá levar a choques multilaterais da integridade política e espiritual da nação. Indagues como o do Rio-Centro e outros, são exemplos levantando-se apontando como descondição de interesses políticos menores. Na verdade, derivam do comportamento do poder político, ainda imantado à instabilidade do que seja uma razoável democracia parcial, ou o recuperado do real exercício democrático. Daí as exortações incoerentes de que o sistema deve ganhar as eleições "de qualquer jeito", com a implícita advertência de que a derrota significaria o retorno à plena exceção.

Casualidade de toda ordem são inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um prolongamento de si mesmo. Não se trata de um castigo recuso eleitoral. Mas, é um resultado daquilo que hoje grave e foi apontado no início destas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez emergindo perigosamente em nossa história republicana.

Desde 64 acompanhei como repórter político o encaminhamento da vida brasileira, convivendo com políticos, militares e civis, dentro e fora do Congresso. As reticências eram mínimas e havia mesmo um logo de nós nas avaliações e nos comentários. Um observador bem informado e aguçado, o gen. Góes Diniz, alimentava generosamente o reportagem. Fazia previsões, debateria e era o mais graduado chefe de staff nomeado na Escola Superior de Guerra. Quem o substituiu logo? O gen. Golbery, que não fala.

Uma morte tão inquietante, aqui e ali quebrada pelo gen. Figueiredo, era próprio senso que terá existo, se quando as setas de direção. O mistério que gera o medo é incompatível com um regime democrático em evolução.

Essa contribuição dos civis também não está sendo dada e eles poderão pagar caro pelo erro. E mais caro pagará a nação, através de recursos perigosos que escapam às previsões.

"NENHUM HOMEM É IMPOTENTE!"

Esta afirmação, em termos técnicos, é verdadeira pelos maiores cientistas do mundo.

É fundamental que haja uma renovação constante das células enraquecidas.

No Brasil já se encontra à venda em farmácias e drogarias, BIOSEX, um medicamento que cuida exatamente da renovação das células enraquecidas.

Além de vitaminas e sais minerais, BIOSEX é preparado à base de gênia real, de poder altamente revitalizante.

Se você não encontrar BIOSEX na farmácia ou drogaria de sua preferência, peça pelo correio para a Caixa Postal nº 426 Agência Central, Rio de Janeiro, juntando cheque ou vale postal de Cr\$ 1.490,00, a favor de Clínica Barroel Ltda. e remeteremos a você contendo 120 dráguas imediatamente.

Renato Correia Paes

Crise e crescimento

Como poderá o Brasil crescer, aceleradamente, num mundo em crise múltipla? É importante, antes de tudo, lembrar que a situação não é nova.

Foi exatamente em duas épocas de aguda crise de bilanes mundiais — a conjuntura mundial conturbada, e o País realizou dois significativos surtos de industrialização: a época da depressão dos anos 30 e o imediato pós-guerra.

A crise de 29 afetou seriamente a receita do café, que era então o grande supridor de divisas, e reduziu drasticamente a nossa capacidade de importar.

Af ocorreram dois fatos. Primeiro, manteve-se razoavelmente a renda interna do setor café, pela ação do Governo. Depois, as sucessivas desvalorizações e o superávit, o estrangulamento da capacidade de importar, levaram a um rápido deslocamento de demanda em favor de produtos fabricados no País.

Em consequência da expansão industrial então deflagrada, o produto industrial brasileiro aumentou de cerca de 140 por cento, entre 1930 e 1939.

Já no imediato pós-guerra, o que ocorreu foi que, pela ausência de maturidade político-econômica, esvaíram-se as reservas internacionais acumuladas durante o conflito.

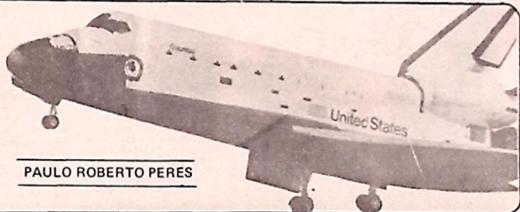
As tarifas aduaneiras, na época, não tinham efeito de proteção, por não serem "do valor". Fora o sistema de licença prévia de importação, de triste memória, e, principalmente, o mecanismo de taxas múltiplas de câmbio que atuaram no sentido de criar condições para um novo surto de substituição de importações, muito mais importante e contínuo que o anterior. Assim se passou a explorar com produção nacional, um mercado interno já existente.

Evidentemente, ninguém pensaria em repetir o passado.

Mudou o mundo. Muito mais amplo, mudou o Brasil, podendo se ressaltar formas importantes desta mudança. Das ações sobressaem.

De um lado, estar sempre com novos produtos, de mercado dinâmico, para lançar, seja na área de produção agrícola, seja na de minérios e, principalmente, na de manufaturados e semimanufaturados. Assim se tentará sempre compensar, com maior esforço em uma área nova, qualquer dificuldade que vá surgindo nesse ou naquele produto. E a orientação de recompor continuamente a pauta de exportações, no sentido de produtos e regiões de demanda mais dinâmica, e, de outro lado — com sempre presente quando há alto grau de incerteza —, diversificar rapidamente, no tocante à produtos e a mercados. Para isso é necessário estar realizando a grande abertura dos últimos tempos em direção aos mais diferentes mercados, como é o caso da recente visita à Rússia.

No Espaço Guerra dos Satélites já começou



PAULO ROBERTO PERES

Embrionária da ficção e concebida em complexos equipamentos, a guerra espacial entre as superpotências é uma realidade desde 1975, pelo menos no sentido de silenciar satélites inimigos. Os engenheiros americanos e russos lançados ao espaço, segundo alguns, demonstra que a humanidade amplia até as longínquas camadas do céu o campo de ação de seu potencial destrutivo. Para outros, talvez uma tentativa de se transferir para a zona extraterrestre o corolário de uma eventual guerra entre os dois países.

"Alguém terá de estabelecer uma superioridade estratégica no espaço", disse o general reformado Daniel Graham, ex-diretor da agência de espionagem do Departamento de Defesa (DIA) e presidente da Aliança para Alcançar a Paz por Meio da Força. "Para isso, os soviéticos trabalham arduamente. Embora com maior domínio da tecnologia soviética, nós americanos, fracassamos até agora e precisamos reagir. Quem controlar o espaço terá uma vantagem enorme, qualquer que seja o nível em que venha a ocorrer o confronto bélico".

Números são os sinais de início dessa batalha espacial. Em 1975, dois satélites americanos ficaram temporariamente "cegos" ao observarem o lançamento de mísseis de uma base soviética na Sibéria. Em 1977, especialistas americanos ficaram surpresos pelo desaparecimento de vários satélites artificiais dos Estados Unidos situados em órbitas próximas. Alegam que "apesar dos dois episódios não ficaram inteiramente esclarecidos, a União Soviética, nas duas ocasiões, adonou um canhão de laser contra os nossos engenhos com o objetivo de explodi-los ou avariá-los".

Na verdade, experiência com armas que têm satélites como alvo começaram com a era espacial. Já em 1963, os EUA testaram seu primeiro sistema anti-satélite ao deflagar um míssil da McDonnell Douglas contra um propulsor de mísseis situado numa órbita baixa ao redor da Terra. Mas o programa foi abandonado após os tratados que proibiam testes com armas nucleares no espaço. Todavia, face os episódios envolvendo seus satélites, os EUA em 1969 desenvolveram um programa com verba inicial de 80 milhões de dólares objetivando incrementar um satélite com condições de derrubar ou avariar artilharia inimiga no espaço.

Setenta e cinco por cento dos aproximadamente 1800 satélites lançados pelas duas superpotências em 23 anos de era espacial, tiveram finalidade militar. Cerca de 900 objetivando eventualmente tornar mais requisitadas as guerras travadas na

terra. Essas manobras tornaram possível a criação dos satélites-caça Hunters e dos satélites-assassinos (Killers), com a finalidade de perseguir outro satélite e destruí-lo.

Os testes com armas espaciais, interrompidos em 1978 em função de um acordo entre americanos e soviéticos, voltaram a ser realizados em abril do ano passado pela URSS que lançou mais um satélite-caça da série Cosmos, arma orbital que explode nas proximidades de um satélite inimigo. Os EUA querendo contratacar, apenas informaram que estavam desenvolvendo para teste em 1983 um satélite-caça que, auxiliado por um sensor de temperatura, detecta o calor emitido pelo alvo em movimento e orienta sua rota na direção do satélite inimigo até alcançá-lo.

A luta pela sobrevivência e domínio militar espacial tem algum consenso, visto que as operações militares dependem de satélites para a coleta de informações destinadas ao serviço secreto, à navegação, civil e militar, às comunicações terrestres e até para a fiscalização dos acordos de controle de armamentos (SALT), etc. A dependência dos homens a esses engenhos tornou-se tanta que bastaria a destruição de três satélites russos a três ocidentais para fazer o mundo parar em matéria de investigações atmosféricas, observação espacial e nas transmissões intercontinentais em que se baseiam o comércio mundial e toda a informações entre nações.

Num documento intitulado Our role in space (Nosso papel no espaço), a aviação

americana afirma que "o espaço desempenhará função importante nas futuras operações militares. Na ausência de um tratado entre os dois países e em decorrência da capacidade demonstrada pelos russos de interceptar e destruir engenhos espaciais, a Aviação dos Estados Unidos precisa agir na defesa dos satélites americanos, se necessário".

Os satélites são instrumentos frágeis e isso preocupa os estrategistas militares. Para avariá-los nem é preciso destruí-los inteiramente, basta atingir seu equipamento sensível, pólo que os veículos assassinos procuram atingir através de radiação dirigida por ogivas nucleares. Para preservar esses engenhos as superpotências instalam em terra complicados processos de vigilância do espaço. Nos EUA, a missão cabe ao GEODSS (Ground-Based Electro-Optical Deep Space Surveillance) que futuramente ao completar sua capacidade operacional, será capaz de perceber um objeto do tamanho de uma bola de futebol a 40 mil km de distância no espaço. Sua primeira base já funciona experimentalmente no Novo México e outras serão instaladas na Coreia do Sul e no Oceano Índico ou Atlântico.

O general Kelly Burke, responsável pelo serviço de pesquisas da Força Aérea dos EUA, revela que brevemente os americanos testarão uma nova arma anti-satélite, denominada ASAT. "Um pequeno projétil lançado a partir do avião F-15 modificado, para poder contar com mobilidade da base de lançamento. O projétil se dirigirá automaticamente para o alvo guiado por raios infravermelhos e

sustentado por um mecanismo de estabilização giroscópica. O sistema poderá funcionar a altitudes superiores aquelas a que se limitam os soviéticos (1.000 a 1.600 km)".

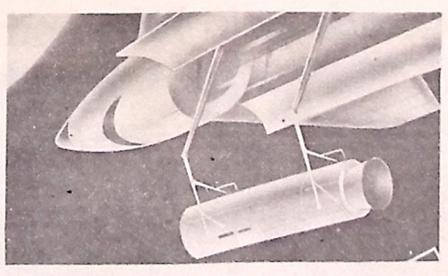
Já a Vought Co., segundo seu presidente Robert Kirk, está testando um equipamento de apenas 6 m de comprimento, 50 cm de diâmetro e peso de 1,5 tonelada. Esse interceptor de satélites será transportado ao espaço inicialmente abaixo das asas de um F-15, para depois atingir altitudes mais elevadas mediante um meio de propulsão auxiliar que utiliza um motor do foguete Altair III.

Os EUA estudam também o emprego de uma arma laser transportada por um avião giganteco e de uma outra arma laser para ser lançada de um foguete tipo Minuteman. Segundo especialistas, o emprego do laser apresenta pontos negativos. "O laser exige fontes de energia de grande potência, é difícil de compactar e é afetado pelas condições atmosféricas. Além do mais, nas órbitas mais elevadas, pode sofrer eventuais variações na firmeza e na estabilidade, com prejuízo de sua capacidade de perfuração do alvo".

Existem ainda outras possibilidades como o Space Shuttle, que obteve sucesso no teste do seu primeiro veículo Columbia, orbitando numa altitude próxima de 160 a 960 km. O Space Shuttle executará no terreno militar o GPS (Global Positioning System), um conjunto de 18 satélites que serão colocados em órbita a 20.200 km — seis deles já foram lançados — possibilitando a realização de "operações de bombardeio com precisão igual, à noite e durante o mau tempo". Também já foi desenvolvido pela Força Aérea Americana um sistema auxiliar de propulsão, o IUS (Initial Upper Stage), um foguete de combustível sólido capaz de levar cargas explosivas a maiores altitudes.

A União Soviética oferece, em vez de provas, resultados concretos. Desde 1968, a URSS já efetuou 18 testes com armas ASAT, das quais onze com resultados positivos. A última e mais bem sucedida, aconteceu no dia 14 de março deste ano, quando o satélite destruído um Cosmos 1241, posto em órbita pela URSS dias antes, auto-destruiu nas imediações do seu alvo, silenciando-o para sempre.

Apesar dos números protestos contra essa corrida armamentista espacial, onde já foram gastos bilhões de dólares, as duas superpotências jamais chegaram a um acordo relativo aos satélites militares, que não são regulamentados pelo SALT. Tratados de cúpula já foram realizados, em Helsinque (1978), Berna (1979) e Viena (1979), mas sem resultados.



Os engenhos têm a finalidade de silenciar satélites inimigos

COMPANHIA EXCELSIOR DE SEGUROS

Opera em todos os ramos

MATRIZ: Rio de Janeiro

SUCURSAIS: Niterói - São Paulo - Fortaleza - Belo Horizonte - Curitiba - São Luís - Teresina - Goiânia

- Porto Alegre - Salvador - Brasília - Macéió - Aracaju - Recife - Natal - Cuiabá - Florianópolis.

Joel Silveira

História de chuva

O Diretor-Social do clube olhou o céu, consultou o relógio de pulso e disse: — Está quase na hora. Mas ainda dá tempo para outra cervejinha.

Também olhei o céu. O azul limpo, puro, transparente, continuava intacto. Nenhum sinal de chuva próxima. Disse isso ao Diretor-Social. Ele riu:

— Não se iluda. Vão vir vel.

Estávamos sentados em torno de uma mesa, no galpão do clube ainda em construção, às margens de um lagarapé nas proximidades de Manaus. A manhã ardida, e inutilmente o poeta local, que já devia estar acostumado com aquela sauna diária e úmida, enxugava com impaciência o suor que lhe descia da testa. Ao lado, o lagarapé era como um rio cheio de águas claras e correm mansos por entre os seixos e as enrocadas raízes das gigantes árvores que se levantavam no outro lado como uma intrinsecamente muralha verde.

— Apontei para as árvores:

— Algumas devem ter mais de duzentos anos.

O Diretor-Social corrigiu:

— Ou apenas dez. Aquilo tudo nasce e cresce muito depressa.

O poeta acrescentou:

— Formação de um mundo retardado. Daí a pressa.

Medonho, o calor. Pesava na cabeça, formigava nas pernas, e o suor era viscoso, como um óleo.

O Diretor-Social apontou para o alto, acima das árvores:

— Vejam:

— E voltando-se para o interior do galpão:

— Marcia, venha. Está na hora.

O suor havia colado a blusa real no corpo da mulher e o pano úmido deixava entrever o "scoutin" que sustentava os seios pequenos. A fisionomia batida, de quem sufocava, a mulher sentou-se pesadamente na cadeira, passou a toalha molhada no rosto, disse:

— Tornara que caía logo. Só assim esse inferno melhora.

No céu, à nossa direita, estendia-se, cada vez maior, uma nuvem escura que lá devorando gulosamente pedaços litorâneos do azul limpo. Logo estava sobre nós, e sentimos quando os primeiros pingos bateram em força no zinco. Depois fechou-se à nossa frente uma cortina de cinza que afogou as árvores no outro lado do lagarapé. Era como se as mil sombras da floresta tivessem saltado para fora, à espera de tempestade. O

lagarapé tomou o aspecto alvaçado de um charco, refofo-se por uns instantes numa espécie de remanso, mas quando a chuva caiu de vez o riacho a recebeu em cheio e começou a engorçar com ela. E a nuvem cinza virou uma cinza escura. Era como se todas as chuvas do mundo inteiro estivessem desabando naquele instante em torno de nós.

E assim foi durante quinze minutos. Depois, o Diretor-Social consultou-me: mais uma vez o relógio e informou categorico:

— Quinze minutos. Agora vai passar.

As pancadas, no zinco já em cima, fizeram-se repentinamente leves, o cinza espesso foi aos poucos se esgarçando, e já podíamos enxergar, por entre as manchas escuras das nuvens, o azul de minutos antes — puro, claro, transparente e, já agora, mais lavado e mais azul. As sombras se recolheram, as árvores voltaram a se perfilar, o lagarapé tornou a correr manso, e sobre tudo e todos, depois de expulsa a última nuvem pejada, o sol voltou a estender o seu trêmulu manto de prata recém-fundida.

A mulher fez um gesto nervoso, como se estivesse acordando, olhou em torno:

— Tanta água... Um desperdício.

Ao que o poeta retorquiu:

— Deus, às vezes, é muito exagerado.

A mulher levantou-se, enxugou os cabelos com a toalha (uma gotinha no zinco pingava em sua cabeça), disse:

— Vocêz querem mais cerveja? Vou tirar esta roupa molhada.

Momentos depois veio juntar-se novamente ao nosso grupo a festa agora um "short" que lhe apertava as coxas elásticas, uma blusa de cetim e colorida, havia penteado os cabelos de forma a deixá-los a nuca descoberta, e, nos seus olhos, um brilho intenso e inquieto lucera à névoa cansada de minutos atrás. Como antes da tormenta, ela voltara a ser para todos nós o que havia de mais importante ali em cada erguer da sua cabeça, a fímbria da floresta, a poucos quilômetros de Manaus. E ela sabia disso. Bel-joo o marido na fase, teve para cada um de nós um sorriso e um gesto, cantou qualquer coisa, perguntou o que eu queria ouvir um pouco de música. O poeta respondeu que queria música, mas com um uísque também. E a todos ela serviu, com o seu riso de dentes alvos e fortes, num tremor de seda, seus seios tinham a graça de uma dança, e ela era outra vez a dona do sol e das árvores, e ninguém lhe roubaria mais quinze, cinco, dois minutos daquele dia que seria agora todo seu.

Murilo Marroquim

Militarismo x civilismo

O movimento de 64 marca o fim de um intervalo fenômeno político de vida brasileira — e inicia outro de consequências perigosas para o país. Antes, o mosaico social e econômico realista à dura pena, de uma República. Entretanto esse período se exacerbou pelo social, econômico e programático, e por isso se tornou a fase de um fechamento de sindicalização. Agoniava a Anti-República a sobre os seus escombros armou-se uma nova política, mas sempre armada num elemento político norte-americano — e atingiu os quartéis, mais por concepção do que por suborno.

O subseqüente voto secreto não nasceu em mentiras, doras e sangue. A revolução comunista fore o epítome mais revelador do que sangrou de uma espécie de longa marcha política, formando o choque entre nacionalistas e entreguistas, antes hoje rotulados pelas multidões. E por isso o processo foi válido para o país surgindo como núcleo. A direita integralista implantou-se sob a propaganda integralista aliada pelo capital norte-americano — e atingiu os quartéis, mais por concepção do que por suborno.

Comçou então a criar-se um problema político-militar, originado do que hoje já é evidente: o da identificação entre as forças armadas e as forças políticas. Identificação que agora se repete e anuncia um eventual confronto sombrio entre ambas.

Nas sinopses e nos trabalhos que venho lendo, da Escola Superior de Guerra, não encontro qualquer referência a esse aspecto da nossa política. Cria-se uma espécie de militarismo que já não tem, sequer, aquela paratropicalidade militar, atuante sempre nos momentos difíceis de política nacional.

Cria-se, de fato, o antivilismo e, em contrapartida, o antimilitarismo, robustecendo-se a desconfinação entre as duas classes, o que poderá levar a choques multilaterais de integridade política e social da nação. Incidentes como o do Rio-Centro e outros, não examinados levemente, apenas como decorrência de interesses políticos menores. Na verdade, derivam do comportamento do poder público, ainda imantado à instabilidade do que seja uma razoável democracia parcial, ou à recuperação do nível exercício democrático. Daí as intervenções incoerentes de que o sistema deve ganhar as eleições "de que jeito", com a implícita advertência de que a derrota significaria o retorno à plena exceção.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Desde 45 espanhóis como repórter político o encaminhamento da vida brasileira, convendo com política, militares e civis, dentro do Brasil do Congresso. As notícias e comentários. Um observador bem informado e agudo, o Sr. Côas Monteiro, alimentava generosamente a lista. É um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

Casualmente de ordem não inventadas, para demonstrar que o sistema deve oferecer uma pouca distância — e que sejam um problema de si mesmo. Não se trata de um castigo recorrente eleitoral. Mas, é um resultado duplo que repito grave e foi apontado no indistintas observações: do foso que se aprofunda entre o militarismo e o civilismo no país, pela primeira vez arremido perigosamente em nossa história republicana de política nacional.

"NENHUM HOMEM É IMPOTENTE!"

Esta afirmação, em termos textuais, é formulada pelos maiores sexólogos do mundo.

O que na verdade existe são homens esfuzeados.

É fundamental que haja uma renovação constante das células epididímicas.

No Brasil já se encontra à venda em farmácias e drogarias, BIOSEX, um medicamento que cuida exatamente da renovação das células epididímicas.

Além de vitaminas e sais minerais, BIOSEX é preparado à base de gêdel real, de poder alissimamente revitalizante.

Se você não encontrar BIOSEX na farmácia ou drogaria de sua preferência, peça pelo correio para a Caixa Postal nº 724 Agbosta Caixa Postal, Rio de Janeiro, juntando cheque ou nota postal de Cr\$ 1.490,00 a favor de Química Baruel Ltda. e remeteremos caixa contendo 120 dráguas imediatamente.

Renato Correia Paes

Crise e crescimento

Como poderá o Brasil crescer, aceleradamente, em meio a crise múltipla?

É importante, antes de tudo, lembrar que a situação não é nova.

Foi exatamente em duas épocas de aguda crise de balanço de pagamentos, e conjuntura mundial conturbada, que o País realizou dois significativos surtos de industrialização: a época da depressão dos anos 30 e o imediato pós-guerra.

A crise de 29 afetou seriamente a receita do café, que era então o grande supridor de divisas, e reduziu brutalmente a nossa capacidade de importar.

Aí ocorreram dois fatos. Primeiro, manteve-se razoavelmente a renda interna do setor café, pela ação do Governo. Depois, as sucessivas desvalorizações e, em geral, o estrangulamento da capacidade de importar, levaram a um rápido deslocamento de demanda em favor de produtos fabricados no País.

Em consequência da expansão industrial então deflagrada, o produto interno bruto brasileiro aumentou em cerca de 140 por cento, entre 1930 e 1939.

Já no imediato pós-guerra, o que ocorreu foi que, pela ausência de maturidade econômica, a avaliação de as reservas internacionais acumuladas durante o conflito.

As tarifas aduaneiras, na época, não tinham efeito de proteção, por não serem "de valoram". Foram o elemento de licença prévia de importação, de triste memória, e, principalmente, o mecanismo de taxas múltiplas de câmbio que aturaram o mercado a criar condições para um novo surto de substituição de importações, muito mais importante e continuado que o anterior. Assim se passou a explorar, com produção nacional, um mercado interno já existente.

Evidentemente, ninguém pensaria em repetir o passado.

Mudou o mundo. Muito mais ainda, mudou o Brasil. Gra a poder, a respeito foram importantes, dessa mudança. Duas ações sobressaem.

De um lado, estar sempre com novos produtos, de mercado dinâmico, para lançar, e na área de produção agrícola, seja na de minérios e, principalmente, na de manufaturados e semimanufaturados. Assim há de tentar sempre acompanhar o maior crescimento em uma área nesse ou naquele produto. E a orientação de recompor continuamente a pauta de importações, no sentido de produtos e regiões de demanda mais dinâmica.

De outro lado — como sempre acontecendo há alto grau de incerteza — tentar diversificar rapidamente, no tocante a produtos e a mercados. Para isso é que se está realizando a grande abertura dos últimos tempos em direção aos mais diversos mercados, como é o caso da recente visita à Rússia.

No Espaço

A Guerra dos Satélites

já começou



PAULO ROBERTO PERES

Embriônica da ficção e concebida em complexos equipamentos, a guerra espacial entre as superpotências é uma realidade desde 1975, pelo menos no sentido de silenciosos satélites inimigos. Os engenheiros americanos e russos lançados ao espaço, segundo alguns, demonstram que a humanidade amplia até as longínquas camadas do céu o campo de ação de seu potencial destrutivo. Para outros, talvez uma tentativa de se transferir para uma zona extraterrestre o cenário de uma eventual guerra entre os dois países.

"Alguém terá de estabelecer uma superioridade estratégica no espaço", disse o general reformado Daniel Graham, ex-diretor da agência de espionagem do Departamento de Defesa (DIA) e presidente da Aliança para Alcançar a Paz por Meio da Força. "Para isso, os soviéticos trabalham arduamente. Embora com maior domínio da tecnologia sofisticada, nós americanos, fracassamos até agora e precisamos reagir. Quem controlar o espaço terá uma vantagem enorme, qualquer que seja o nível em que venha a ocorrer o confronto bélico".

Números são os sinais de início dessa batalha espacial. Em 1975, dois satélites americanos ficaram temporariamente "cegos" ao observar o lançamento de mísseis de uma base soviética na Sibéria. Em 1977, especialistas americanos ficaram surpresos pelo desaparecimento de vários satélites artificiais dos Estados Unidos situados em órbitas próximas. Alegam que "apesar dos dois episódios não ficaram inteiramente esclarecidos, a União Soviética, nas duas ocasiões, adotou um câmbio de laser contra os nossos engenhos com o objetivo de explodir ou avariá-los".

Na verdade, experiência com armas que têm satélites como alvo começaram com a era espacial. Já em 1963, os EUA testavam seu primeiro sistema anti-satélite ao deflagrar um míssil da McDonnell Douglas contra um propulsor de mísseis situado numa órbita baixa ao redor da Terra. Mas o programa foi abandonado após os tratados que proibiam testes com armas nucleares no espaço. Todavia, face os episódios envolvendo seus satélites, os EUA em 1969, desenvolveram um programa com verba inicial de 80 milhões de dólares objetivando incrementar um satélite com condições de derrubar ou avariar artefatos inimigos no espaço.

Setenta e cinco por cento dos aproximadamente 1800 satélites lançados pelas duas superpotências em 23 anos de era espacial, tiveram finalidade militar. Cerca de 300 objetivando eventualmente torná-las requisitadas as guerras travadas na

terra. Essas manobras tornaram possível a criação dos satélites-caça Hunters e dos satélites-assassinos (Killers), com a finalidade de perseguir outro satélite e destruí-lo.

Os testes com armas espaciais, Intercomplotos em 1978 em função de um acordo entre americanos e soviéticos, voltaram a ser realizados em abril do ano passado pela URSS que lançou mais um satélite-caça da série Cosmos, arma orbital que explode nas proximidades de um satélite inimigo. Os EUA querendo contrariar, apenas informaram que estavam desenvolvendo para teste em 1983 um satélite-caça que, auxiliado por um sensor de temperatura, detecta o calor emitido pelo alvo em movimento e orienta sua rota na direção do satélite inimigo até alcançá-lo.

A luta pela sobrevivência e domínio militar espacial tem algum consenso, visto que as operações militares dependem de satélites para a coleta de informações destinadas ao serviço secreto, à navegação civil e militar, às comunicações terrestres e até para a fiscalização dos acordos de controle de armamentos (SALT), etc. A dependência dos homens a estes engenhos tornou-se tanta que bastaria a destruição de três satélites russos e três ocidentais para fazer o mundo parar em matéria de investigações atmosféricas, observação espacial e nas transmissões Intercontinentais em que se baseiam o comércio mundial e toda as informações entre nações.

Num documento intitulado Our role in Space (Nosso papel no espaço), a aviação

americana afirma que "o espaço desempenhará função importante nas futuras operações militares. Na ausência de um tratado entre os dois países e em decorrência da capacidade demonstrada pelos russos de interceptar e destruir engenhos espaciais, a Aviação dos Estados Unidos precisa agir na defesa dos satélites americanos, se necessário".

Os satélites são instrumentos frágeis e isso preocupa os estrategistas militares. Para avariá-los, não é preciso destruí-los inteiramente, basta atingir seu equipamento sensível, pelo que os veículos assassinos procuram atingir através de radiação dirigida por ogivas nucleares. Para preservar esses engenhos as superpotências instalam em terra complicados processos de vigilância do espaço. Nos EUA, a missão cabe ao GEODSS (Ground-Based Electro-Optical Deep Space Surveillance) que futuramente ao completar sua capacidade operacional, será capaz de perceber um objeto do tamanho de uma bola de futebol a 40 mil km de distância no espaço. Sua primeira base já funciona experimentalmente no Novo México e outras serão instaladas na Coreia do Sul e no Oceano Índico ou Atlântico.

O general Kelly Burke, responsável pelo serviço de pesquisas da Força Aérea dos EUA, revela que brevemente os americanos testarão uma nova arma anti-satélite, denominada A-SAT. "Um pequeno projétil lançado a partir do avião F-15 modificado, para poder contar com mobilidade da base de lançamento, o projétil se dirigirá automaticamente para o alvo guiado por raios Infravermelhos e

sustentado por um mecanismo de estabilização giroscópica. O sistema poderá funcionar a altitudes superiores àquelas a que se limitam os soviéticos (1.000 a 1.500 km)".

Já a Vought CO., segundo seu presidente Robert Kirk, está testando um equipamento de apenas 6 m de comprimento, 50 cm de diâmetro e peso de 1,5 toneladas. Esse interceptor de satélites será transportado ao espaço inicialmente abaixo das asas de um F-15, para depois atingir altitudes mais elevadas mediante um meio de propulsão auxiliar que utiliza um motor do foguete Altair III.

Os EUA estudam também o emprego de uma arma laser transportada por um avião gigantesco e de uma outra arma laser para ser lançada de um foguete tipo Minuteman. Segundo especialistas, o emprego do laser apresenta pontos negativos. "O laser exige fontes de energia de grande potência, é difícil de compactar e é afetado pelas condições atmosféricas. Além do mais, nas órbitas mais elevadas, pode sofrer eventuais variações na firmeza e na estabilidade, com prejuízo de sua capacidade de perceber o alvo".

Existem ainda outras providências como o Spac Shuttle, que observa sucios no teste do seu primeiro veículo Columbia, orbitando numa altitude pequena de 150 a 960 km. O Spac Shuttle executará no terreno militar o GPS (Global Positioning System), um conjunto de 15 satélites que serão colocados em órbita a 20.200 km - seis deles já foram lançados - possibilitando a realização de "operações de bombardeio com precisão igual, à noite e durante o mau tempo". Também já foi desenvolvido pela Força Aérea Americana um sistema auxiliar de propulsão, o IUS (Initial Upper Stage), um foguete de combustível sólido capaz de levar cargas explosivas a maiores altitudes.

A União Soviética oferece, em vez de pontos, resultados concretos. Desde 1968, a URSS já efetuou 18 testes com armas A-SAT, das quais onze com resultados positivos. A última e mais bem sucedida, aconteceu no dia 14 de março deste ano, quando o satélite destruidor, um Cosmos 1241, posto em órbita pela URSS dias antes, se auto-destruiu nas imediações do seu alvo, silenciando-o sempre.

Apesar dos inúmeros protestos contra essa corrida armamentista espacial, onde já foram gastos bilhões de dólares, as duas superpotências jamais chegaram a um acordo relativo aos satélites militares, que não são regulamentados pelo SALT. Três reuniões de cúpula já foram realizadas, em Helsinque (1978), Berna (1979) e Viena (1979), mas sem resultados.



Os engenhos têm a finalidade de silenciar satélites inimigos

COMPANHIA EXCELSIOR DE SEGUROS

Opera em todos os ramos

MATRIZ: Rio de Janeiro

SUCURSAIS: Niterói - São Paulo - Fortaleza - Belo Horizonte - Curitiba - São Luís - Teresina - Goiânia

- Porto Alegre - Salvador - Brasília - Maceió - Aracaju - Recife - Natal - Curitiba - Florianópolis.

Sem bandeira

JOELMAIR BETING

O capital sem bandeira nem fronteira. Investidor multinacional, que alguns autores chamam de supranacional ou de transnacional, vai ganhar um código de ética proposto pela ONU.

A esportista Iara foi atribuída ao Conselho Socioeconômico da ONU, que vai trabalhar em três frentes: o comportamento da multinacional dentro do país de origem, a conduta da gigante tentacular nos países desenvolvidos e a situação do mesmo pólo empresarial nos países do chamado Terceiro Mundo, na faixa do capitalismo abortado, na expressão mais que sutil de Gunnar Myrdal.

Diretor executivo do Centro de Estudos de Empresas Transnacionais da ONU, o finlandês Klaus Sahlgren encontra-se no Brasil há duas semanas e pelo seu gosto fica aqui mais duas.

— Fretos que Brasil é hoje o alvo maior do investimento internacional de risco, capitulado como bem rico, com a concentração moral da comunidade e tamanho. O problema da mundialização do mercado, que tem na empresa transnacional sua expressão mais agressiva, guarda relação com problemas de soberania nacional, de tecnologia nativa, de partilha de mercado, de divisão do trabalho, de evasão de renda, de preservação ambiental, de alocação de fatores, de promoção de emprego, de sociologia do consumo, de colonização cultural, todos os meandros da sociedade dos homens. Mexer com o assunto é mexer com a vida na nossa Terra.

Klaus Sahlgren despatchou segunda-feira com diretores da Confederação Nacional da Indústria, uma entidade

de que está começando a sair de lado, pelas razões políticas enlaidadas de Albano Franco.

Os representantes da indústria brasileira — setor econômico mais frequentado pelo parceiro multinacional — o embaixador da ONU esclareceu que o futuro código de ética das multas será, por limitação política da própria ONU, poder transnacional, de caráter recomendatório e não, como seria desejável, do gênero mandatório, que me perdeu o professor Napoleão Mendes de Almeida, autor do indispensável "Dicionário de Questões Vernaculas".

Em resumo: a ONU pretende editar os seus dermandamentos, tal qual um Molotov dos céus. Quem não cumprir o preceito da montanha dos céus, explará o pecado crívico no purgatório da condenação moral da ONU, em sessão especial de alguma larca, para o pior, no Hudson's Yacht Club de Paul Francis.

Filhas em flagrante, a multa terá de ser dois terços, que ela imediatamente traduzirá por 66,6 por cento.

Pelo sim, pelo não, a ONU é maior pelo ar do que o debate nacional e que dá entender o papel da multinacional na economia nacional".

A nota oficial da entidade, certamente lido na mala do embaixador da ONU, sustenta nas entrelinhas que a ONU é maior pelo ar do que o debate nacional e que dá entender o papel da multinacional na economia nacional".

CNI admite que não temos mecanismos adequados para o enquadramento e o policiamento das multinacionais. E recomenda o debate amplo, geral e irrestrito em torno do assunto — a começar do capítulo de maior Dópo, a Lei de Remessa de Lucros, recentemente desengavetada pela Fiesp.

I Luis Eulálio de Bueno Vidal Filho, que costuma soar com as próprias asas, osou depositar na mesa do ministro Delfino Netto uma proposta politicamente anacrônica: facilitar a remessa de lucro para estimular o investimento de risco no lugar do endividamento da subsidiária, que acaba remunerando o lucro aliado maser distarçado de juro, do que resulta um prejuízo contábil fictício, dedutível do imposto de renda, a dano do competidor nacional, que não se permite este tipo de cambismo exterior.

Resultado: Luis Eulálio levou o maior pino, a começar da própria Fiesp. Sem contar a rejeição política do Palácio do Planalto, que reagiu na base do não vi e não gostei. Ou a desaprovção que em bloco da própria CNI, que na mesma data instalava, em Brasília, no rodapé do Governo, o seu Conselho de Política Econômica e Social, arremedo de alguma Kieldaeren tupi-aiçum.

O episódio já tem até letra de samba: o da saga maluca, o do "lome que o filho e teu". Ninguém quer assumir a paternidade da pro-

posta de que a imprensa chama de maior liberdade para a indústria no Brasil.

Nem as multas.

Peter Landsberg, da Shell do Brasil, esteve na reunião

— "Exame": "O Brasil continua sendo um bom objeto de investimento para o capital estrangeiro. Mas, sem dúvida, está longe de ser o alagado paraiso das multinacionais".

Dois são os subsídios para o passeio das multas, diz Landsberg: a remessa do lucro e a liberdade da operação sobre a remessa de lucro.

"A legislação brasileira permite remessa de até 12 por cento do capital registrado, com tributação progressiva acima desse limite. Além disso, o Banco Central demonstra até nove meses para registrar os lucros reinvestidos no Brasil, impedindo o registro do lucro que aumentaria seu capital em moeda estrangeira. E o que é pior: a conversão dos valores em moeda nacional, para esse fim, é feita à taxa cambial média verificada entre a data de apuração do lucro em balanço e a data de efetivação do reinvestimento — do que resulta uma perda substancial do lucro reinvestido no País".

A inflação do três dígitos é outro abacaxi despolido na mesa de decisão da multinacional, segundo Landsberg. E não apenas pela inflação

ção sideral, que não faz o trem do do executivo multinacional, mas pela política cambial aplicada ao destemperamento inflacionário.

O cruzado não sobreviveu, sobretudo no ano passado, dissipando a remessa de lucro em moeda forte — espécie de calote cambial, condenado pelo acionista, lá fora.

João Maria de Jesus larga o cabo da esquadra:

— Quer dizer que nem as multinacionais são sem tarifas? Vai: quem é que falta reclamar agora no Brasil? Sei, não. Mas quando todos não podem perder tudo ao mesmo tempo, assim como todos não podem ganhar tudo a um só tempo. Será que os índices estão embolando o excedente econômico? Vou falar com o Jurnua.

Antes que o Jurnua grave o seu depoimento, o Conselho Empresarial Brasileiro, Estados Unidos, na linha do que já aprovado na reunião de Brasília, informa que a maior penetração do capital de risco made in USA na indústria brasileira vai depender da transferência do incentivo fiscal do juro (ou do crédito) para o lucro (ou para o sócio).

A entidade diz que o Brasil não pode abrir mão da poupança suplementar de origem externa. Logo, é melhor atrair o investidor do que o empreendedor. Entre outras coisas, porque a taxa de juro, lá fora, esbui rapidamente de cinco para 20 por cento.

(Transcrito de O GLOBO, de 9/7/81)

Curto - Circuito

Olhar para Isto!

REINALDO PAES BARRETT



Para milhões de pessoas nesse mundo, vasto mundo, o simples fato de sair de casa para ir ao local de trabalho já se constitui numa lufada de burras, de tal forma andam neuróticas af as ruas que ligamos painéis de mordida às zonas comerciais ou de indústria. São, no mais das vezes, trajetos enlameados pelo novo vilário que se desprende do bílio e vai pelo chão, como se o gálico traquinas lhe puzesse desordenadamente o fio.

Não são ruas no sentido moderno, urbanístico, de rios de asfalto.

São gargalos nas bordas e pistas no centro, zona poluída, cinza e presa. Pois bem: embora o utânimo esteja fora de rãda desde que o seu apóstolo ministro, o infelêz condô de Afonso Celso passou de Afonso de Albuquerque a Afonso de Albuquerque quando é manhãzinha, a pupila se dilata no presente de contemplar a tela verde-gaio que se projeta na parede do infinito, como um "alide" impressionista: primeiro um chão de jade espetado simetricamente por coqueiros-crianças; depois a Baía, cuja função cósmica é virar os grãos da orla do Rio de Acúcar de cabeça para baixo; a seguir, as montanhas, recortando a paisagem para impedir o fundo falso. Por fim o céu, compondo a moldura. As vezes metendo, de outras limdo galgo.

Falo, é claro e meio privilegiadamente, dos que como eu mereçam a bênção de fazer o ping-pong Zou, Sul-Centro, pelo Alentejo. Assim o socorrido quando é manhãzinha, a pupila se dilata no presente de contemplar a tela verde-gaio que se projeta na parede do infinito, como um "alide" impressionista: primeiro um chão de jade espetado simetricamente por coqueiros-crianças; depois a Baía, cuja função cósmica é virar os grãos da orla do Rio de Acúcar de cabeça para baixo; a seguir, as montanhas, recortando a paisagem para impedir o fundo falso. Por fim o céu, compondo a moldura. As vezes metendo, de outras limdo galgo.

Do outro lado... bem, do outro lado o Cristo, de lenço na mão, voz embargada, olhos inchados de tanto chorar. Por quê? Pergunte ao João.

Novo KS do Ericsson inaugurado pela RN

A Gradus Jornalismo, proprietária da REVISTA NACIONAL, constituiu na primeira empresa do Rio de Janeiro a utilizar o Multivox, o novo revolucionário KS, da Ericsson, a nível de Diretoria, recém-lançado em todo o país. O equipamento acaba de ser inaugurado nas novas instalações da sede da RN, na Cinelândia, com a presença de Diretores da Ericsson do Brasil.

O novo equipamento — com capacidade para 5 toncos e 12 ramais — reúne num só aparelho todas as vantagens dos principais KS até então conhecidos. Tem projeto avançado, com teclas em vez de disco, oferece sigilo absoluto e é dotado de memória. Um dos melhoramentos do KS é o jatinho especial que tem para lembrar, cada 50 segundos, as chamadas em espera que tenham sido esquecidas. Outro: toda vez que a linha chamada estiver ocupada não é necessário repetir a operação de chamar o telefone desejado, basta apertar a tecla-memória. Leve e compacto, o Multivox já vem dotado de bloqueadores de DDD e DDI e funciona com "fios" de computador — um diodo luminoso de duração infinita, ao invés de lâmpadas e mantém em sinalização sonora mesmo quando ocorrer uma eventual falta de energia.



O jornalista Maurício Moreira, criador e diretor da REVISTA NACIONAL, inaugura o Multivox — novo KS da Ericsson — na presença da partir de esquadras dos engenheiros Wilson Alves e Paulo Roberto C. Lima, respectivamente, Diretor Nacional de Ericsson no Rio de Janeiro e Chefe da Seção Técnica, e dos Diretores da RN, Osaciano Vasconcelos e José Aylor Rocha.

SEBASTIÃO
CERY

Antônio Carlos

O puxão

Santo Amaro, cidade mulata de Caetano e Beátria no Recôncavo da Bahia, fez 160 anos no dia 14 de junho. Hoje festas e festividades.

O governador Antônio Carlos Magalhães estava lá. Estava lá o professor e jornalista Jorge Calmon, diretor de "A Tarde". Também lá estava o empresário Orlando Moscoso Barreto de Araújo.

Orlando Moscoso recebeu o título de cidadão de Santo Amaro. Jorge Calmon fez conferência sobre o 14 de junho de 1822 e Antônio Carlos Magalhães recebeu o título de comendador da Ordem Municipal do Brasil, criado pelo prefeito Váler Figueiredo só para homenagear o governador.

Váler Figueiredo foi eleito prefeito, depois de violentíssima campanha de oposição, pelo MDB da Bahia. Empossado, aderiu ao PDS do governador e na solenidade de entrega do grau de comendador, concluiu seu discurso assim:

"Povo de Santo Amaro, povo da Bahia, povo do Brasil, preito falar a Deus. Trair Antônio Carlos Magalhães".

Na Câmara Municipal a oposição já propôs criar a Ordem Municipal do Puxão. Comendador, prefeito Váler Figueiredo.

Gaúchas

1 — O capitão Raran era candidato do MDB a prefeito de Caxias, no Rio Grande do Sul. No meio da campanha, seu genro, deputado federal Tazes Gonzales, morreu repentinamente em Brasília. Raran viajou.

Mas naquela noite estava marcado um comício da campanha no distrito de Galópolis. Raran mandou um assessor representá-lo. O homem chegou lá, nunca tinha falado em público. Foi para o piquete, deu o recado:

— Minhas senhoras e meus senhores. Estou aqui em nome do capitão Raran. Ele manda pedir mil desculpas, mas não pôde vir pois teve de viajar com urgência a Brasília, porque seu genro, o deputado Tazes Gonzales, morreu de Improvisio.

E desceu.

2 — Mário Miguel, do PTB, e Ivo Ramos, do PL, disputavam liderança no distrito de Passinhos, em Osório. Suptes de vereador, acabaram convocados para a Câmara. Na primeira sessão, Ivo foi para a tribuna e começou a enumerar as obras que havia feito como suprefeito de Passinhos.

Mário Miguel, impaciente, pediu um aparte. Ivo Ramos concedeu:

— Vossa excelência tem o aparte. Mas pode falar sentado mesmo, que o regimento da Câmara permite.

— Não, muito obrigado. Eu quero chamar vossa excelência de mentiroso e em pé mesmo.

E chamou.

"Não" categórico

O irmão do presidente Figueiredo, general Euclides, compareceu ontem ao velório e enterro do general Milton Tavares de Sousa. Com os repórteres foi categórico:

— Não falo com a imprensa.

— Por quê? — quis saber um repórter.

— Porque eu cheguei à conclusão de que toda a imprensa é desonestas.

O senhor não está se referindo apenas a uma coluna de jornal que falou sobre problemas na família Figueiredo? — tentou outro repórter, buscando prolongar a conversa.

— Eu não quero falar nada. Façam o favor de embora.

A posição, aliás, não parece ser isolada. Cedo, pela manhã, o inspetor-geral das Polícias Militares, general José Ramos de Alencar, defrontando-se com um repórter após uma reunião com oficiais da PM fluminense, disse:

— De que jornal é senhor, é?

— "O Estado de S. Paulo".

— Não falo com jornal mentiroso.

— Mas...

— E como é mesmo o nome daquele outro jornal de lá?

— "Folha de S. Paulo"?

— E. Esse também.

E bateu em retirada.

O convite



José Joffily

Fez 9 anos agora em fevereiro. Juscelino Kubitschek e João Sara foram passar o Carnaval de 1972 no Hotel Tambau, em João Pessoa. Acompanhava-os um amigo paulista, Sebastião de Almeida Ribeiro, e a mulher.

Sexta-feira, o ex-deputado e historiador parabaio José Joffily foi visitar JK, encontrou-o eufórico, na beira da piscina:

— Seu Joffily, estou adorando a sua terra. Essa sua gente é encantadora. Agora mesmo, saia daqui o presidente com uma comissão do Clube Cabo Branco: vieram me convidar para brincar o Carnaval nos bailes deles. Fiquei comovido e vou.

— Foi mesmo?

— Foi, por quê?

— Então as coisas estão melhorando.

presidente. De qualquer forma, é uma homenagem ao senhor, um gesto importante.

José Joffily saiu, voltou no domingo, Juscelino estava na beira da piscina, amargurado:

— Sua desconfiança tinha razão, Joffily.

— O que aconteceu, presidente?

— Sairi daqui, agora, o presidente do Clube Cabo Branco, o Haroldo Lucena (irmão do senador Humberto Lucena, do MDB-RN) que veio me descobrir.

— Por quê?

— Porque o general comandante da Guarnição mandou dizer ao clube: "Se ele for, eu não vou."

Joffily ficou calado. JK sorriu:

— A única patente que me restou, seu Joffily, foi a de coronel-médico reformado da Polícia de Minas. Vále pouco.

Raul Giudicelli

O grande momento
de Josué Montello

Preciso de um artigo e ligo para Josué Montello — um homem que sempre me salva nas horas difíceis. Ele é incrível escritor, que aliás as suas características firmes de maranhense, à astúcia mineira e à ginga carioca, me ouve com a estabilidade de sempre, e é com ela mesma que me deixa straphaludo:

— Para hoje não vai ser possível.

Como sei que Josué Montello não falha nunca, fiquei uns três segundos em silêncio, mais ou menos estático frente àquele inesperada negativa. E esse brevíssimo período de tempo foi o suficiente para que ele liqüidasse com meu deslento:

— Eu não posso, Raul, porque acabo de escrever a última linha do romance que ainda hoje vou entregar ao editor. Acho que foi a coisa melhor que já fiz. Não sei se estou certo. Vamos ver. Mas é a obra que encerra um ciclo da minha vida.

Nesse instante descobri que, naquele 7 de julho de 1981, estávamos, ele e eu, vivendo em mundos diferentes. Meus problemas nada tinham em comum

com os seus. Eu era um jornalista — ele, um escritor. Mas uma larga e grave diferença nos separava. Como tantos colegas, sempre me limitei a escrever sobre a História, ao invés de fazê-la. Josué Montello faz a História deste país. E se nos nivelamos na troca de efetos — o mesmo, é claro, não ocorre no terreno cultural.

Havia na sua voz, naquele 7 de julho deste ano, uma emoção que ele mesmo, talvez, não notara. Cumprimento-o pela notícia mas notei que minhas palavras pareciam não chegar até ele. E se estávamos em mundos diversos, como poderia ele dar uma atenção maior às minhas palavras colorosas de entusiasmo por esse marco da sua existência?

Confesso que, na hora, fiquei um tanto sem graça: nem conseguia o artigo que necessitava e nem recebi os agradecimentos efusivos de sempre. Notei que ele não foi longe — apenas delou-me que ser alegre, generoso e aberto como em outras ocasiões.

Em casa, à noite, o assunto me voltou à cabeça e me coloquei no lugar

d dele. Foi um impacto. Chamei minha mulher, Maril Berg, e narrei-lhe o episódio. Ela, escritora, ficou com pena de mim e me fulminou com uma frase.

— E que você nunca escreveu um livro. Seus cinco mil artigos em jornais e revistas e suas aparições na televisão não valem o final de um simples capítulo de uma obra feita com amor e sangue. Um dia, talvez, você chegue lá.

E é isso mesmo. Lembrai-me de vários exemplos semelhantes ocorridos com grandes escritores e me fixei em Proust. Fui lá estante e lá a retiral, para uma rápida releitura, a extraordinária biografia preparada por George Painter e que nos dá o mais completo painel da vida e obra do genial escritor francês.

E lá estava o apaknonite e comovido diálogo entre Proust e sua secretária-governanta, a incrível Françoise. Na cama, cinco minutos antes de sua morte, Proust pediu à sua auxiliar que lhe promettesse fazer algumas emendas nos originais de seu último livro e lhe transmitia sua derradeira instruções

Polônio: "Não entendo uma só palavra do que dizelis".

Hamlet: "Isso não me surpreende. As sutilezas morrem nos ouvidos dos néscios". (Shakespeare)

para o editor. É pungente perceber que Proust, lucido quanto aos seus minutos finais, não se queixasse de dores ou não alimentasse, como tantos, as esperanças de viver um pouco mais. Era a obra que interessava. A obra, apenas a obra e somente a obra.

Felizmente, para todos nós, Josué Montello desfruta de ótima saúde e ainda vai dar ao Brasil o muito que ele tem guardado dentro de si. O paralelo, apesar dessa diferença total de situação, é a obra que interessa. A obra, apenas a obra e somente a obra.

Pensal, novamente, na minha errônea sensação de deslento durante nosso bate-papo, à tarde, sobre um artigo que eu precisava e só me veio à cabeça este pensamento:

Meu Deus, eu sou uma cavalariada.

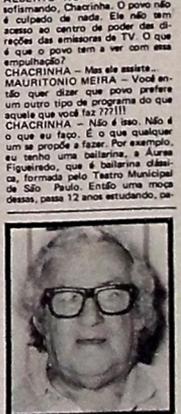
Chacrinha abre o jogo e solta a língua sem papas na língua

Loouco, irreverente, debochado, ou simplesmente gênio? Tudo isso já foi dito sobre Abelardo Barbosa, o Chacrinha, uma figura controversa e discutida, mas nunca ignorada. Não há meio-termo: Ou se gosta ou se detesta. Mas Chacrinha de carro-chefe da emissora na competição (ou não) com o Fantástico. E trabalho sério no lomo. E seu trabalho NACIONAL, com toda a franqueza que lhe é característica, Chacrinha solta o verbo, sem papas na língua. E dispara até ter níveis mortíferos sobre cabeças até então insuspetas. Leia e confira.

terão, numa chácara, na Rua Ge-
nário Pereira da Silva, e até hoje
sinda existe a casa. Então naquele
tempo pensavam que eu era um ca-
ra doído que morava em Niterói.
Oha, lá tem um doído, lá tem um
doído... Então eu acatueimei, na pri-
meira etapa da televisão, e fa-
zesse tipo de voz, esse tipo que o
povo faz no rua. Alô... como é que
vai, bem? Já me entendendo?
MAURITÔNIO MEIRA - A coisa
descontrolada, com humor e nor-
mal.
CHACRINHA - Afé a coisa pegou e
então eu fui acoustumando a fazer,
fazendo assim: O Maurítônio, como
é que vai, meu filho? Você tá bem?
como é que vão as coisas, tudo legal?
MAURITÔNIO MEIRA - Então, tu
agora, voltamos à pergunta que tu
fiz no início. De onde vem o Cha-
crinha nosodóimo?
CHACRINHA - Foi porque eu fiz
o Casino da Chacrinha, lá em
Niterói, e foi por causa de uma ope-
ração. Abômbi. Eu fiz uma ope-
ração de hêmia estrangulada. Então
eu fui Louzade, que hoje é ves-
dor.
MAURITÔNIO MEIRA - Depu-
tado.
CHACRINHA - Deputado. Ele fa-
za a oração da Ave-Maria e fica na
rádio até eu acabar, para a gente
sair, jump de sei lá, porque o Rio de
Janeiro, para todo que se movimen-
ta. Mas o que faz, mas o Rio de 40
é 66, 60, até a época dos casinos,
esté muito mais Rio.
ALTERNIR RODRIGUES - Chacri-
nha, você foi boêmio?
CHACRINHA - De bebida, não.
Mas foi de bater papo. Eu gostava
muito de bater papo. Mas hoje não
lugar pra você bater papo não tem
mais. Mas o que é que eu estava
fazendo?
QUASE TODOS AO MESMO TEM-
PO - Sobre o apelido de Chacri-
nha, como surgiu... (um tumulto
generalizado).
CHACRINHA - Então, já era Rá-
dio Tamíco. Começou na Rádio
Clube, foi na Rádio Mauá, foi na
Rádio Guaraná e na Tamíco foi que
demorei mais tempo. E na
Tamíco eu fui obrigado e o Louzade
reza a Ave-Maria e depois a fer-
ra do Casino da Chacrinha.
MAURITÔNIO MEIRA - Que ma-
ravilha!!! (gargalhadas gerais).
CHACRINHA - Então esse diazê. O
Casino da Chacrinha, a babafê,
e depois diazê: Abelardo Chacrinha
Barbosa - Abelardo Chacrinha vai
volter, a babafê, o Colli
Filho, que até hoje está na Rádio
Tupi, falava E agora vamos passar a
falar diretamente do Casino da
Chacrinha, na palavra de Abelardo
Chacrinha Barbosa. Afé foi contan-
do. Mas não vou falar do Casino da
Chacrinha, Barbosa desapareceu.
ALTERNIR RODRIGUES - Quando
você joga um bacalhau no auditó-
rio, por exemplo, é porque está

povo está precisando desse deabafo.
CHACRINHA - Mas quando eu jo-
go o bacalhau, eu não joga com essa
finalidade. Eu joga para dar um
café, a péssima que está em casa
pode pensar outra coisa. Mas não é.
E o povo também não senta isso,
porque a massa, o povo, não tem
a maldade da classe média.
MAURITÔNIO MEIRA - No seu
programa, por quem é que você tem
mais respeito?
CHACRINHA - Eu tenho respeito
pelo público.
MAURITÔNIO MEIRA - Mas que
tipo de público?
CHACRINHA - Qualquer um. Para
mim todos são iguais.
MAURITÔNIO MEIRA - Por
exemplo, eu sei que você, como
normalmente, tem o maior respeito
pelo calouro. Você respeita aquele
cara que está ali lutando por um
lugar ao sol. O que é que você
acha daquela doído, que vai ali
e por que esse respeito?
CHACRINHA - Programão não
é respeito. Afé, não, não, não, não
cais, fica louvo da vida porque eu
vou querê frustrar o camarada.
Mas eu, intimamente, fizo o com-
pê. O calouro sente que eu buzi-
no, ele não, não buzi no com ma-
lidade, com sacanagem. Tanto é que
eles querem voltar de novo.
ALTERNIR RODRIGUES - Chacri-
nha, você vive cercado de boas mu-
lheres. E a sua mulher, não tem
dúvida?
CHACRINHA - Ela deve ter.
ALTERNIR RODRIGUES - Nos úl-
timos 17 anos, a censura foi muito
impedida. Você sofreu com isso,
foi impedido de criar alguma coisa?
CHACRINHA - De fato, logo no
início, eu tinha coisa de mudança que
hoje, foi uma mudança violenta.
Principalmente nessa questão de
melhorar a Comunicação. O ex-
ministro das Comunicações, Higino
Correia, quando eu tinha a ideia de
(horas e imagens), ele errou. Ele de-
veira ter vindo! "vamos melhorar o
trabalho de vocês, Brasil, e não o
meu programa, por exemplo, que

gindo atreado, por motivo de
força maior. Você foi uma novidade
na televisão, mas não era uma no-
vidade no rádio, porque você já
fazia o Casino da Chacrinha. Como
é que você transferiu o Casino do
Chacrinha do Rádio, uma coisa que
você fazia sozinho, de cucaas, para
a televisão?
CHACRINHA - O primeiro pro-
grama que eu fiz na televisão, foi
um programa de cowboy, onde eu
era o herói, e o Carlos Imperial era
o moncho. Então eu já comecei di-
ferente. Eu queria levar o Chacrinha
do rádio para a televisão, mas fi-
quei três anos procurando uma
maneira, a linguagem, o jeito, aque-
las coisas todas. Até que eu fiz a
Discoata do Chacrinha, um pro-
grama de gravata, muito sério, e
passava em um trabalho com o qual
eu gostava. Mas tinha um sketch que
Hamilton Ferreira fazia, junto com
uma moça chamada Maria do Carmo,
que até hoje está na Rádio
Tupi. Então esse lá enfaltava tudo
boceta aquela roupa, esse negócio
tudo. E lá eu dizia Chacrinha, o
negócio é botar umas roupas
na mulher. Afé, veio a roupa e até
60 passou a ser a roupa, a lingua-
gem. E eu então passei a ser moven-
tado no louro. Já não era mais o
louro do rádio. Era o louro da tele-
visão.
ALTERNIR RODRIGUES - Como foi
que você pôde conviver com uma
televisão tipicamente da palató e
quanto você decidiu esculhambear
a guerra?
CHACRINHA - Não tinha nada a
ver. No rádio eu tinha criado um
nha que levei para a televisão tam-
bem um Chacrinha irreverente. Por-
que a minha cabeça dizia que
quando eu o povo entendesse o
meu negócio na televisão esse
povo iria gostar. Não digo todo
povo, mas sempre tem gente que gos-
ta, gente que não gosta. Um dia,
fazia o programa em Niterói, não
tava programa e eu fui num bar on-
de se reunia o pessoal de rádio do
Rio de Janeiro. Ledera Renato Fron-
ze cobrava. Eu entendi modestamen-
te. Foi tomar um copo de leite, e
algum diazê: "aquele ali é cara de
Niterói". O Cesar Ledera levantou
meio, e veio falando comigo: "me
cumpre a vida, me dá os parabéns. En-
tão há gente que acaba das coisas
que gostava. Afé eu procurei ser cada
vez mais louco."
MAURITÔNIO MEIRA - Você
deu entrevista em certa parte cer-
ca da televisão, não foi declarado
fazer tudo o que você queria fazer.
Eu lhe pergunto o seguinte: em que
momento você se deu conta de que
era você só?
CHACRINHA - Já está é censura.
Afé é o povo que já não está magne-
tizado pelo mecanismo estranho, que
eu não sobre nem mais o que é
MAURITÔNIO MEIRA - Isso é
muito importante. Debulha isso.



"Aqui quem julga é o povo. Por isso eu peço a este seletor, a este abominável auditório, que decida quem vai para o trono."

depois ganhar quatro mil cruzrei-
los no Brasil. E é isso que eu quero
me referir.
ALTERNIR RODRIGUES - Tudo bem.
Deixa eu agora dar uma de advoga-
do do diabo. Chacrinha, você
escreve numa porção de lugares,
certo? Você acha honesto, decerne,
eu escrever para uma porção de
lugares sem que eu mesmo o autor
desse textos?
CHACRINHA - Deixa eu explicar.
ALTERNIR RODRIGUES - E você
escreve suas colunas?
CHACRINHA - Deixa por cento.
É, eu escrevo e ele faz o colunista.
(Chacrinha referia-se a Emilia Pires,
a jornalista do seu programa, ore-
lante à entrevista). Agora, o que
acontece, é que eu faço isso, depois
seguinte. Já que o negócio é pa-
ra valer, tem que ser para valer. Eu
faço isso porque, para falarem sobre
você, você tem que pagar.
MAURITÔNIO MEIRA - Co-
mo? (???)
CHACRINHA - Para falarem sobre
você, você tem que pagar.
MAURITÔNIO MEIRA - Isso é
muito importante. Debulha isso.

"Aqui quem julga é o povo. Por isso eu peço a este seletor, a este abominável auditório, que decida quem vai para o trono."

PONTO DE ENCONTRO

PRÊMIOS ESSO COM CR\$ 700 MIL ESTE ANO



A partir de esquerda, Roberto Seixas, da Easo, Celso Luis Mansur, da Petrobrás; Henrique Galvão, do Ministério do Planejamento; Rafael Azeiteiro, do Ministério de Fazenda; Aristoteles Drummond, do Ministério de Minas e Energia e Gomes Maranhão, da ABI. Sentados: Joel Silveira e Maurício Carneiro de Lacerda, de RN.

O Prêmio Easo de Jornalismo — o mais importante do país em sua categoria — distribuirá este ano um total de Cr\$ 725 mil, para assinalar seus 26 anos de existência. A informação foi fornecida por Wandry B. Nogueira, da Easo Brasileira de Petróleo, durante o almoço de lançamento do prêmio deste ano. Ao vencedor do prêmio principal caberão Cr\$ 350 mil; cada um dos vencedores das cinco categorias, Cr\$ 50 mil e mais Cr\$ 25 mil para cada um dos cinco prêmios regionais. As inscrições estarão abertas até o dia 30 de setembro. Os trabalhos inscritos serão classificados, pela Comissão de Julgamento, em cinco categorias: Reportagem, Fotografia, Informação Econômica, Informação Científica ou Tecnológica e Informação Esportiva. Entre estas, será escolhido o Prêmio Easo de Jornalismo.

Destinados a trabalhos procedentes de municípios que não tenham sido premiados em nenhuma das categorias, os Prêmios Regionais são divididos em — Norte (Roraima, Amapá, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Maranhão e Piauí);



O Secretário de Educação do Rio de Janeiro, Arnaldo Niskier, e Gerente de Assuntos Públicos da Easo, Wandry B. Nogueira (centro) e Gomes Maranhão, Vice-Presidente da ABI.

Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Fernando de Noronha, Alagoas, Sergipe e Bahia); Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo); Centro-Oeste (Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais); Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

FIM-DE-SEMANA GRÁTIS EM SÃO PAULO

Diante da queda das lareiras, é a criação de um plano Executivo, cujos empresários do setor, mesmo os dos grandes centros, já começam a se preocupar e a tomar iniciativas em defesa da atividade.

Para adaptar-se a esta conjuntura econômica, a Rede Eldorado de Hotéis vem colocando em prática uma série de estratégias e alternativas capazes de satisfazer às necessidades do cliente atual.

A mais recente delas, pioneira em empresas simi-

lares, é a criação de um plano Executivo, cujos empresários do setor, mesmo os dos grandes centros, já começam a se preocupar e a tomar iniciativas em defesa da atividade.

Para os que tiverem necessidade de permanecer em São Paulo somente por dois dias, há o Mini Plano Executivo, com a mesma tarifa do plano anterior, mais uma diária grátis no fim-de-semana. Qualquer destes dois planos, que só serão válidos mediante reserva feita antecipadamente, incluem tanto a taxa de serviço como o famoso café-da-manhã do Eldorado Boulevard.

Essa promoção inédita, da Rede Eldorado de Hotéis, permite ao executivo que vier a negócios a São Paulo, por um mínimo de três dias, entre segunda e sexta-feira, trazer sua esposa e uma criança, por uma diária fixa de Cr\$ 6.250,00 (diária de solteiro) e o famoso café-da-manhã do Eldorado Boulevard.

UM EXEMPLO

O Governador do Maranhão João Castelo vem dando um exemplo de dinamismo à frente dos destinos de seu Estado. Em dois anos, fez o que o Embaixador Roberto Campos chamaria de "reversão de expectativa": o Maranhão exportava — e como exportava! — mão de obra; já agora está importando para trabalhar nas 1.300 obras que estão em curso no Estado. Uma delas, a da Alcoa, vai empregar 6 mil trabalhadores na fase de construção de uma fábrica de alumínio.

A necessidade de braços é de tal ordem que até anúncios já foram publicados no país, chamando os maranhenses de volta, à base do "maranhense come back". Um exemplo.



MAURITÔNIO MEIRA — O que é Chacrinha?

CHACRINHA — O Chacrinha é um camarada que nasceu no Norte, em Pernambuco, Surubim, e criou-se no Norte, no Nordeste, naquela região toda, vendo festas de Igreja, quermesses, vendo bumba-me-boi, vendo pastoril, vendo coque, vendo coqueira, e essas coisas e estudou medicina até o terceiro ano. Mas já no Norte, ele era o orador do catacismo, já tinha em sua mão um teatrinho, porque naquela tempo não tinha nem rádio nem televisão, nem nada. Nem rádio tinha, era 1932, não chegava lá.

MAURITÔNIO MEIRA — Mas isso aí é o Abelardo. Eu quero saber é do Chacrinha, o que é o Chacrinha.

CHACRINHA — O Chacrinha é um reunido de tudo isso aí. Porque aquilo tudo ficou na minha cabeça, e eu qui fiz no rádio aquilo do ambiente em que eu mecriei. E depois quis levar para a televisão aquilo coisa que até hoje não sai de minha cabeça, que é o Norte e o Nordeste, a maneira como a gente vivia, a maneira como se via.

MAURITÔNIO MEIRA — Quer dizer, uma reunião do que você foi na infância, na juventude e depois no rádio...

CHACRINHA — É. Porque eu procurei levar isso para o rádio e para a televisão, para o povo ver, para o povo assistir.

MAURITÔNIO MEIRA — Como é que foi a sua infância?

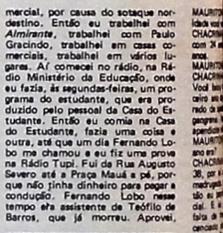
CHACRINHA — A minha infância foi trabalhando sempre, com meu pai ou com outras pessoas, que estudando.

MAURITÔNIO MEIRA — Seu pai, o que se...

CHACRINHA — Meu pai... Eu nasci em Surubim, de Surubim fui morar em Caruaru, de Caruaru fui para Campina Grande; e de Campina Grande fui para Recife. Então, meu pai era marista, tá entendendo, a família da minha mãe tinha casas comerciais, lojas em Surubim, tinha depois de casado, que ele fez, foi vender água em Caruaru, de caminhão. Sala com o caminhão cheio d'água é a vender nas casas em Caruaru. De Caruaru nós fomos morar em Campina Grande, onde tinha um tio meu, um grande comprador de algodão, tio Demóstenes Barbosa, e lá então meu pai começou a transportar algodão, em caminhão. Porque lá, antes, o algodão era transportado em burro, jique. Tio Demóstenes financiou o primeiro caminhão e meu pai chegou a ter 10 ou 12 caminhões.

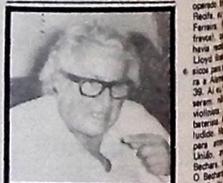
MAURITÔNIO MEIRA — E como foi que surgiu o apelido de Chacrinha?

CHACRINHA — Em 1940, quando eu vim para o Rio, tendo eu já mais não aprovi como locutor co-



Coordenado e chefe de Alberto Nunes.

Foto: FLORENTINO



"Aqui quem julga é o povo.

Por isso eu peço a este seletor, a este abominável auditorfóro, que decida quem vai para o trono."

mas oito meses depois o sotaque não dava certo e eu abandonei o Tupi e resolvi sair do rádio, definitivamente. Porque eu vim para o Rio para estudar medicina, porque no Recife eu estudei até o terceiro ano de medicina...

ALTENIR RODRIGUES — Você tinha vocação para medicina ou era uma imposição de família?

CHACRINHA — Não, não. Talvez fosse um desejo de família, você tá entendendo? Mas tanto que a minha vida foi cortada. Se eu tinha vocação, dentro de mim já brotava alguma coisa para o rádio ou a televisão, para a parte artística. Porque eu já fazia teatrinho, lá em Campina Grande, era orador do catacismo, e toques três anos no Bando Acadêmico, na época que Noel Nutella, Fernando Lobo, Capiba, Plácido de Sousa. Eu tocou instrumento de percussão. Então eu vim para o Rio em 40.

MAURITÔNIO MEIRA — Para fazer medicina...

CHACRINHA — Eu vim mais para estudar do que propriamente fazer outra coisa. Mas o dinheiro não dá e eu não pude continuar os estudos.

CHACRINHA — Para falarem de mim, eu tenho de pagar, senão não sei.
 ALBERTO NUNES — Você paga o espólio?
 CHACRINHA — Não, pago o carr que faz a sede.
 MAURITÔNIO MEIRA — O cara, o jornalista?
 CHACRINHA — Sim, senhor.
 MAURITÔNIO MEIRA — Nos grandes jornais?
 CHACRINHA — Em todos os jornais. E não sou só eu. É qualquer um. A não ser uma cara como Castor, Bethânia, Gil, e outros, que têm um esquema, e além de terem um esquema, têm uma jornalista que gostam deles.
 MAURITÔNIO MEIRA — Quer dizer que você só tem desenvolvido se pagar aos jornalistas para escreverem sobre você?..
 CHACRINHA — Isso vou tem que pagar aos jornalistas para escreverem sobre você?..
 MAURITÔNIO MEIRA — São os diretores dos jornais onde trabalham essas figuras, sabem desse esquema?
 CHACRINHA — Devo saber porque eles têm, não têm? Como é que eles não iria saber... Sessenta por cento desse pessoal que trabalham. Colunistas sociais, então, são os piores. Lá em São Paulo, por exemplo, quase todos os jornalistas que trabalham em uma empresa para esse tipo de negócio. E eu não estou aqui dizendo que sou anjo... Só estou respondendo a essa pergunta.

ALBERTO NUNES — Qual é a sua opinião sobre o crítico de televisão?
 CHACRINHA — O crítico de televisão no Brasil, hoje em dia, com raras exceções, é o crítico que quer um emprego na televisão, e se quer ser jurado de televisão, ele quer ser produtor de televisão. Então, se o que escreve para conseguir esse negócio, para chegar lá.

JORGE ROBERTO MARTINS — E qual é o critério que você usa para beneficiar essas pessoas?
 CHACRINHA — Grande grana.
 MAURITÔNIO MEIRA — E como está o câmbio nessa área?
 CHACRINHA — Isso eu não sei.

ALBERTO NUNES — Como não sabe, se você mesmo foi quem entrou todo mundo aqui mesmo?
 CHACRINHA — Não sei porque, atualmente, eu não pago a ninguém.
 ALBERTO NUNES — Chacrinha, se eu vou lhe pedir notas de zero a 10 para alguns críticos de televisão, se é que se pode chamar assim todos eles. Mr. Eco?

CHACRINHA — Dez. Mascarenhas, eu não dou nota a ele não.
 JORGE ROBERTO MARTINS — Zero.
 ALBERTO NUNES — Nelson Ribeiro.
 CHACRINHA — Zero.

REGINA COELHO — Gita Uem.
 CHACRINHA — Zero.
 REGINA COELHO — Eli Hailton?
 CHACRINHA — Dez.
 ALBERTO NUNES — Artur da Távola?
 CHACRINHA — Zero.

JORGE ROBERTO — Maria Helena Dutra?
 CHACRINHA — Dez.
 MAURITÔNIO MEIRA — O que é que você acha de Walter Clark?
 CHACRINHA — Walter Clark é um grande executivo, um executivo que conseguiu como boy no rádio e na televisão, fez um belíssimo trabalho no TV Rio, na TV Globo. Hoje está na TV Bandeira e não se pode ter uma idéia certa do Walter Clark, a não ser que você vá lá e se desloque um pouco.

JORGE ROBERTO — Quem não dá nota?
 CHACRINHA — As pessoas que cercam eles. Mas ele não vai porque também nunca sou o convidado dele.
 MAURITÔNIO MEIRA — Quem são essas pessoas que impedem de o Chico ir ao programa?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

MAURITÔNIO MEIRA — Ele em relação ao Chacrinha?
 CHACRINHA — A nossa amizade é a melhor possível, e se eu posso me ajudar.
 MAURITÔNIO MEIRA — E profissionalmente?
 CHACRINHA — Profissionalmente, não tem o maior problema. Agora mesmo eles investiram três bilhões no meu programa, só o dinheiro que eu ganhei, o que faltou na Globo. Não Globo o pessoal quer uma coisa de mim, mas não me dava nada em troca.



Mauritônio Meira Regina Coelho, Alberto Nunes e Marilda Pedrosa com Chacrinha na sede da RN.



MAURITÔNIO MEIRA — E o Boni?
 CHACRINHA — Walter Clark é um grande homem de vendas, entende muito do negócio e o Boni também é um grande diretor executivo. MAURITÔNIO MEIRA — As suas relações com o Boni, são boas?
 CHACRINHA — São boas também.

ALBERTO NUNES — Mas um determinado momento você brigou com o Boni, não brigou?
 CHACRINHA — Não, eu vou explicar o seguinte (Chacrinha fica meio atrapalhado).

ALBERTO NUNES — Brigou ou não brigou?
 CHACRINHA — O que houve foi o seguinte: E que o Boni queria me enquadrar no padrão global. Eu já me saíria da TV Globo. Na época fazíamos três meses para acabar o meu contrato e o Hansão Pacheco já estava tratando de renovar esse contrato. Mas aconteceu que um dia o Joca Chaves deu uma entrevista no meu programa e começou a se esculhambar a televisão. Ai o Boni telefonou da casa dele e mandou que eu viesse ao programa. E me tirei o programa do ar. No outro dia, mandei dois advogados à TV Globo, pedi a minha rescisão do contrato, inclusive o Dr. Roberto Marinho telefonou para a minha casa, mas eu não acreditei que fosse ele. E talvez até hoje eu não saiba que eu não atendi porque não acreditei que era ele. Mas tenho certeza de que eu tivesse atendido a ele, eu não teria saído da TV Globo.

MAURITÔNIO MEIRA — Mas você acha que o telefonema do Dr. Roberto seria para chamar você de volta ou para dar uma desculpa qualquer?
 CHACRINHA — Não. O telefonema do Dr. Roberto seria para eu não sair da TV Globo.

MAURITÔNIO MEIRA — Há uma acusação a você, de que os cantores pagam ao seu programa, pagam a você. É verdade?
 CHACRINHA — Não pagam coisa nenhuma. A crítica que faz isso é a que mais recebe. Não digo que não exista uma troca de interesses entre um músico e a televisão. Mas eu não tenho de categoria e me manda dois cantores que eles está fazendo o telefonema do Dr. Roberto.

JORGE ROBERTO — Por que o Chico Buarque nunca foi ao seu programa?
 CHACRINHA — O Chico nunca foi ao meu programa porque quando ele faz Pedro Pedrosa, houve um negócio em São Paulo entre eu e ele. Mas ele não vai ao meu programa não é porque ele não quer, é porque ele não quer ir.

JORGE ROBERTO — Quem não dá nota?
 CHACRINHA — As pessoas que cercam eles. Mas ele não vai porque também nunca sou o convidado dele.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

As grandes coisas, eu não acho o Bô de Das Garafas, não conheço o movimento da Bossa Nova. Eu conheço. Eles Regina quando ela veio de Porto Alegre, pedindo pelo amor de Deus, de chinelos, para cantar, eu conheci João Gilberto quando ele foi no trem comigo e Astrud de chinelos, com o pé sujo. Ai de repente vim eu e cara não sei de onde dizendo que João Gilberto é do cacete e coisa e tal. Que pó é essa?

MAURITÔNIO MEIRA — Então você acha que tudo isso é impo...
 CHACRINHA — É impo...
 MARILDA PEDROSA — Mas você não acha que eles realmente criou um estilo dentro da música brasileira?

CHACRINHA — Se ele criou ou não criou, eu não sei. Mas eu acho que estão aí, e não descau e não saiu do que eu não discuto. O que eu digo é que nenhum desses caras que estão aí, em consequência e mais não sei o que eu não discuto.

MAURITÔNIO MEIRA — Depois que essa gente toda, João Gilberto, Castor, Bethânia, chegou ao nível em que está hoje.
 CHACRINHA — Bethânia, não, tira ela daí. Nunca me pediu nada, não. Mas eu não quero que ela não vá. Não vamos dar notas. Mas a pergunta é a seguinte: você já os procurou para o seu programa e eles recusaram, ou não recusou?

CHACRINHA — Nunca procurei. Todos me saíram no início, me procuraram. Eu nunca procurei.
 MAURITÔNIO MEIRA — Se você os procurasse, você acha que eles iriam?

CHACRINHA — Poderiam ir e poderiam não ir. Mas como eu sempre vivi sem eles, continuo vivendo sem eles.
 JORGE ROBERTO — Você não está muito amargo, não?

CHACRINHA — Não, não estou amargo, não. Eu respeito profundamente o pensamento deles.
 ALBERTO NUNES — Eu acho que você, tendo um programa popular, de que realmente as pessoas gostam, tem a obrigação de convidar esses cantores. O que é que você acha de Chacrinha? Não. Porque de cada vez encontra o empresário no meio.

MARILDA PEDROSA — Mas tem muito artista independentemente.
 CHACRINHA — Mas quase todos são do tipo Pedro D'Ársio. O Mário Evertson Schneider — O Chacrinha não dá nota para ele. Mas ele não dá nota para ele. Mas ele não dá nota para ele.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

trois foram. Agora, tem uma coisa: todo esse pessoal que está em evidência... Antônio Marcos foi calouro do meu programa; Joana foi caloura do meu programa; Fábio Júnior foi calouro do meu programa; Roberto Carlos foi cantor quando eu não meu programa.

MAURITÔNIO MEIRA — Nessas 40 anos em que você criou muita gente, fez nascer muita gente, eu pergunto: qual o melhor cantor de todos?
 CHACRINHA — Dos cantores todos, por mais incrível que pareça, eu encontrrei dois caras que foram de melhores cantores: Agnaldo Timóteo e Nelson Ned.

MAURITÔNIO MEIRA — E o pior?
 CHACRINHA — O pior... não tem o pior.
 MAURITÔNIO MEIRA — O sofrível?
 CHACRINHA — Não.

MAURITÔNIO MEIRA — Depois que essa gente toda, João Gilberto, Castor, Bethânia, chegou ao nível em que está hoje.
 CHACRINHA — Bethânia, não, tira ela daí. Nunca me pediu nada, não. Mas eu não quero que ela não vá. Não vamos dar notas. Mas a pergunta é a seguinte: você já os procurou para o seu programa e eles recusaram, ou não recusou?

CHACRINHA — Nunca procurei. Todos me saíram no início, me procuraram. Eu nunca procurei.
 MAURITÔNIO MEIRA — Se você os procurasse, você acha que eles iriam?

CHACRINHA — Poderiam ir e poderiam não ir. Mas como eu sempre vivi sem eles, continuo vivendo sem eles.
 JORGE ROBERTO — Você não está muito amargo, não?

CHACRINHA — Não, não estou amargo, não. Eu respeito profundamente o pensamento deles.
 ALBERTO NUNES — Eu acho que você, tendo um programa popular, de que realmente as pessoas gostam, tem a obrigação de convidar esses cantores. O que é que você acha de Chacrinha? Não. Porque de cada vez encontra o empresário no meio.

MARILDA PEDROSA — Mas tem muito artista independentemente.
 CHACRINHA — Mas quase todos são do tipo Pedro D'Ársio. O Mário Evertson Schneider — O Chacrinha não dá nota para ele. Mas ele não dá nota para ele.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

MAURITÔNIO MEIRA — Quem são os tais críticos, que não dá nota para ele?
 CHACRINHA — São os tais críticos, os que estão eliziando João Gilberto, por exemplo, porque hoje todo mundo fala em João Gilberto. Quando eu conheci João Gilberto, ele era o irmão do Carlos da Lua.

Alis, minto. A primeira vez em que ali cantou no meu programa, i pedido de Guilherme Araújo, ali cantou com o nome de Maria Graça. Ai eu disse nunca mais na traga essa mulher: para cantar no meu programa, porque ela deu-nos muito mais do que o diabo.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando foi feita a maior injustiça ou a maior?
 CHACRINHA — Eu não quero falar de pessoas. Mas a maior injustiça que eu tenho mágoa mesmo, é a certas pessoas da Imprensa. Eu das que pensam que, na vida, eu sou um cara medíocre, analfabeto de pai e mãe. Então o Chico Arnsio fez o que eu fiz: ficou com cara de fazer o que eu fiz: ficou por que é que eu não posso. Mas eles fizeram isso para me acusar. Mas quando eles fizeram isso eu digi no programa: é fulano, oha um não pago para você.

ÉVERTON SCHNEIDER — Há um ano, mais ou menos, você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que não eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

"Aqui quem julga é o povo. Por isso eu peço a este selto, a este abominável auditorio, que decida quem vai para o troco."

CHACRINHA — O pior... Teixeira, por exemplo, que eu lancei. ALBERTO NUNES — Teixeira tinha um muito longe.

MAURITÔNIO MEIRA — Roberto Carlos foi mais carter, porque foi o cara que eu mais ajudei. Outro meu carter, João Gilberto. Pronto, acabou. Porque quando João Gilberto queria, sabia o caminho de João Mauz, ou do violão, pra eu tocar o disco dele e nunca me agradeceu. O Roberto Carlos, respeito a forma de boas festas. Nem eu quero também cartão de boas festas dele. Eu sempre vivi sem ele e vou até hoje. Agora tem de deixar bem claro: eu não tenho um pinga de raiva de Roberto Carlos. Respeito a forma de boas festas. Nem eu quero também cartão de boas festas dele. Eu sempre vivi sem ele e vou até hoje.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.

MAURITÔNIO MEIRA — Quando você foi para São Paulo, em delegacia, em São Paulo numa comissão de censura como foi isso?
 CHACRINHA — O que aconteceu foi o seguinte: quando eu fui chamado de se vestim as chactras. Faltava mais hora para começar o programa e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela foi para cima minha hora, a senhora não pode ficar ali e tinha uma senhora a fazer perguntas. Ela estava com a diase que ele era da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura. Então eu respondi que eu não sou da Censura.



Na presença de Eurico Rezende, o Diretor da DER/ES assina o documento que garante o asfaltamento da rodovia entre Boa Esperança e Nova Venécia

Dirigindo uma petrel à frente de um comboio de máquinas rodoviárias e basculantes, o governador Eurico Rezende deu início aos trabalhos de asfaltamento da rodovia estadual ES-130 no trecho que liga Boa Esperança a Nova Venécia, em solenidade realizada em Boa Esperança e que encerrou a assinatura de 12 convênios em benefício de quatro municípios do noroeste do Espírito Santo. Envolvendo recursos de quase meio bilhão de cruzeiros, os convênios assinados no último sábado em Boa Esperança vão garantir a concretização do Programa de Desenvolvimento Rural do Espírito Santo na região noroeste, que terá na cidade de Nova Venécia seu centro de convergência e de polarização do progresso.

Integram a região beneficiada os municípios de Boa Esperança, Nova Venécia, São Gabriel da Palha e Barra de São Francisco, cujas prefeituras participam com Cr\$ 28,2 milhões, o Governo do Estado com Cr\$ 141,150 milhões e o Ministério do Interior com Cr\$ 293,7 milhões e a Emater e Emcapa com Cr\$ 5,6 milhões cada uma.

Além do asfaltamento do trecho Boa Esperança/Nova Venécia da ES-130 com 28 quilômetros — o investimento de maior vulto e significação econômica — os convênios assinados em Boa Esperança vão da construção e reabertura de estradas vicinais para o escoamento da produção agropecuária dos quatro municípios, até pesquisa agropecuária, produção de sementes e mudas, abastecimento de produtos hortícolas, cooperativa comunitária de indústrias caseiras, recuperação de

valas úmidas, centro de Integração social e ampliação de rede de telefonia rural.

REALIZAÇÕES

O governador Eurico Rezende disse que havia escolhido a sede do município de Boa Esperança dentre os outros três por ser ele o menor município beneficiado e também porque, "a partir de agora, estaremos sob a égide da boa esperança", e dirigindo-se à multidão que o aplaudia disse até breve, pois garantiu que voltará àquela região com mais obras ainda.

Resultando que não havia prometido asfaltar o trecho da ES-130 que liga Boa Esperança e

Começou a redenção do Noroeste do Estado do Espírito Santo

MARCELO FARIA



Dirigindo uma petrel, Eurico Rezende deu início às obras de asfaltamento da rodovia ES-130, que ficará pronta ainda em sua administração

Nova Venécia, Eurico Rezende explicou que tinha gravados em sua memória os inúmeros pedidos para a realização daquela obra, mas que nada havia dito antes porque só gosta de anunciar um empreendimento quando já tem o dinheiro necessário depositado. A preçosa atual são Cr\$ 194,291 milhões.

Eurico Rezende frisou ainda que não estava apenas iniciando os trabalhos de asfaltamento mas que ele terá concluído em sua administração. "Acontecimento como este nunca houve no Norte do Espírito Santo", disse o governador, que prometeu dotar todas as sedes municipais com ligação telefônica com o Capital até o final de seu Governo.

Destacando a colaboração do deputado federal Walter De Prá na alocação de recursos junto ao Governo Federal, Eurico Rezende reafirmou sua preferência absoluta pelo Interior do Estado: "A Grande Vitória tem

recebido o nosso apoio, mas a nossa preferência é o Interior, especialmente o Norte do Espírito Santo".

Respondendo ao pronunciamento do prefeito de Boa Esperança, Amaro Cove, que se disse realizado com o pacote de obras garantido pelos convênios a seu município, Eurico Rezende prometeu examinar suas reivindicações, como instalação da Comarca, três ramais de eletrificação rural, ajuda na recuperação de pontes, melhoria no sistema telefônico da cidade, pequena ajuda no abastecimento de água do distrito de Santo Antônio e 150 metros de asfalto na Avenida Eurico Vieira de Rezende.

A ajuda para o abastecimento de água de Santo Antônio foi garantida na hora pelo presidente da Casan, Paulo de Miranda Pereira, e o asfaltamento da Avenida Eurico Vieira de Rezende, que dá início à ES-130

ligando Boa Esperança a Nova Venécia, o governador também afirmou: "pois ela passa pelo meu coração, já que leva meu nome".

A solenidade em Boa Esperança reuniu todas as lideranças políticas do Norte capixaba, secretários de Estado, autoridades do segundo escalão do governo, parlamentares estaduais e federais e vereadores, a quem o governador Eurico Rezende destinou mensagem especial, ressaltando sua condição "de confrontante do povo". "O vereador e o candidato a vereador são as razas de nossa carreira política".

Na fase de pronunciamentos, diversos líderes proferiram o governador, todos ressaltando a ajuda do Governo para a região e o cumprimento de suas promessas, com elogios à política da Interiorização do desenvolvimento posta em prática por Eurico Rezende.



Populares, amigos e correligionários receberam o governador em Boa Esperança

"Se Deus não existisse seríamos todos canalhas"

Walter Quintino esbarra comigo vociferando: — "O Nelson mandou dizer que está com furiosas saudades suas". No primeiro orelhão liqüei para ele. Atendeu. E eu — Nelson, estou com ulteriores saudades óbvias por você. Ele: — "Venha em minha casa". Dau o endereço: 720 — 301, Lama, fundos. E lá fui eu. Dois meses antes de passar desta para a melhor. Lúcido, desavolto, sorridente, em meio de família. Olhei o Nelson de cima e baixo recordando-me quinze anos da mesma redação em "Última Hora". Estalou-me uma ideia. Consegui uma sua frase. Nelson criou muitas frases, e viveu, como vive por muitas delas. Mas como? Fomos para o seu escritório. Com olhar rústico e lábio trêmulo, enchei o ato: "Nelson, como vai você?". E sempre o mesmo, repetiu o repetido:

"Eu sou um triste!" Era a brecha para conseguir a frase.

"Muitos pensam que você é triste. Você é em público e raro demitido dizendo ser o único triste somente a Deus". Lavantando o pole-

AUGUSTO DONADEL

gar, Nelson deu-me a frase para os chamados pósteros:

— "Se Deus não existisse, seríamos todos canalhas!"

— Dei por diante aconteceu o diálogo na base do papo vadio.

— Por que "Bonitinha mas Ordinária" ou Oto Lara Rezende?

— NR: "Eu gosto muito do Oto. É certo que ele não atende os meus telefonemas. Depois de muitas frustrações telefônicas, tive uma vez a felicidade que ele próprio atendesse. A voz estava meio dudosa. Fiz a pergunta que as circunstâncias justificavam: — "Oto está?"

— Resposta fulminante: "O TO LARA REZENDE NÃO ESTÁ". A essa altura dos acontecimentos cessaram todas as dúvidas do céu de terra. E verifico que era mesmo Oto Lara Rezende, o acadêmico, o imortal. Disse-lhe, então: — Oto — você é



Nelson Rodrigues com Donadel: a última entrevista

o Oto. Nunca sua voz foi tão Oto, OTOT! Bateu com o telefone. Mees depois, houve o meu encontro com o famoso jornalista e escritor. Eu disse: — "Mas você faz aquele papelzinho? Dizer que não está? Tua própria voz?" Ele respondeu: — "Eu atendo quando quero atender".

Amigos leitores: vocês entendem?

O próprio Nelson responde: — "É como se a Maria Antonieta negasse a própria identidade". Nelson olha o vago com olhar morto, e acrescenta: "Maria Antonieta fez a seguinte piada: — Se o povo está com fome, que coma brincho — piada que lhe custou a cabeça".

Mas Oto é assim: "por vezes como um favo de mel, e outras vezes

tudo ourlo que as cordas apertou do javali".

Nelson imagina outro encontro e o repete na exata:

"Nosso encontro, novo encontro, ele estava mordido por um sentimento de culpa. Me diz o Oto:

— "Nelson, eu vou me realitzar contigo. Amanhã, às tantas horas, vou discar pra mim. Vou confessar toda minha admiração por você e toda minha amizade". No dia seguinte, pepei a principio em desistir de uma prova que já não precisava mais. Mas Oto despediu-se lembrando:

— "Não te esqueças de telefonar!"

Na hora marcada, liqüei para o Oto, um grande amigo recente, mas sincero. O próprio atendeu. Eu que fosse como a anterior: mas com final faliz!"

Eis a resposta:

— "NÃO ESTOU!"

Eu dizia de minha parte. — Oto, tivemos uma conversa. Você me desafiou a telefonar. Dizia que era meu amigo. — "E ele"

— "Simplesmente NÃO ESTOU!"

xxx

— Foi, então, que resolvi abrir o jogo — O Oto é mais ou menos assim. — Tenho um amigo que diz: — "Nelson, não exista sujeito assim com tanto cinismo".

E disse esse amigo:

"Se fosse você cortava relações com o Oto".

xxx

Acontece, porém, que eu tinha acabado de escrever uma peça cujo nome vem a ser: — "Bonitinha mas Ordinária ou Oto Lara Rezende". Parece que, desta vez, acertou no centro de moça. O Oto, mais parecia um esquimó diante de auros boreal.

Todos intelectuais mineiros já tiveram o seu nome numa peça de teatro, nam que fosse "a Família Lero-Lero".

Nelson pensa e sai com a coquele sua conhecida andar: — "e acoelidaxima voz passada".

"O Oto é visto por corações amargos como o — VAIDOSO. Oto, diz, passou a sentir uma gratidão feraz por mim. Como se não bastasse, a peça "Bonitinha mas Ordinária, o Oto inspecionado por esse pessoal escreveu uma frase para si mesmo: — "O MINEIRO SO E SOLIDARIO NO CÂNCER".

— O problema é a seguinte: Bonitinha mas Ordinária revela esta coisa simples mas profundíssima:

"SE DEUS NÃO EXISTISSE, SERIAMOS TODOS CANALHAS!"

BIBLIOTECA ROSACRUZ

agora ao seu alcance!

A completa Biblioteca Rosacruz, pela primeira vez publicada em português. Sob a coordenação de Maria A. Moura, Grande Mestre da Ordem Rosacruz - A.M.O.R.C. do Brasil e Pales de Língua Portuguesa. As obras foram cuidadosamente traduzidas por uma equipe de tradutores especializados da Editora Renes e metuciosamente revisadas, a fim de que o leitor tivesse assegurada e expressiva fidel do conteúdo original.

VOLUMES JÁ PUBLICADOS

Vol. 18 - A TÉCNICA DO DISCÍPULO - por Reynold Andras, F.R.C.	C\$ 550,00
Vol. 17 - LEMBRANÇA O CONTINENTE PERDIDO DO PACÍFICO - por Wishar S. Cervé	C\$ 780,00
Vol. 19 - MIL ANOS PASSADOS - por H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.	C\$ 550,00
Vol. 19 - ENVENENAMENTO MENTAL - por H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.	C\$ 580,00
Vol. 20 - ALDUMIA MENTAL - por Ralph M. Lewis, F.R.C.	C\$ 780,00
Vol. 21 - PRINCÍPIOS ROSACRUZES PARA O LAR E OS NEGÓCIOS - por H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.	C\$ 780,00
Vol. 22 - O PASSADO TEM MUITO A REVELAR - por Ralph M. Lewis, F.R.C.	C\$ 780,00
Vol. 23 - SÍMBOLOS ANTIGOS E SAGRADOS - por Ralph M. Lewis, F.R.C.	C\$ 550,00
Vol. 24 - DE ETÉREOS FRUTOS DO CONHECIMENTO - por Cecil A. Poole, F.R.C.	C\$ 550,00
Vol. 25 - ANSIEDADE - UM OBSTÁCULO ENTRE O HOMEM E A FELICIDADE - por Cecil A. Poole, F.R.C.	C\$ 550,00
Vol. 26 - SUBSÚRDO DO EU INTERIOR - por Valdivino	C\$ 550,00
Vol. 27 - O LIVRO DE JASHER (Um dos Livros Sagrados de Babilônia) - Versão de Alouinho	C\$ 550,00
Vol. 28 - NOSSA HERANÇA DO EDIFÍCIO ANTIGO - por Rodman R. Clayton	C\$ 550,00
Vol. 29 - AS GLANZULAS - Nomes Guardados Iniciais - por M. Y. Kapp, M.D.	C\$ 550,00
Vol. 30 - MÍSTICO EM ORAÇÃO E "O VERBO PROPOGUESE" - Compilado por Fr. Many Ghier, F.R.C. (a 19) e Laura Devitt James B.A. (a 20)	C\$ 400,00
Vol. 31 - BEPHER YEZIRAH - Um Livro sobre a Criatividade - Versão do Rev. Dr. Isador Kalich	C\$ 400,00
Vol. 32 - EM BUSCA DA REALIDADE - por Cecil A. Poole, F.R.C.	C\$ 450,00
Vol. Especial - MANUAL ROSACRUZ - Supervisado de H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph. D. e Revisado por Ralph M. Lewis, F.R.C. (Edição Oficial)	C\$ 780,00

A EDITORA RENES LTDA. CAIXA POSTAL 2424 - CEP 20.000 - RIO DE JANEIRO - RJ. GUEIRAM ENVIAR-ME PELO REEMBOLSO POSTAL OS LIVROS ASSINALADOS

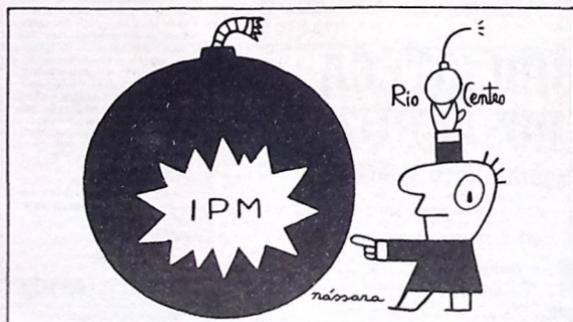
VOLUMES	10	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32
Nome																	
Endereço																	
Cidade																	
Estado																	
Cep																	
Assinatura																	



NÁSSARA apresenta



O eterno drama - Deu no jornal que a inflação caiu para 4,5%. Mas os preços continuam subindo...
- É que os donos dos supermercados não lêem jornal...



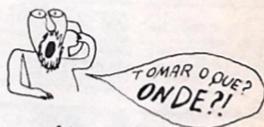
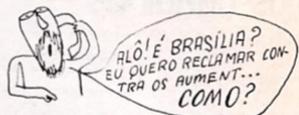
Riocentro bom-bão - O I.P.M. acabou e ao terminar espalhou uma grande confusão. Logo, assim, que ele termina uma bomba pequenina ficou deste tamanho.



Mais bombas Aqui estão mais algumas bombas que explodem periodicamente A do cruzeiro. Da gasolina. A mais recente - dos alugueis. E a esperada bomba das eleições 82? Será, esta, uma bomba arrasa quartéisão?..

APPE

O CIDADÃO ZACARIAS BRASIL



FRANCO

MAS... O QUE ME DEIXA CHATEADO MESMO DR. É O PESSOAL FICAR DIZENDO QUE EU ENGOLI A BOMBA!



VASECTOMIA

Um método seguro para esterilidade

O advento dos programas de planejamento familiar na América Latina enfatuou o debate sobre os métodos anticoncepcionais, muitos dos quais esbarram em obstáculos de ordem médica, religiosa ou legal. Apesar dos avanços da Ciência e da busca constante do método ideal de esterilização, ainda não foi encontrada a solução definitiva que reúna todas as características de eficácia, inocuidade, acessibilidade, reversibilidade — qualidades, enfim, que a tornem perfeita. O ginecologista Paulo Belfort aconselha a vasectomia ou esterilidade masculina por meios cirúrgicos como o método mais eficaz, embora não o ideal, um dos mais empregados nos Estados Unidos, onde o número de voluntários cresce à razão de um milhão por ano.

O certo é que nenhum método é considerado honestamente como a solução ideal e infalível. Muitos deles afetam a mulher, não só com efeitos colaterais físicos mas também psicológicos. Surge então a grande questão: um casal com três filhos saudáveis, planejados e

MARIA
THEREZINHA
DE OLIVEIRA

desejados, que não quer mais, ou melhor, não tem mais condições de procriar. Apesar de estar engravidando novamente, a mulher quer uma forma definitiva de contracepção, só possível com a esterilização. Não há como negar que a esterilização masculina é encarada e tratada de modo bem distinto da feminina. As razões de tal discriminação se devem a várias circunstâncias, principalmente porque o homem não engravida. A rigor, a vasectomia simplesmente proporcional ao homem a liberdade de não mais fazer gerar. Em termos psicológicos, o homem deixa de doar algo que só a si, intrinsecamente, pertence. Ele nada perde, apenas deixa de dar. Em segundo lugar, quase só o indivíduo biologicamente provocado se faz esterilizar, na medida em que o preconceito do homem contra a esterilização o impede de fazê-la.



Paulo Belfort também aconselha a vasectomia

A princípio, a técnica de esterilização feminina consiste na colocação de ligadura, mediante fio inabsorvível, no terço médio da trompa. A recanalização frequente das trompas induziu a técnicas aprimoradas. Essas técnicas se constituem na secção e ligadura das trompas, com menor possibilidade de malogro, na secção e ligadura em invaginação (Pomeroy, Newman, Shirodkar e outros) e na ressecção da porção intersticial da trompa. Se bem praticadas, oferecem 100 por cento de eficácia. Além da ligadura de trompas, existem outros métodos esterilizantes, muito longe, entretanto, de serem considerados ideais, pelos seus efeitos e perigos.

Para o médico Paulo Belfort, a esterilização feminina que mais se aproxima da ideal é a ligadura de trompas puerperal, que se faz 24 a 48 horas após o parto, mediante um pequeno corte em torno do umbigo, aproveitando o tamanho do útero, que depois do parto diminui, permanecendo o seu fundo ao nível umbilical. Modernamente, quando a ligadura de trompas não pode ser realizada logo após o parto, recorre-se, a qualquer momento, à ligadura mediante minilaparotomia, isto é, a abertura do ventre em apenas dois centímetros, pouco acima da sínfise púbica (ponto anterior de união dos ossos da bacia).

Para o conhecido urologista

Jorge Edison Mendes, o método mais fácil, considerado mais próximo do ideal, também o da esterilização masculina. Entretanto, por mais preconizado, os homens brasileiros se recusam a permitir a vasectomia. Para elucidar a questão, ele explica: o testículo tem uma dupla função: a de produzir hormônio (testosterona) e a de produzir espermatozoides. O canal deferente é o conduto através do qual os espermatozoides caminham até a "âmboca do deferente", que se liga à "válvula seminal". O impedimento do canal deferente somente faz um que os espermatozoides não sejam ejaculados. O espermatozoides que se exterioriza no momento da ejaculação, em substituição da secreção das glândulas uretrais, da secreção de células seminais, da secreção prostática e dos espermatozoides. Os espermatozoides continuam a fração microscópica da esperma, e sua ausência não reduz o volume nem as características do homem, bem como em nada modifica o prazer sexual.

Infelizmente pouco se conhece de sexo além do ato conjugal. Por esta razão, grande número dos vasectomizados no Brasil é formado por casais, pois estes sabem que a ligadura e corte dos canais deferentes não influem no ato sexual.

Operação não tira a potência

No Ocidente, a vasectomia ou esterilização masculina é um dos métodos mais empregados nos programas de planejamento familiar, principalmente nos países anglo-saxônicos.

Houve tempo em que se praticava a secção dos canais deferentes com o título de "operação de rejuvenescimento", criado por Steinach. Esse cirurgião e experimentador alemão, partindo de investigação em ratos, achou que, impedindo a saída de espermatozoides, haveria uma influência favorável nas manifestações de senilidade geral e na potência sexual, pois se armanizaria hormônio testicular que passaria à circulação geral. Contudo, isto não foi provado. Floou evidente, entretanto, que não haveria prejuízo da potência sexual.

É necessário, porém, que se saiba que a ligadura dos canais deferentes é praticamente irreversível. Só recentemente, com a ajuda da cirurgia microscópica, se obtiveram êxitos em alguns casos de recanalização.

O certo é que os médicos afirmam — a vasectomia é uma operação simples. Dura de 10 a 20 minutos e não exige hospitalização. O equilíbrio hormonal do homem, o desejo e a capacidade sexual, a ejaculação, nada sofre alterações. A técnica, conhecida desde o século passado, consiste na secção ou no bloqueio de cada um dos canais deferentes, que levam os espermatozoides para a ampola do deferente junto às vesículas seminais. É frequente o uso de anestesia local.

Logo depois de uma breve recuperação do processo operatório — detalha o médico Jorge Edison Mendes — o paciente pode sair caminhando do consultório, de cáfila ou dos ambulatório. No Estado de Kerala, na Índia, em 1970, o paciente saía de uma barraca e ganhava um pratinho de sopa como recompensa. Mais tarde, o estímulo mudou para radinhos de pilha.

Na imensa maioria dos casos, a vasectomia é irreversível. Admite-se, porém, que em alguns casos raros, a técnica de recanalização criada pelo urologista suéco Sherman J. Sildner, em 1975, possa anular os resultados da esterilização definitiva.

No Brasil, a relutância é grande. Os homens associam vasectomia à impotência e castração por mais que os médicos digam que 90 por cento dos casos de impotência são de origem psicológica e que castração é a eliminação de hormônios masculinos através da destruição dos testículos. Os médicos lembram também que a castração é coisa do passado, quando havia necessidade de se escolher homens para eunucos, ou como prática de certas ordens religiosas, ou ainda como castigo.

Não há lugar para a castração nos modernos programas de controle voluntário da fertilidade. Muitos médicos chegam a recusar o termo esterilização para se referir à vasectomia, porque os testículos e as ovúlas germinativas permanecem inalterados. Preferem nomes como "oclusão de canal" ou "controle cirúrgico da natalidade".

CLUBE DOS VASECTOMIZADOS

Hoje, nos Estados Unidos, existe um clube dos vasectomizados. Seus sócios, que escolheram voluntariamente a esterilidade responsável, trocam informações e fazem um trabalho de catequese dos que não se deixaram entusiasmar.

Técnicamente as vantagens da vasectomia são as seguintes: é segura e quase não registra complicações; é simples e exige do médico um mínimo de treinamento; a operação é rápida, basta anestesia local; é barata; se comparada com a esterilização feminina, mais trabalhosa; é facilmente aplicável em países onde as mulheres não gostam de procurar o médico e onde faltam enfermeiras e médicos.

A vantagem é que a cirurgia só garante esterilização integral quando os espermatozoides já acumulados no sistema reprodutor são expelidos por ejaculações. Admite-se que após seis ejaculações nada mais resta. Entretanto, um simples exame de laboratório esclarece definitivamente.

Por ser irreversível, na maioria dos casos não é recomendada para os que estão divididos emocionalmente e desejam reproduzir no futuro, a vasectomia é pouco atraente para os homens que consideram a masculinidade em termos da capacidade de engravidar uma mulher.

SÍMBOLOS SECRETOS DOS ROSACRUZES

Uma reprodução exata do original, em grande formato (13 x 48) com a passagem dos textos alemães para o vernáculo cuidadosamente verificada.

Consiste-se de três tratados, um poema, 36 páginas em duas cores, de página inteira, e várias ilustrações menores.

Há, em primeiro lugar, um tratado sobre a Pedra Filosofal, com 4 páginas de texto e 10 páginas. Depois, segue-se a famosa obra do Hermetismo Tabus Esotéricos e um longo poema planetário. Após, vêm 4 páginas de texto e 13 páginas do "Lado de Ouro Restaurado", de Madhavanu, sua obra mais misteriosa e hermética e raras obras alquímicas. O terceiro trabalho ocupa toda a Segunda Parte da obra, com 6 páginas de texto e 11 páginas.

"Símbolos Secretos dos Rosacruzes" é uma "contribuição de primeira importância à literatura rosacruz" — só ultrapassada por vezes pela "Fama Fraternalis" e pela "Confessio" — e segundo as palavras do Imperator H. Spencer Lewis, em seu Prefácio, de "suas páginas... surge, firme, nítida, a voz da Verdade Eterna". A publicação desta obra em nossa língua coloca finalmente ao Brasil e de Portugal, uma oportunidade ímpar de conhecer os ensinamentos Secretos, a Filosofia e a Praxe da secular Fraternidade, por meio de suas Alegorias, Símbolos e Numeros de Mistério. Está à disposição da Tradução Secreta.

A EDITORA RENE LTD.
Caixa Postal 2424 CEP 20.000 Rio de Janeiro, RJ.
Quem enviar-me pelo Rembolso Postal, a obra SÍMBOLOS SECRETOS DOS ROSACRUZES ao preço de Cr\$ 2,000,00.

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____ ESTADO _____
CEP _____ ASSINATURA _____



Anco Márcio

CARTAS DA SEMANA

Meu caro Anco: Senti imensamente a sua falta. Passei duas semanas tristi- nha, sem poder nem ao me- nos sorrir, pois me lembrava de você. Porquê você fez isso c'a gente, malvadin? Passar dois domingos sem beber, ou melhor sem escrever? JULIA FREIRE / NESTA

RESPOSTA - Pra com- eçar eu num respondo à Rua, e pra terminar eu vou respon- der sempre. Passei duas se- manas sem escrever por estar com o dedo doente. Senti falta também? E que essa história, ou melhor, que his- tória é essa de "passar dois domingos sem beber"? Está inasnuando que eu estava en- tregue às libações alcoólicas. É? Outras coisas: essa aqui é uma coluna séria, especiali- zada, só quem faz sou eu mes- mo. Num tem esse de "IN- TERNO" não...

Meu carim - Há quinze dias que num durmo direito. Para mim sua coluna era um

bálsamo, um lenitivo. Acho uma coisa pra lá de porreta. Pra lá de Marrachech. Por fa- vor, ve se num faz mais isso cum nós não, LIDIA JUSTI- NO / MA

RESPOSTA - Cara Lili: Pra começar num é com nós. É mais nosco. Aprenda a ver- borrejar. Caso contrário será enquadrada na LSN (Lei dos Sem Nome). Passei duas se- manas ausente, por causa de motivos decais. Passar bem. **Estimadim -** Estou trem- endamente afita com você. Que será que lhe assucedeu? Terá sido demitido por esses ingratos daí? Se lhe demiti- ram, diga a eles que eu pago o dobro do que você ganhava, contanto que nada sofrá solu- ção de continuidade. Eu pago, eu pago, eu pago... LI- DIA BRONDI / RIO

RESPOSTA - Ta OK, Lidia... Eu digo. Mas num houve nada disso. Tudo está como sempre esteve, ou seja na santa paz do senhor, ou da senhora, como queira...



Cartaz de "Esse amor é isso", sensacional produção que finan- ciaremos com nossa amiga Sonia Braga

KONSULTAL SENTIMENTÓRIO

Professor Iuku Say

Prezado e estimado professor - Tou com um problema. Minha pele está enrugando a cada dia. Tenho apenas 54 anos de idade, e ela já apresenta sinais de enru- gamento que devo fazer? MAR- LI TAVARES / RIO

RESPOSTA

Conforme-se madame. Com 54, a senhora ainda deve se der muito feliz por ainda ter pele. Outra coisa: isso aqui é um Konsultal sentimentório, e não Instituto de Beleza. **Estimado Mestre -** Meu marido me abandonou quan- do eu estava na flor da idade, ou seja quando tinha apenas 38 anos...

marido me abandonou quan- do eu estava na flor da idade, ou seja quando tinha apenas 38 anos...

RESPOSTA - Para, pa- ra, para...! Ora que essas co- ras tiraram a semana pra me gozar, pô!

Venerando mestre - Que fazer nesse mundo de meu Deus...? Estou desesperada! Oh, que faço? RUTH SOUZA / MG

RESPOSTA - Deixe de frescura, baixe o fogo e arran- je outro.



O pobre escriba flagrado fazendo sua vida e revida coluna do mimical

BURRICE

E os coleguinhos continuam a dizer em de- terminados programas as horrorosas expressões O "AFIRMANDO DE QUE", AVISANDO DE QUE", "FRISANDO DE QUE", ADVERTIN- DO DE QUE", por aí assim. Meus caras! Esse "DE" aí num existe não: É AVISANDO QUE; ADVERTINDO QUE", por aí assim. Outra coisa: o nome é ANTONIO, e não ANTONHO. Por hoje é só...



Nossa secretária Risomar, atendendo nossos inúmeros fãs

POEMA DA TV

Vejo Lucélia vestida na Televisão e nada me desperta aquele peixeio. Mas minha mãe nunha no cinema. Meu Deus... Que te souro!

ERRATA

Em nosso último número há duas semanas atrás, onde se li- "quando a luz surgiu no horizonte de Venus tudo estará bom pra lado de Brasil", notadamente do Rio-Grande, adelicências, proximidades e outros locais mais próximos." Ista se, "oh que saudades que tenho da minha vida / de minha infância que- rida / que os anos não trazem mais. Perdo assinares, perdo bonos e delunbradas, perdo gaites e co- cotas, perdo leitores...

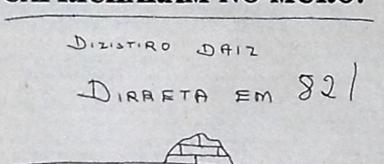
NINGUÉM SE PERDE, ETC. ETC.

Quero avisar aos distintos que não têm o menor fundamento as boatos correntes pela city, segundo os quais eu teria sido DEMITIDO daqui do jornal. O problema é que eu estava doente do dedo (dedite aguda), e num podia escrever. Quero ainda comunicar que enquanto eu for o melhor humorista do Nordeste e um dos melhores do Brasil, A UNIAO não está inte- ressada em perder o meu trabalho. Olhem bem; eu fa- lei humorista, não vigarista nem picareta. Quem qui- ser que se toque...

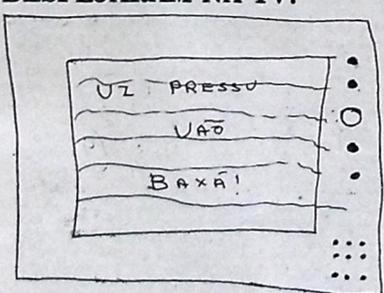
PALHAÇADA CARTA SERIA(?)

Muita gente querendo fr (** car em torno do nome do filme "Parabá, mulher ma- cho", achando que o nome ofende a mulher parabana. Minha gente, um bocado de gente velha se ocupando com frescura! Vamos cuidar de coisa séria, que o nome do filme num ofende ninguém, nem mesmo aos sapatões, botas e sapatilhas, que desfilam cotidianamente no Bar do Meu ca(**)te, e no Bar da Cho(**)ta. O que o Conselho de Cultura deveria fazer era selecionar melhor seu livro para publicação, pois só está saindo porcaria.

CAPRICHARAM NO MURO:



DESPEJARAM NA TV:



DEU NO JORNAL:

Oposições querem analfabeto votando. Mais do que já tem!!!

"PORNOGRAFIA DA LUCROS DE 4 BILHÕES DE DÓLARES"

A informação acima não foi extraída de um livro de economia e muito menos de um manual de estatística, mas de uma colação de curi- osidade de autoria do famoso Isaac Asimov, sob o título O Livro dos Fatos, contendo 3.000 dos mais fascinantes, estranhos, fantásticos e inacreditáveis fatos.

A obra é um lançamento da Editora Nova Fronteira. Não só distrai, como ensina. É uma espécie de dicionário de curio- sidades e também de bom humor. Ajuda o leitor a se distrair e a se des- contrair, o quer é muito importante nos turbulentos dias em que vive- mos.

Vejam outros interessantes informes do Livro dos Fatos: - "O guarda-chuva, este equipamento tão precioso, teve origem no antigo Egito, onde era usado pela família real e pelos nobres como o símbolo de posição em uma hierarquia teocrática. Seu uso prático veio muito mais tarde". - "Há duzentos anos: por ter beijado a esposa em público, ao chegar de uma viagem de três anos, um capitão de navio foi condena- do em Boston, a duas horas no tronco, acusado de "comportamento obsceno e inconveniente".

Afinal, está sobre a sexualidade da ostra: "A ostra geralmente é bissexual. Começa a vida como macho, transforma-se em fêmea e vol- ta então a ser macho, para se transformar novamente em fêmea; pode mudar assim muitas vezes".



AS NOVIDADES DAS LIVRARIAS

Histórias Infantis - A Editora Moderna está lançando uma série de livros infantis, inclusive de autoria do agora imortal escritor Orígenes Lessa.

O Márcio desinventor - Marco Túlio Costa - Lançamento da Record. Da narra- tiva surgem questões que levam à meditação sobre os caminhos trilados pela civiliza- ção: o abandono da Natureza, a busca do progresso a qualquer custo. É, de repente, um grande tributo, onde somo o just e o réus.

A força do ser vivo - Jean Dorst - Edi- ção Melhoramentos. O autor demonstra,

nesta obra, que antigas civilizações como as maias, khmers, extinguíram-se em razão dos excessos e improvidência dos homens que destruíram a Natureza além de sua possibilidade.

Histórias - Lançamento da Nova Editora. O autor é João Ubaldo Ribi- ro, que já escreveu um livro que fez sucesso: Sargento Getúlio. Neste Livro de Histórias, o autor reúne narrativas que contam as aleg- rias e as tristezas da gente simples. São histórias onde um Brasil quase sempre es- quecido é revelado numa linguagem em que humor, espírito crítico e poesia se combi- nam com muita arte.

compreendida e alcança-la é uma ascensão gloriosa.

As crônicas de Aurelio Albuquerque, que ele mesmo selecionou, poucas antes de falecer vão ser reunidas em livro. É a editora e a Grande Gráfica e Serviços Ltda, de propriedade do bacharel Fer- nando, cujo título é: Passagens, pes- soas e cidades.

O poeta Luis Fernandes (Academia Pa- rabana de Poesia) está com seu livro de poemas pronto para ser lançado quando se- tembro vier...

A morte de Nelson Lustosa foi um grande desfalque que se abriu na literatura parabana. Homem sensível, de coração enorme, olhos voltados para o belo e o bom, sua ausência nos deixa profundamente tris- tes. Seu livro *Paisagens do Nordeste* é um livro de luto lírico à terrinha a que sempre esteve preso.

OS LIVROS MAIS VENDIDOS

- 1 - *Polist Perde Uma Cliente -* Agatha Christie - Nova Fronteira.
- 2 - *Água Viva -* Clarice Lispector - Nova Fronteira Lampião
- 3 - *Lampião e Rei dos Conguei- ros -* Billy Jaynes Chandler - Paz e Terra.
- 4 - *A Nova Mulher -* Laurita Moura-Nieffels
- 5 - *Hei de Vencer -* Arthur Riedel-Pensamento.
- 6 - *O Papa Negro -* Autora

- 7 - *A Bela e o Fera -* Clarice Lispec- tor - Nova Fronteira.
- 8 - *Otimismo em gotas -* R. Dan- tas - Edições Otimistas.
- 9 - *Ou Isso Ou Aquilo -* Cecília Meireles
- 10 - *Otimismo no Cotidiano -* Kahill Gibran - Nova Epoca.
- 11 - *Asas Partidas -* Kahill Gibran - Associação Internacional Gibran.
- 12 - *Cem Sonetos de Amor -* Pablo Neruda-L & PM

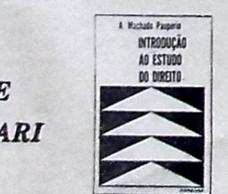
ESTANTE

JURIDICA AS AULAS DE DALMO DALLARI

A Editora Forense está lançando In- trodução ao Estudo do Direito, de A. Má- chado Pauperio.

Trata-se de uma 6ª edição. O livro se- destina aos estudantes que se iniciam na ár- dua ciência do direito, por isso, o autor preocupou-se com a clareza, fazendo esta obra objetiva, sintética e estrutural. Nela fala-se da Sociedade, do Direito, da Ordem Jurídica, do Direito como valor, do Direito Positivo, etc

O professor Dalmo Dallari, como sem- pre, está fascinando os seus alunos do Curso de Pós-Graduação em Direito, da nova Universidade Federal, com suas magníficas aulas sobre Teoria do Estado.



INTRODUÇÃO AO ESTU- DO DO DIREITO

Expert no assunto, claro na exposição, elegante no estilo didático e inteligente no enfoque dos problemas suscitados pela Di- sciplina, de que é titular da Universidade de São Paulo, o professor Dalmo Dallari já possui um conhecido mestre parabano. É está a escrever o título de cidadão a exemplo de Luizong.

Sua contribuição para a formação da geração jurídica da Paraíba tem sido valiosa e expressiva.

Eu vi um oásis no sertão

(E não era miragem)

Texto de ABMAEL MORAIS

Fotos de Sérgio Cavalcanti

Numa região em que o sol causticante, sem esgarço, permite que se frite ocos em cima de uma lagosta no meio de uma risa, e onde a precipitação pluviométrica, guardadas as devidas proporções, compete com a do deserto do Saara, eu não poderia - de cara - acreditar no que estava vendo ao chegar à Escola Estadual Agrícola de Catolé do Rocha: um verdadeiro oásis, em pleno sertão bravo, infernal e sofrido. O cenário que contracenava chocantemente com os imeditamente vizinhos pastos secos, pálios e abandonados, testemunhas reais, mas não vivas, de uma situação de penúria e aviltada marcante de um sertão sem chuva e por isso mesmo sem cor.

Então, o milagre! Como se explicar o milagre?

Distante da sede do município três quilômetros, incrustada numa área total de 94 hectares, das quais 31 cultivadas, no Sítio Cajueiro, a Escola não somente representa um símbolo de resistência às adversidades climáticas e da natureza, como, acima de tudo, um exemplo vivo de que Pero Vaz de Caminha tinha razão na sua carta a D. Manoel:

"... a terra é d'adivosa e em se plantando tudo dá."

Desde que tenha água, deve ter esquecido ele de acrescentar.

E reside exatamente aí nesse detalhe, o segredo do milagre aparente do oásis de Catolé do Rocha. Quase que auto-suficiente em água durante todo o ano, num município onde, invariavelmente, o inverno dura apenas dois meses e esse ano reduzido a 17 dias alterados, a Escola conta pra isso com 6 poços amazons com uma capacidade de 12 metros cúbicos hora, além de um açude com 216 metros cúbicos de água. Isso lhe garantindo uma autonomia quase absoluta o ano todo, o que será concretizado, em definitivo, depois do advento da barragem subterrânea no rio Choço Agon e dos dois poços artesanais já devidamente liberados em recursos pela Secretaria de Educação.

E aí estará sim, definitivamente, não o milagre do deserto mas o milagre do sertão.

QUEM É QUEM

Desativada durante dez anos, a Escola somente foi ativada e restaurada em 1979, para receber em seguida todo o apoio da Secretária Giselda Navarro que, prestigiando o chamado ensino profissionalizante, resolveu fazer dela uma espécie de menina dos olhos de sua administração, no depoimento de alguns dos seus assessores mais diretos.

É isso é fácil notar: O local onde está construindo o prédio apresenta boas condições climáticas, muito embora as salas de aula sejam construídas num ângulo de pouca ventilação e espaçamento. O material de que dispõe a Escola, entretanto, é não somente de boa qualidade, como também moderno e de bom gosto. Um micro ônibus e uma kombi, de ano de fabricação 1980, servem não só para o transporte dos 270 alunos e 65 funcionários, como eventualmente para excursões e visitas didáticas a sítios da região. Acrescentando-se, no setor de transporte, a existência de um caminhão Ford, a diesel, para transporte da produção própria da Escola, para a comercialização.

Dirigida pelo agrônomo Coriolano de Moura Gomes, um patoense de boa cepa, que acorda invariavelmente às 4 horas da madrugada para iniciar o seu périplo pelas diversas áreas da pro-

priedade, a Escola congrega 270 alunos de 1º e 2º ano, devendo soltar no próximo ano a primeira turma de técnicos agrícolas, formada de elementos oriundos da zona urbana e rural, além de outros de várias cidades da micro região de Catolé do Rocha.

Numa média de 74,8% os pais dos alunos são agricultores; 6% comerciantes; 5,98% funcionários; 2,59% aposentados e os restantes, em percentagens variadas, são motoristas, pedreiros, vigilantes, sapateiros, marceneiros, tratadistas, eletricitas, carroceiros, operadores mecânicos, rádio-técnicos e até um industrial.

Com relação às mães, 90% cuidam de suas ocupações domésticas, sendo as dez por cento restantes divididas entre funcionárias públicas e comerciantes.

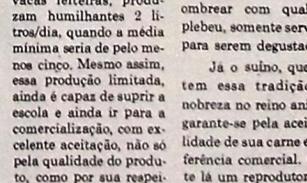
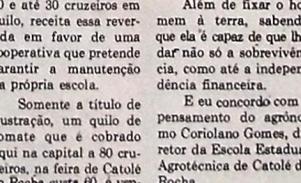
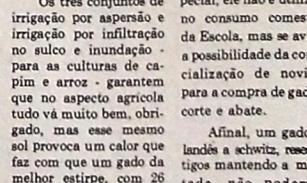
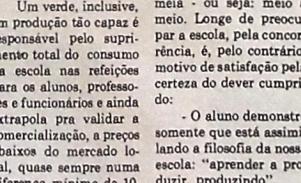
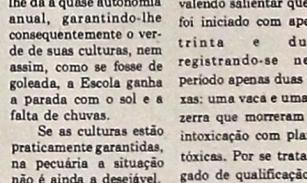
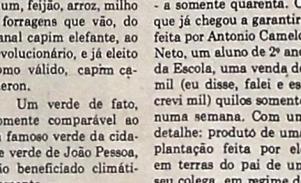
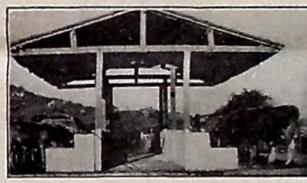
Quanto à renda familiar apresentam o seguinte quadro: 47,45% ganham menos de um salário mínimo, 25,21% menos de dois; 12,4% ganham dois; somente 0,58 ganham de 5 a 8 salários mínimos e 3,42% não têm renda fixa.

"Daí porque - explica a Secretária Giselda Navarro - há uma nossa orientação no sentido de se dar prioridade de matrícula para os filhos de agricultores e por conseguinte os de menores rendas".

VERDE QUE TE QUIERO

Seria exagero pretender que Garcia Lorca tenha se inspirado na Escola para a sua famosa "verde que te quero verde", mas, também seria exagero, dificilmente seria encontrada em outros locais um verde tão puro, tão autêntico e - por estes vós quem sois - tão raro, em se tratando da região onde ele se encontra.

Voltando a Pero Vaz de Caminha, somente para se citar autores, lá, realmente, "em se plantando tudo dá". E estão aí, pra não me deixar mentir, os 31 hectares de área cultivada, onde coexistem pacificamente culturas de hortaliças - de um modo, realmente, geral - bananas, maracujás, melancias, melões,



LIBERDADE E AUTOSUFICIÊNCIA

Mesmo com os poços existentes é o açude, a

barragem subterrânea e os dois poços artesanais a

lhoramento do quadro animal da região.

Na avicultura, a Escola se mantém em autonomia para consumo, com 1.500 galinhas de corte, garantindo uma comercialização de 120 a 150 quilos dia, ao preço de 160 cruzeiros, vinte e menos que o preço do mercado local, além de 2 mil galinhas destinadas à postura.

ALUNO DIA A DIA

O aluno da Escola Agrícola de Catolé do Rocha começa seu dia propriamente às 7 horas da manhã, quando se iniciam as aulas. Desde as seis, porém, o ônibus e a kombi já iniciaram suas idas e vindas, trazendo os alunos e funcionários dos não tão distantes 3 quilômetros que separam a Escola da sede do município.

Durante o dia, em horários alternados, ele terá aulas de matérias de formação especial - agricultura, cultura, zootecnia, criação - e irá também para o campo, aprender na prática mesmo, como se cultivava, como se cria. E até a capinar e arar, já que a Escola dispõe de um moderno trator Ford-Imatra.

Em regime de semi-internato, somente as 17 horas é que os alunos estarão retornando às suas residências, sem que isso lhes cause qualquer constrangimento já que durante todo o dia, não somente usufruiu dos ensinamentos que lhes foram dados, como também tiveram garantida a alimentação através de almoço e lanche, sem que isso lhes custasse um só centavo.

Devendo-se dizer também que do frugal almoço - feijão, arroz, macarrão, verdura em pro-

fusão e galeto, ou carne de boi e porco, além de frutas na sobremesa - bem pouca coisa não é produto da própria Escola. E a pretensão, inclusive, é se chegar num bem curto espaço de tempo a se tornar auto-suficiente na sua manutenção. A ponto de até o macarrão, que não pode ser produzido, ser adquirido com o resultado da comercialização da sua produção.

No contato direto com os alunos se sente claramente a satisfação de todos com a Escola. Preocupação mesmo só têm uma, no momento: - Que será da Escola quando D. Giselda deixar a Secretaria de Educação?

Beirando as raias da idolatria, os alunos da Escola Agrícola vêm na Secretária de Educação não somente a responsável pela sua reativação, como também uma espécie de fada mágica que com sua varinha de condão atende a todos os seus desejos. Comportamento esse que fez gerar da professora Giselda Navarro um compromisso formal:

Como Secretária ou fora da Secretária, a Escola nunca será esquecida por mim. E não que depender de mim, tudo farei para que ela somente progrida, sem retrocessos.

OLHO NO FUTURO

Já no próximo ano sairá a primeira turma concluinte da Escola Agrícola de Catolé do Rocha. Nada menos de 120 técnicos agrícolas tentando um lugar ao sol nesse mercado de trabalho. De um modo quase que generalizado, eles pretendem um emprego numa das empresas do governo na área agrícola. Na pesquisa, por grande maioria, ganha a Emater.

A Secretária Giselda Navarro, a propósito, já conseguiu que as Cidades Hortigranjeiras comecem a receber os alunos para estágios. Depois dele, quem sabe? É, pelo menos, outra opção.

Mas, nem só de empregos vive a pretensão dos futuros formados. Em bom número constata-se a intenção de muitos em se fixarem na própria terra, não atendendo ao canto da serena do éxodo tão temido e combatido pela filosofia da Escola.

Tarcísio Barreto, por exemplo, filho de agricultor e com uma pequena propriedade próxima à Escola, já exerce na prática o que aprendeu lá e hoje é quem toma conta dela. "Não somente - diz ele - para dar um pouco de descanso ao meu velho pai, mas também para colocar em prática os ensinamentos que recebi.

Antes da escola - prossegue ele - eu não conhecia a técnica adequada. Seguiu os métodos antigos e superados. Hoje já vejo o fruto do meu esforço, nas minhas plantações de capim, cana, banana, hortas caseiras, feijão e milho.

Hoje, as coisas se modificaram - e muito pra melhor. Cultiva com um colega de Escola - Sérgio uma nega de terra, onde dá até 60 mil quilos de tomate por hectare, chegando a comercializar até mil numa semana. Eles têm mais de seis mil pés de tomate plantados e nos fins de semana eles próprios se encarregam do adubo e da pulverização.

Outros como Sebastião Alves dos Santos, que pretende apenas um pedaço de terra para ele mesmo plantar; Elmano Suassuna e Bonifácio de Oliveira que vêm com bons olhos a ideia de fornecer um mútuo para outros jovens plantar e até Antonio Ivo, meio revolucionário e descrente nas promessas dos que dirigem o país, não perdem as esperanças para o futuro. Acreditando acima de tudo que, realmente, nessa terra d'adivosa, em se plantando tudo dá.

E as esperanças crescem mais ainda ao constatarem na prática que com água e irrigação pode-se criar um oásis no sertão. E esse da Escola Agrícola de Catolé do Rocha realmente existe.

Antonio Camelo Neto, um "forasteiro" de Belém de Brejo do Cruz,

Eu vi. E não era miragem.

HORÓSCOPO
MAX KLIM

ARIES
21 de março a 20 de abril - Todo o vigor e a auto-confiança que, medularmente, fazem do ariano um vencedor em potencial, estão pos-

TOURO
21 de abril a 20 de maio - Em suas neuras no seu posicionamento astrológico, o taurino deve condicionar-se, durante esta semana, para não se submeter em demasia à prudência e à objetividade que tenderão a caracterizar seu temperamento nos próximos dias.

GÊMEOS
21 de maio a 20 de junho - Um comportamento negro na condição de assessor profissional, nos próximos dias, não é uma forma racional e firme, junto a um posicionamento lunar que lhe traz, no início da semana, grande favorabilidade para assuntos ligados a imóveis, parentes, heranças e viúvãos, fardos dos próximos dias, uma sequência de boa vivência e êxito para o geminiano. Lucros e ganhos após quinta-feira.

CÂNCER
21 de junho a 21 de julho - Vivendo um momento em que a influência astrológica lhe é bastante favorável, o câncer apresenta-se, quando um posicionamento da Lua lhe trará notáveis favorabilidade, procurar um condicionamento mental menos preocupado em relação ao seu futuro. Você conta com indicações positivas em termos pessoais.

LEÃO
22 de julho a 22 de agosto - Partindo de um domínio neutro e de dois dias de posicionamento astrológico sem maiores alterações, o leonino termina, a partir de quarta-feira, indicações bastante favoráveis com a entrada de Lua em seu caso astrológico e a influência que isso lhe trará, por antecipação. Bons aspectos em termos profissionais. Possíveis momentos de vaidade e orgulho junto a alguns. Clima de convivência difícil em família. Momento neutro para o amor e sua saúde.

VIRGEM
23 de agosto a 22 de setembro - Um quadro de receptividade, que valorizará seus dotes de apreciador da rotina diária de seu trabalho, o virgem e recompensado durante esta semana. As indicações para seus negócios não são muito positivas. Procure ser cauteloso nos gastos, principalmente de terças a sexta-feira. Supere sua timidez na busca de novos relacionamentos pessoais e afetivos. Surpresa por parte de nativos de Touro ou Câncer. Bons aspectos para a família e saúde.

LIBRA
23 de setembro a 22 de outubro - Durante os próximos dias você deve procurar maior concentração no desempenho de tarefas de rotina, evitando interferências prejudiciais que podem lhe trazer alguma complicação. Quarta-feira será o seu dia, em termos pessoais. Bom humor e fascínio de personalidade. Procure evitar a superficialidade no trato de questões ligadas à família e, no final do período, tenha cautela com gastos superficiais em objetos de luxo. Saúde em período neutro.

ESCORPIÃO
23 de outubro a 21 de novembro - Agindo com cautela neste domingo e no terça-feira, o escorpiano terá um período em que se mostra positivo em suas lutas pessoais. Poderão ocorrer, nos próximos dias, indicações redobradas de grande esforço e dedicação em termos profissionais. Não se fie no acaso em matéria financeira. Planeje seus gastos e custos. Presente interessante de novos amigos e visitas agradáveis podem ocorrer no período. Amor em bom aspecto. Saúde regular.

SAGITÁRIO
22 de novembro a 21 de dezembro - Nos próximos dias você poderá se mostrar extremamente sensível à disciplina funcional e a uma rotina consistente e de desenvolvimento. Busque superar suas limitações com maior persistência. Seu quadro astrológico não lhe traz indicações de favorabilidade para negócios que envolvam grandes somas. Apoio e ajuda providencial de amigos após quarta-feira. Clima de alívio e des-cuido no trato doméstico e amoroso. Saúde em dias adversos.

CAPRICÓRNI
22 de dezembro a 20 de janeiro - Com toda a sua positividade e perseverança, os obstáculos de natureza profissional, principalmente a oposição de colegas ou superiores, serão facilmente superados nesta semana que lhe traz indicações desfavoráveis para o trabalho. Bom clima nos negócios e dinheiro, quando próprios. Supere sua má humilhação no trato pessoal e, com isso, evite problemas em família. Disposição franca e aberta para novo relacionamento sentimental. Saúde regular.

AQUÁRIO
21 de janeiro a 19 de fevereiro - Influenciado diretamente por Urano, o aquariano vivenciará dias de bom posicionamento nesta semana que começa se inicia. Os noções feitas, se analisadas corretamente, deverão proporcionar-lhe grandes e ávidas oportunidades de ganhos e lucros. Cautela no que se refere a negócios, com avulsos, fianças e investimentos. Não aplique em papéis sem garantia. Afável trato pessoal. Boa disposição para a família. Novidades no amor na terça e sexta-feiras. Saúde neutra.

PEIXES
20 de fevereiro a 20 de março - Amanhã poderá se utilizar de toda a sua capacidade de envolvimento pessoal para superar problemas que podem ocorrer no seu ambiente de trabalho. De quarta a sexta-feira estarão críticas as indicações ligadas a negócios pessoais. Cautela e prudência no investir seu dinheiro. Sensibilidade e intuição o levarão a estabelecer uma vivência com parceiros mais ideais. Clima de encanto e ternura para o amor. Saúde em fase muito positiva.

- Ruim
• Regular
• Bom
• Muito Bom
• Excelente

NO CINEMA

A ROSA (***) - Produção americana. Direção de Mark Rydell. A história de uma cantora de rock dos anos 60, atormentada por instintos auto-destrutivos, entre casos de amor e o vício profissional. A crítica satiriza na personagem semelhanças com Janis Joplin, a maior cantora pop norte-americana. Com Bette Midler, Alan Bates e Frederick Forest. A cores. 18 anos. No Tambaú, 18h30m e 20h30m.

MOWGLI, O MENINO LOGO (***) - Produção americana. Desenho animado de longa-metragem realizado pelos estúdios de Walt Disney com base na história de Rudyard Kipling. Na selva, um garoto criado por animais luta para não ser devolvido à civilização. Dublado em português. A cores. Livro. No Tambaú, 14h e 16h.

A ILHA (***) - Produção americana. Direção de Michael Ritchie. Um escritor procura desvendar um mistério que há trinta anos assusta o Caribe: os desaparecimentos de embarcações perto de uma ilha vulcânica. Baseado no livro de Peter Benchley, o autor de Tubarão. Com Michael Caine e David Warner. A cores. 14 anos. No Plaza, 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

O TESOURO DE MATECUMBE (***) - Produção americana dos estúdios de Walt Disney. Direção de Vicent McVetty. Um criado negro volta à casa dos antepassados da família Binns para procurar um grão de tesouro que está enterrado. Com Peter Ustinov e Robert Foxworth. A cores. Livro. No Plaza, 9h30m.

CABOBLANCO (***) - Produção americana. Direção de J. Lee Thompson. A história das tropas americanas e nazistas à procura de misteriosa carga do Britany, Com Charles Bronson, Dominique Sanda e Jason Robard. A cores. 14 anos. No Municipal, 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

NO TEATRO

PATO COM LARANJA - Peça de autoria de William Douglas Himpe, direção de Adolfo Celi. Figurinos de Guilherme Guimarães. É uma comédia muito engraçada que fala do amor com ironia. Os estereótipos de um casal são revisados com humor inglês, graça francesa e um toque de confissão leitão. Com Paulo Autran, Miriam Lima, Maria Vasco, Neusa Maria Vasco e Márcio Luna. No Teatro Santa Rosa, 21h00m. Último dia.



Jacques Tourneur. Um pirata (Jean Peters) perde seu barco numa batalha contra seu antigo mestre de pirataria quando tenta ajudar um ex-oficial da Marinha francesa. Também no elenco, Lou Jordan, Debra Paget e Herbert Marshall. A cores. No Canal 10, 23h30m.

AMANHÃ

CIDADE SOB O MAR - Produção americana de 1970, com direção de Irwin Allen. No ano 2053, o apocalíptico almirante Michael Mathews (Stuart Whitman) é convocado para supervisão o transporte de ouro de Fort Knox e do explosivo radioativo H-128 para a base Triton, na cidade submersa Pacífica. Mathews tem de enfrentar as tentativas de sabotagem de seu irmão Brett (Robert Wagner), que está interessado no explosivo, e a ameaçadora presença de um planeteiro errante que se aproxima da cidade. Também no elenco, Rosemary Forsyth, Richard Basehart, James Darren e Joseph Cotten. A cores. No Canal 10, 14h30m.

SHOW DAS CINCO - Apresentando três desenhos: Popeye, Perinaldo e Super Mouse. A cores. No Canal 10, 17h30m.

VIVA O GORDO - Mito e o convívio de João Soares para o Gordo de amanhã. Além de participar do quadro do guarda Geleia, sempre com meio de ser assalado, Mielle faz o papel de Cezário, na abertura do programa, que será todo dedicado às artes. No Canal 10, 21h0m.

VIDAS AMARGAS - 8º CAPÍTULO - Para evitar um agravamento ainda maior da situação, Adam (Timothy Bottoms) parte com Cathy (Jane Seymour) para a Califórnia, onde nascem seu filho, os gêmeos Caleb, ou Cal, de temperamento rebelde, e Aaron mais calmo. Mas, os problemas se sucedem, especialmente depois da fuga de Cathy, quando os filhos ainda são crianças. Vidas Amargas foi preparado para exibição em nove capítulos, no Festival Semana Um. Também estão no elenco, Bruce Boxleitner, Lloyd Bridges, Warren Oates, Anne Baxter, Howard Duff, Karen Allen, Susan Tully, G. Sam Bottoms, Richard Murr e Hart Bochner, entre outros. Direção de Harvey Hart. Baseado no livro East of Eden, de John Steinbeck. A cores. No Canal 10, 22h10m.

RETRATO DE UMA ADOLESCENTE FUGITIVA - Produção americana de 1977, com direção de Randall Kleiser. Dawn

OS BANQUEIROS - ÚLTIMO CAPÍTULO - Retorno do sétimo e completo capítulo de Os Banqueiros. Esse filme foi baseado no best-seller de Arthur Hailey (Moneychangers). Com direção de Boris Sagal, Os Banqueiros reúne um grande elenco, destacando-se Kirk Douglas, Christopher Plummer, Timothy Bottoms, Susan Flannery, Anne Baxter, Patrick O'Neal, Ralph Bellamy, Jean Hagen, Martin Ferran e Jean Peters, e as participações especiais de John Green e Helen Hayes. A música é de Henry Mancini. A cores. No Canal 10, 22h30m.

VINGANÇA DOS PIRATAS (***) - Produção americana de 1961, com direção de



Bette Midler, atriz de "A Rosa"

"A ROSA" A era do "rock"

Nitidamente fora da onda moribunda da discoteca, e com línguas apenas indiretas com o refinamento do rock dos anos 60, o musical A Rosa é, entre de tudo, uma tentativa de interpretar o movimento rock que produziu Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison - do conjunto inglês The Doors - e Brian Jones - do Rolling Stones. A personagem-título, vivida pela cantora Bette Midler, é uma contadora desses quatro cantos, todos mortos aos 27 anos de idade por superdoses de drogas. Quase perdido em meio à extensa ficha técnica do filme, encontramos o crédito de "supervisor dos arranjos musicais" dado a Paul A. Rothchild. Mas do que se trata? Mark Rydell, aos roteiristas ou aos esforços de Bette Midler, A Rosa deve a ele sua característica de musical sincera do movimento rock. Rothchild, empresário da CBS, serviu de mecenas ao rock de San Francisco nos anos 60, especialmente a Jans Joplin, e quem convenceu a gravar discos. Da Midler personificou o mito Janis, imitando sua voz ao cantar os rhythm 'n' blues e retornando à sua história os elementos para viver a cantora fictícia Rose.

Como cinema, A Rosa tem uma narrativa ágil e criativa, mesmo considerando-se o poder narrativo que exerce o mito Janis na elaboração do clima do filme - poder, aliás, muito bem catalisado por Bette Midler e pelos coadjuvantes Alan Bates e Frederic Forrest. Vendo o rock - criador de ídolos e das contradições que os destruíram - A Rosa consegue, distante no tempo, dar a interpretação subjetiva de algumas pessoas que viveram a época, como Rothchild e o diretor Mark Rydell, ou que por ela foram influenciados, como Bette Midler.

EM MOSTRAS
GRISSELA KLUPPEL e ANA ISABEL FERREIRA - Exposição de fotografias em promoção da Funarte e da Universidade Federal da Paraíba, com apoio de A UNIAO. No NAC - Núcleo de Arte Contemporânea (rua das Tricheiras, 277 - Fone: 221-5835). Até quinta-feira.

MILIONARIO e JOSÉ RICO



EM DISCOS
MILIONARIO e JOSÉ RICO, VOL. 9 - O nono episódio de Milionario e José Rico é todo com as canções do filme Estrada do Vício, que conta a história da dupla caliptra, com direção de Nelson Pereira dos Santos. Lançamento Chantecler.
ELVIS PRESLEY - Trilha sonora original de dois dos filmes de Elvis Presley. São cinco canções de Anis-me com Tennessee (Love Me Tender), seu primeiro filme, e seis de Provisional do Rock 'n' Roll (Jailhouse Rock), seu terceiro filme. Lançamento RCA.

Sobre a memória do Grande Homem, que succumbiu em plena plenitude na honra da Parahyba, inclina-se no dia de hoje, a comemoração agradecida da pátria que ele deixou. João Pessoa não é um nome de significação regional, que vive somente para a veneration do povo parahybano. Projectou-se fóra desses limites, como expressão nacional de novas idéias e tendências, que emanam, para o renascimento do Brasil, o impulso inicial de seu programa. Quando o Brasil comemorou o primeiro aniversário da República em que elle cahiu sem se reconhecer figura intereterada de João Pessoa na distancia de doze meses, não vive dentro da saudade inconsciente dos paraybanos. No sangue do egregio marty, velhos heroismos da raça tingem-se de vermelho da lucta, para libertar a nação, que elle amou com o gulo de um idealista e o fervor de um apostolo. No longo envolver dos tempos poucas vezes se ergue, do seio terreno, da historia, o vulto de um homem, que realiza o contacto espiritual entre o passado e o futuro, quando, na mesma cadeia, o establis das gerações. É um milagre de adaptação de forças heterogêneas no ritmo da vida colectiva, a atração de tendências dispersas para um mesmo equilibrio, onde se conjugam, não só resultado, as energias isoladas adormecidas da multidão. A vida de João Pessoa representa esse phenomeno de rejuvenescimento de um povo pelo esforço do homem só. Nelle se crystallizaram as virtudes adormecidas da alma brasileira. As forças lactentes da raça vibraram naquello espirito vigoroso ponto de convergencia e de coabação, que, na ordem moral, representa estabilidade das grandes leis naturais. Por isso, onde termina a biografia dos seus feitos, que foram muitos e grandes, até mesmo aquelles singela apparencia, começa uma genda de glorificação. Esse movimento carinhoso de uma expressão de sinceridade e de movente vinda da alma do povo, que não admite glorias profanas cultos dos seus elites. O desdobramento da acção de João Pessoa encontrou um ponto de receptividade já trabalhado pelas contradições entre a moral dos governos de então e o sentimento colectivo, offendido em agremiações permanentes. Sobre as injustiças, que oprimiram, nos proprios fundamentos, o regime republicano, surgiu como um protesto eloquente, a defesa de segurança constitucional, da liberdade administrativa e de desinteresse politico, realizada pelo presidente da Parahyba. Abreirava-se da Republica o ultimo ponto, da linha de resistência, contra os males infirmitades estrutura juridica do país. Tinham-se banido todos os meios de respeito à instituições, e todas as espheras a corrupção se tinha, submissos ao poder, os aspectos da desordem e do suborno, como enxovalho da lei. A propria justiça deixou de ser o refugio do direito para apparecer-se como a violencia, perante a phase da campanha presidencial. Nenhum chefe de Estado, em mo nas sociedades de civilização superior à nossa, lembram-se de não inverter, com tanto cynismo, os valores sociaes da democracia, e emboscadas da anarquia e do banditismo, entregando ao braço dos maoheiros como as armas de segurança publica. Washington Luis foi o mais trunso theorizador da violencia, e da sob protesto politico, não o do gançador como dissolvente da cidadella onde o inexpressivo João Pessoa incarnava a rebelião le-

Num cenário em que a violência, o desemprego e a inflação, entre tantas outras dificuldades políticas, sociais e econômicas, ocupam grande parte dos noticiários local e internacional, o Império Britânico viverá, quarta-feira próxima, uma festa tão cara e brilhante quanto exige a tradição. Neste dia se realizará a cerimônia de casamento de Lady Diana Frances Spencer e Charles Philip Arthur George Mountbatten-Windsor, descendente direto de Henrique VIII, da casa dos Tudor, Duque de Cornwallia e Rothesay, Conde de Chester e Garrique, Barão de Ren-

frew, Lord das Ilhas Britânicas, Cavaleiro da Ordem da Jarreteira, Administrador Geral da Escócia e Príncipe de Gales. Numa cobertura direta, a TV Globo acompanhará cada minuto da boda real, do cortejo à cerimônia, em que Hélio Costá fará a narração principal, através de uma espécie de tradução simultânea da cadeia da BBC, assessorado por Cristina Fonseca, que comentará os detalhes referentes à moda, etiqueta, etc., e de um sacerdote da Igreja Anglicana do Rio de Janeiro.

zabeth II, da Rainha Mãe, da Princesa Margaret e da Princesa Anne. Essa biloca de opere foi fotografada da mina de Cloug, parte do vito de Dolgellau, na faixa central de Gales.

O Príncipe Charles e Lady Diana serão casados em uma cerimônia de grande pompa e solenidade, entre elas, uma das meninas do jardim de infância católico de Londres, a princesa Louise, filha de 10 anos do Príncipe Charles, e a bisneta de Sir Winston Churchill. As outras damas de honra são a Princesa Alexandra, filha de 17 anos, filha da Princesa Margaret e grande favorita da Rainha, India Hicks com 14 anos, filha de David e de Lady Pamela Hicks, e a neta do falecido Lord Louis Mountbatten, Sarah Jane Gaskell (10 anos) filha de Nick Gaskell, treinador dos cavalos da corral do Príncipe Charles, e Catherine Cameron, de 6 anos, filha de um casal muito amigo do Príncipe. Seu pai é o Lord Nicholas Windsor, de 11 anos, filho mais novo do Duque e da Duquesa de Kent, e Edward van Cutsem, afilhado do Príncipe. Os trajes das damas de honra serão feitos pelo casal Elizabeth e David Emanuel, assim como o vestido de Lady Diana, esculpido em sete mil dólares. O estilo destas costureiras, aperfeiçoado por técnicas exuberantes, com padrões elaboradamente decorados, decotes abastados e saias em formas de pétalas. O noivo romântico que aparece desde que Scarlett O'Hara rasga aquelas cortinas de veludo verde em seu casamento com Rhett Butler, se enquadra de grandes mestres da pintura inglesa, principalmente Gainsborough, o casal Emanuel tem por meta que Lady Diana pareça uma princesa dos contos de fadas, o que não será difícil pois, afinal, ela terá sido uma criaturinha de cristal para servir de modelo para o príncipe no dia, porém, é um outro segredo de Estado. Fala-se que o vestido será em tons de mar e embelezado com quantidades gramadas de seda, mechas e sabões, esquisas enfiadas metálicas como forma de moedas antigas. Todas as confecções inglesas estão atentas - mais exatamente, em estado de prontidão - e várias firmas especializadas em vestidos de noivas prometem que, a partir do momento em que o vestido aparecer na televisão, suas estruturas serão mãos à obra para, no dia seguinte ao casamento, copias fiéis já estarem à venda. Quanto ao Príncipe Charles, sabe-se que usará o uniforme completo da Marinha.

O Arcebispo de Cantuária, Robert Runcie, oficiará a cerimônia, e a música estará a cargo de Christopher Dearey, Chefe do Departamento de Música da Catedral. A cerimônia de casamento, autorizada pelo papa Paulo VI, será conduzida por Teouso, através do Arcebispo de Cantuária, será escutado pelo jornalista Donald Jackson, com penas de aves sobre permissão da pela de cabotagem, e encaminhado a mão. Enfim, os 200 convidados, em que estão incluídos a nata da realeza e dos chefes de Estado de todo o mundo, e os mais de 100 milhões de telespectadores do mundo terão a oportunidade de presenciar uma cerimônia cujo requinte, pompa e beleza, no século XX, dificilmente, testemunhará novamente.

A cobertura que a TV Globo dará ao evento recebendo as imagens, via satélite, a partir da quarta-feira e passando a transmiti-las a partir das 6 horas - acompanhará atentamente cada momento da cerimônia, segundo o roteiro estabelecido, num total de seis e quatro horas.

Exatamente às 6 horas as portas da Catedral de São Paulo serão abertas, iniciando-se os preparativos, transmitidos em flashes intercalados ao cortejo. Entre 6:00 e 6:30 - Chegada dos convidados, inclusive dos chefes de Estado, à Catedral e início da cerimônia religiosa.

Entre 6:30 e 6:45 - Guarda de Honra toma posição.

Entre 6:45 e 7:00 - Chegada das damas-de-honra e da Rainha Mãe.

Entre 7:00 e 7:30 - Chegada do cortejo do noivo.

Entre 7:30 e 8:00 - Chegada do cortejo da noiva.

Entre 8:00 e 8:10 - Entrada da noiva na Catedral e início da cerimônia religiosa.

Entre 8:10 e 8:30 - Término da cerimônia e início do cortejo dos noivos.

Entre 8:30 e 8:45 - Chegada do cortejo dos noivos ao Palácio de Buckingham.

As 12 horas terá início a segunda parte da transmissão da TV Globo, com o aparecimento do jovem casal no balcão do Palácio para as despedidas, e, a seguir, a saída dos noivos, em processo de caruagem até a estação de Waterloo.

O esquema de transmissão está armado de forma a que qualquer problema possa ser contornado com matérias de apoio, fornecendo dados como o perfil dos noivos, características da cerimônia, entre outras. Além do material para a cobertura direta, o editor Henrique Coutinho e o repórter Ricardo Pereira, em Londres, comentarão o evento. Também serão realizadas amplas matérias sobre a cerimônia, destinadas ao Jornalismo, realizadas pelos repórteres Roberto Feist, Ricardo Pereira, Fernando Silva Pinto e Maria Cristina Pinheiro, e pelos cinegrafistas Mário Ferreira, Benedito Neto e Wilson da Matta. A coordenação e de Luis Edgard de Andrade e Beth Carvalho.

Os noivos deverão passar as primeiras três noites de sua lua-de-mel numa estância de Hampshire, e, depois, irão de avião para Gibraltar, onde permanecerá até maio próximo, a recitar o cruzeiro pelo Mediterrâneo. Na volta, irão residir em Highgrove, uma residência com nove quartos, campos e lago, avaliada em 2 milhões de libras, onde, espera-se, sejam felizes para sempre.

Quatro horas de transmissão O CASAMENTO DO SÉCULO

A união da lady com o príncipe envolve algo mais do que o romance de amor



Príncipe Charles e Lady Diana. O príncipe Charles, filho do príncipe de Gales, e a futura rainha, Lady Diana, filha de um banqueiro inglês, se casarão no dia 29 de julho, em uma cerimônia que será transmitida ao vivo pela TV Globo.

Onze luxuosas carruagens, puxadas por 32 cavalos, levarão a comitiva real através das ruas de Londres, até a catedral renascentista de São Paulo, em Lodge Hill. São quatro grupos de carruagens. O primeiro servirá aos membros da Família Real, com uma escolta da Cavalaria de Casa Real. A seguir virá a Rainha, com a escolta da Sobranza. No terceiro grupo estão o Príncipe Charles, com a escolta do Príncipe de Gales, E. finalmente, Lady Diana, filha do pai, o Conde Spencer. De três quilômetros de percurso do Palácio de Buckingham até a Catedral, a noiva usará uma coroa de cristal, igual à que usou a Cinderela, com Richard Boland, o coqueiro, trazendo a libre real, sapatos de veludo dourado, meias brancas e luvas de seda, e um véu de platin, uma capa vermelha e dourada, peruca cinzenta e um tricórdio adornado com penas de avestruz. Lady Penelope e Frestal, os dois cães, serão elegantemente controlados por rédeas de couro marroquino. As repuldascentes carruagens seguirão pela Avenida Mall até a Praça Trafalgar, continuando pelas ruas Strand e Fleet, e subirão Lodge Hill até a Catedral. Haverá bandeiras na Avenida Mall e no Arco do Almirante - que separa a Avenida da Praça Trafalgar - e milhares de bandeirinhas serão agitadas pelos espectadores ao longo do percurso.

Afinal, são mais de mil anos de tradição, não que a importância, a riqueza e o romantismo constam como exigência protocolar. Por isso, não é difícil prever que os britânicos não omitirão qualquer detalhe para fazer do casamento do Príncipe Charles e Lady Di a maior celebração do século. Cada ponto vem sendo rigorosamente estudado e o dia do casamento será o primeiro da nação na Grã-Bretanha. A televisão da BBC dedicará sete horas inteiras ao evento, transmitindo as imagens para virtualmente todos os países do mundo - inclusive os do bloco oriental - e o potencial de audiência para o casamento deve atingir mais de 500 milhões de pessoas. Serão 12 câmeras de tomada externa, 12 unidades móveis e 300 técnicos estarão no controle, sendo que, só na Catedral de São Paulo, haverá 12 câmeras em posições diferentes.

Será desnecessário explicar que não se trata, simplesmente, de um casamento elegante qualquer. Trata-se de um casamento real, que envolve algo bem mais do que um belo romance de amor. É uma questão de Estado, na qual um montante de 400 mil libras (cerca de 72 milhões de cruzeiros) foram gastos. De data marcada ao belo nupcial, perseguiram-se cálculos minuciosos, a fim de seguir os interesses da indústria, do turismo, das finanças. Ações sobem, estrangeiros chegam, afirma a comercialização das mais variadas tipos de souvenir, como camisetas, bengalas, pratinhos, etc., que trazem dívida ao país. Apesar de ter sido criada uma comissão especial de aferição de bom gosto, da qual faz parte Lord Snowdon, ex-marido da Princesa Margaret e irmão fotógrafo, esta comissão nem sempre conseguiu controlar todos os objetos criados em homenagem ao casamento, principalmente, se importados. Fala-se até da produção de xícaras com retratos, não exatamente de Lady Di e do Príncipe Charles, mas algo parecido com Bo Derek e algum que lembre uma versão moderna do Conde Drácula que, para quem não sabe, tem laço de parentesco, embora distantes, com o Príncipe.

Mas, afinal, quem é Lady Diana Frances Spencer, a mulher que conseguiu conquistar um dos partidos mais cobijados do mundo? Lady Di é uma jovem de 20 anos, simpática, atraente, culta, inteligente e moderna. Mas não é isso. Ela é filha do fidalgo Edward John Spencer, Visconde de Althorp, de 57 anos - ex-estribador da Rainha - e da hoje arca, Frances Shanda Kydd, mulher de Peter Shanda Kydd, proprietário de importante fábrica de papel da Escócia. O pai de Lady Diana, Edward John Spencer está casado, em segunda núpcias, com Kaine, ex-Condessa de Dartmouth, filha da romancista Barbara Cartland. Nascida em Londres, Lady Di foi batizada em Sandringham pelo arcebispo de Norwich, tendo como madrinha a sobrinha da Rainha Mãe. Os antepassados de Lady Di mantinham estreitas vinculações com a Família Real Britânica, o que, certamente, lhe favoreceu na cortejo, pois, para que o noivado fosse oficializado, a Rainha Elizabeth II deveria aprovar, com a confirmação do Conselho Privado, constituído por membros da Família Real, do atual e dos antigos líderes do Governo e de representantes de quase todas as nações do Reino Unido.

Rico, jovem, esportista, jogador de pólo e críquete, cavaleiro, íntima, caçador, oficial da marinha, piloto de jatos, pescadelista, mergulhador, amante da música e ocasionalmente pintor de aquarelas, os traços mais marcantes do Príncipe Charles garantem, em primeiro, afinidades do jovem casal pela vida ao ar livre. Logo, porém, encontrarão outros divertimentos, não só de renda mensal o Príncipe recebe cerca de dois milhões de cruzeiros por mês. Associada ao trono, ainda existe uma fortuna, isenta de impostos, estimada em 150 milhões de dólares (aproximadamente 13 bilhões de cruzeiros), incluindo uma série infundável de palácios e propriedades e uma das maiores coleções de obras de arte e artefatos do mundo, bem como uma considerável ajuda, via contribuintes, para a manutenção dos domínios, parques, e outros itens de usufruto da Família Real, considerados vantajosos em termos do bem do público e do turismo inglês. Com todo esse patrimônio, não seria difícil para o Príncipe a escolha de sua consorte. Mas Lady Di teve, além do sangue azul, um outro pré-requisito indispensável para a esposa de um futuro rei. Sua reputação acima de qualquer suspeita a leva a receber, com toda a sua dignidade britânica, no altar da Catedral de São Paulo, a aliança real de ouro do Príncipe de Gales, do mesmo veio usado para fazer os anéis de casamento da Rainha Eli-

Estará em cartaz, 4ª e 5ª feiras próximas, às 21 horas, no Teatro Santa Roza, a beleza e a magia das noites argentinas, famosas por suas casas noturnas, através do belo espetáculo *Mi Buenos Ayres Querido*, um show de tangos, tocado, cantado e, principalmente, dançado, revivendo o clima portenho no Brasil. *Mi Buenos Ayres Querido*, um espetáculo de variedades, tem ritmo, ballet, canto humorístico a cargo de um extraordinário elenco onde todos os integrantes têm participação de destaque, comprovada através das inúmeras apresentações deste espetáculo no Sul do País. Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo; Canoá, Rio de Janeiro; em Niterói; Porto Alegre e outras cidades.

Mi Buenos Ayres Querido é sobretudo um grande espetáculo sobre tangos e colinas da Argentina, reunindo cerca de 25 artistas portenhos que trazem para nossos palcos um pouco da fecunda manifestação popular argentina e de suas casas noturnas, *Michelangelo, Cano 14, Viejo Almacén e Casa de Carlos Gardel*, entre outros, com seu estilo "tangueros" e "bandoneonistas", tudo isso num cenário colorido e de muito romantismo.

O TANGO Para os amantes do tango, esse ritmo pode constituir-se a própria vida, principalmente o tango tradicional mesclado do som de banadon e versos melo-

4ª e 5ª feira no Santa Roza

MI BUENOS AYRES QUERIDO



Palote Peña, o cómico do show e Blanca Serrano, uma das cantoras

dramáticos que perpetuaram o sucesso de Carlos Gardel.

Como fideis alunos de Carlos Gardel e outros famosos artistas de sua época, o grupo de *Mi Buenos Ayres Querido*, todo fazem para revivê-lo no espetáculo que começa com a apresentação de Palote Peña, uma mistura de apresentador e homem-show, muito hilariante nos seus 130 quilos de peso. Palote Peña proporciona um leve toque de comidade ao espetáculo, cantando, dançando e fazendo humor no melhor estilo.

Mi Buenos Ayres Querido dá vida ao conceito de que o tango é um pensamento triste que se baila. Los Portenitos exemplifica isso. O casal de bailarinos do grupo, proporciona ao show um colorido especial dançando, vibrantemente, tangos tradicionais e milongas latino-americanas, superando inclusive, essa velha interpretação do que é tango.

Mi Buenos Ayres Querido pretende mostrar a expressividade da cultura popular argentina, que não é somente tristeza e melancolia (reflexo de problemas passionais), mas que também é festa e alegria de viver, que fala de problemas sociais e das satisfações do viver. Tango é a vida, por isso cultuado não só na Argentina, onde nasceu há mais de 90 anos, como em outras partes do mundo.

O espetáculo mostra também a renovação da forma realizada nos últimos anos pelo famoso compositor e bandoneonista Astor Piazzola que deu à estrutura tradicional do tango uma nova lin-

guagem musical de acordo com a evolução cultural dos tempos modernos e novas gerações não só da Argentina como de outros países.

Uma das atrações de *Mi Buenos Ayres Querido*, o solista de bandoneon Guillermo Brendo, está entre as influências do tango tradicional e do moderno. Desse modo, em nossos palcos, Guillermo Brendo tanto interpreta *La Bicicleta Blanca*, de Mario Trejo, um dos grandes nomes do tango tradicional, como *Salida por un lado*, de Horacio Ferrer, música conhecida internacionalmente através de Astor Piazzola e suas características modernas, de breves e mascantes toque jazzísticos que dão nova força ao tango.

Mi Buenos Ayres Querido, um espetáculo de quase três horas de duração, segue estrutura de quadros de variedades, semelhantes aos antigos teatros de revistas, sempre interligados por histórias e pequenas encenações e comentários humorísticos de Palote Peña.

Concentrado na música urbana argentina o show mostra os principais tangos do passado - *Caminito*, *A Media Luz*, *Da era que mi Querías*, *La Campesina* e muitos outros - e recita o estilo mais marcante de seus intérpretes. O grupo tem uma orquestra típica que inclui, além de órgão e piano, bandoneons, violinos e contrabaixos. Há também cantores e intérpretes de canções e peças folclóricas e coreografias de tangos estilizados e coreografias folclóricas.

O TEATRO NO SERTÃO

O III Encontro de Arte Cênica da Paraíba - O Sertanejo -, foi aberto ontem em Cajazeiras e será realizado até o próximo dia 2, numa promoção da Universidade Federal da Paraíba, através do Centro de Formação de Professores Campus V, do Núcleo de Extensão Cultural e da Associação Universitária de Cajazeiras. O evento está reunindo mais de 10 grupos teatrais de várias cidades paraibanas. O patrono do III Sertanejo é o teatrólogo Geraldo Ludgero, que deu uma contribuição marcante ao teatro no sertão do Estado até ser morto tragicamente em 1973. Para falar sobre o Sertanejo, o repórter Josival Pereira, da sucursal de A UNIÃO em Cajazeiras, entrevistou o diretor da Divisão de Teatro do NEC, Gutemberg Cardoso.

Gutemberg, o que você pode dizer do III Encontro de Arte Cênica da Paraíba?

A necessidade de um evento teatral no interior do Estado, pois todos existentes se realizam em João Pessoa e Campina Grande, levou a classe teatral de Cajazeiras no ano de 1979 a criar um encontro de teatro com a preocupação de discutir a arte cênica feita no sertão. Do nasceu o I Encontro de Teatro Rápido, que reuniu grupos de teatro amador de Cajazeiras, e recebeu este nome de Rápido em função das montagens terem duração entre 15 a 30 minutos. Naquele ano participaram da mostra os seguintes trabalhos e grupos: Vida de Cabrita, de Tarcísio Siqueira, com o grupo Caju; Pai Eu, Põe Espalhar, de Ronaldo Martins, com o Grupo Boladas; Raízes, de Francisco Assis com um Grupo; O Rato Branco no Noite Preta, de minha autoria, com o Grupo Bolada; Abandono do Interior, de Euclimar Araújo, com o Grupo Brasília; e finalmete Samba de um Rei também de Tarcísio Siqueira, com o grupo Caju. Este encontro aconteceu de 6 a 8 de julho de 79, e no ano de 1980, de 16 a 18 de julho, aconteceu o II Encontro de Teatro Rápido dentro da Semana Universitária, e ainda no âmbito de Cajazeiras, com os seguintes trabalhos: Apaqueim o Lázio, de Francisco de Assis, com um Grupo; Três Nove Sete, de minha autoria, com o grupo Bolada; e Uma Gotas d'Água de Liberdade, de Tarcísio Siqueira, com o grupo Caju. Com a chegada de UFPA a Cajazeiras e a criação do NEC, Núcleo de Extensão Cultural, ligado ao CFP, Centro de Formação de Professores, destinada a difundir a cultura da cidade, do qual eu passei a dirigir a Divisão de Teatro, pensamos em dar um maior abrangência a este encontro de teatro com um nível estadual. O grupo de teatro de Cajazeiras, com o grupo Boladas, participou do III Encontro de Arte Cênica da Paraíba, que ganhou logo o apelido de "O Sertanejo". De rápido o encontro passou para Artes Cênicas, por que acolheria os setores dança livre e moderna e tudo ligado a cinema e por fim recebeu o nome de Paraíba no final e se tornou um dia tirar a Paraíba para colocar Brasília e indo ainda só dezoito.

vel nacional. Afinal tudo está em crise. Porém, estou em preocupação das pessoas que fazem teatro em sair do imobilismo e partirem para um trabalho mais sério, constante e comprometido com algo de positivo. Agora com a realização do III Sertanejo quase toda a classe teatral do Estado estará em Cajazeiras, discutindo, debatendo e observando os trabalhos feitos no sertão e nos outros centros. Portanto este encontro representa, podemos crer, um momento de transição da arte cênica na Paraíba.

O III Encontro de Arte Cênica da Paraíba tem como patrono o teatrólogo Geraldo Ludgero. Fale um pouco de sua arte e de seu trabalho.

Para falar sobre o trabalho do General Ludgero muito tempo, mas é bastante dizer que ele



Gutemberg Cardoso

que abrange o presente com o III Sertanejo e o que ele representa no teatro paraibano hoje?

Com a realização ultimamente da 4ª Semana de Teatro Universitário, em João Pessoa, com grupos de todo o Nordeste, se observou que o teatro na Paraíba está numa de suas piores crises e eu diria que esta crise ocorre também a nível nacional.



"15 Anos Depois", de Bráulio Tavares, em montagem do Grupo de Teatro do Campus II

fazia teatro no final dos anos 60 e início dos anos 70, quando a barra era pesada, e já utilizava este espaço para denunciar... Foi diretor de teatro, ator, trabalhou em teatro de circo e montou inúmeras espetáculos no sertão e como prêmio lhe tiraram a vida barbaramente em 73, roubando do nosso sertão um cara extraordinário. Agora no III Sertanejo iremos discutir, avaliar e até estudar a sua obra, numa homenagem muito justa.

Quem promove o III Encontro de Arte Cênica da Paraíba e quem está apoiando?

A partir deste III Sertanejo a promoção de UFPA através do NEC e da Associação Universitária de Cajazeiras AUC, e estamos contando com o apoio da Diretoria Geral de Cultura, na pessoa do Raimundo Nonato, da Prefeitura de Cajazeiras, da UFPA - Federação Paraíba de Teatro Amador, Secretaria de Comunicação de Estado, DT.U. e FRAC, Colégio Diocesano e muitas outras pessoas amigas de Cajazeiras.

Quais os grupos de teatro e de dança que estão no III Sertanejo e que trabalhos mostram?

Já está confirmadas as presenças do Grupo com a peça O dia em que deu Elefante, de Marcos Tavares; o grupo Nôite com a peça infantil de Marcos Vilelo e Vanúzia, O Orjão Cri-Cri; o grupo Ideograma apresentará O Marculino, com encenação de João Costa; o grupo Juteirá irá com a peça Perdido no Paraíso de Elcio França; o grupo Tenda apresentará O Verdugo, de Hilda Hilt; o Movimento Unificado de Extensão apresentará a peça O Arcano Vovô. Todos estes grupos de João Pessoa, De Campina Grande, participaram: o Grupo de Teatro da UFPA, Campus II com a peça 15 Anos Depois, de Bráulio Tavares, e o Grupo de Dança Moderna de Campina Grande apresentará um trabalho

com seleção musical dos coreógrafos Fábio Go-veia e Sandra Caponelli; de Cajazeiras, um Grupo apresentará a peça 15 Anos Depois numa Noite Suja, de Plínio Marcos, e de Ceará virá o Grupo de Teatro da Mauriti apresentar a peça Espôndilo Nordeste numa homenagem a Geraldo Ludgero. E ainda o grupo Jaguaribe Carneal com a peça Quem é Palhaço Aquil, de Pedro Omar.

Que outras atividades terão sido desenvolvidas por ocasião do III Encontro de Arte Cênica?

Dois importantes cursos serão ministrados. Um de Prática em Teatro com os professores Fernando Abalá, Ovídio Travassos e Paulo Vieira, da UFPA; e o outro de Técnica Vocal, com os professores Luiz Carlos e Maria Eleonora. Haverá dois debates sobre teatro com os temas O Teatro e o Povo na Paraíba e A Realidade do Teatro no Sertão; acontecerá também um reunião do Conselho Deliberativo da UFPA, o lançamento do livro de teatro de Tarcísio Siqueira Teatro de todos os Tempos, a presença do Teatro Popular do João Costa em três bairros da cidade; um show na Praça da Cultura, e a grande homenagem da classe teatral de Cajazeiras e da Paraíba a memória de Geraldo Ludgero.

Há bem pouco tempo se falava que Cajazeiras iria ganhar um teatro que receberia o nome de Inácio Pires. O que existe de concreto sobre a construção?

De concreto mesmo só existe a ideia e o desejo dos amadores de Cajazeiras em ver o teatro em dia construído. Há quase um ano o governador Tarcísio Burty disse em praça pública que construiria o teatro de Cajazeiras, porém não se tem conhecimento de nenhuma iniciativa neste sentido. Falta também, segundo fontes informadas, uma definição da prefeitura de Cajazeiras

com relação ao local. O reitor Bérilo Berta, quando esteve em Cajazeiras, assegurou que a manutenção do teatro seria da UFPA e que ela ajudaria na construção. Existe também uma verba de 3 milhões no Planejamento do Estado para esse teatro. Como se vê falta apenas interesse e boa vontade em querer construir esse teatro em Cajazeiras. Éra inclusive pretendido nos fazermos por ocasião do III Sertanejo um lançamento da pedra fundamental do Teatro.

Você falou que existe uma crise no teatro da Paraíba. Como esta crise é visto no interior do Estado?

Eu acredito que o teatro do interior do Estado está no momento lutando para sair desta crise e buscando uma saída viável. A presença da UFPA no interior, com a criação dos campus de Cajazeiras, Sousa e Patos, está oferecendo condições para os amadores, com cursos, espetáculos como este que estamos realizando, o deslocamento de grupos de teatro de João Pessoa e Campina para o interior. Agora a falta de intercâmbio entre o grupo e a jogada de ganhar dinheiro com teatro, ao invés de fazer o trabalho de luta, é que está prejudicando o crescimento do movimento teatral, principalmente em Cajazeiras.

Como você vê o movimento da UFPA em relação a transformação do SNT em Instituto?

Eu acho que toda a classe teatral deveria estar buscando contato mais este aburdo contrato e não saber o que fazer com o SNT. Não se faz frente a. A transformação do SNT em Fundação de Teatro, Dança e Folclore, trará o melhor prejuízo de se transformar na Universidade em fundações. No III Sertanejo pretendemos distribuir uma nota de protesto e encaminhá-la ao Ministério Geral.

Em entrevista ao semanário "O Pasquim", edição de nº 627, o cantor Zé Ramalho emitiu suas mais recentes opiniões, não somente sobre música, mas também a respeito de política e assuntos parciais. Dizendo que não faz música de protesto, Zé Ramalho revelou que planeja fazer o Brega do Cruz, onde nasceu, "a primeira cidade do sertão com o PP", classificou a UNE e a classe estudantil de "desorganizada e competitiva" e mostrou-se contra as famílias de políticos locais. "Gado Novo" frisou que "os padres viraram ladroes, modernistas, comunistas de política a tudo e mais, enquanto o povo se faz mais e mais". Curiosamente, referindo-se ao Nordeste, Zé Ramalho disse: "Brega do Cruz não existe por lá. A única informação que tem é rádio, cordal e violão, que só contam os fatos mais cotidianos". O "Journal de Domingo" transcreve alguns trechos da entrevista ao "Pasquim".

terro, e através de poesia e de arte alfabetizar o povo. Usar uma linguagem nobre, um pouco pode deixar sua marca no mundo. Minha ambição é essa, e não de riqueza.

Reinaldo - Não seria muito frustrante fazer sua vida numa cidade e ver o resto do Nordeste continuar na miséria?

ZÉ RAMALHO - Bem, eu gostaria que cada cidade nordestina tivesse alguém que pensasse como eu. Mas só posso fazer somente aquilo com que tenho a ver, como, por exemplo, com a minha cidade.

Reinaldo - Você dá importância de pra crítica?

ZÉ RAMALHO - Dou, usando a coisa pessoal. No Nordeste, a gente aprende que a coisa pessoal se resolve pessoalmente.

Reinaldo - A Paraíba está sendo praticamente por ZÉ RAMALHO - (...) Olha, é uma classe algo paralisada: pra poder escrever crítica tem que antes fazer música. Então, quando eu só receber de banda de discos, os convites e malhar, mas é preciso também conhecer profundamente os trabalhos criticados. Tenho vontade de a qualquer pessoa aparecer no jornal e falar da gente. O pior é que 90% dessas pessoas não gostam de música, não sabem cantar, fazem porque não gostam de fazer. Não sabem cantar, com o "MPB-50" só dá cara de danada.

Reinaldo - Tem algum partido político aí pelo qual você se interessa? Por exemplo, qual é o partido forte na Paraíba, além do PSD?

ZÉ RAMALHO - A Paraíba tá toda praticamente com o PP, desde que o PMDB arregou lá. Meu partido mesmo é o MPB. Por isso eu uso pra coisa.

Reinaldo - Como é que você está vendo o movimento estudantil?

ZÉ RAMALHO - Vejo só a grande contradição dos estudantes. Não só o nome na entidade do União Nacional de Estudantes, e também aparece uma eleição tem desastres de facções e classes disputando. Claro, por isso é que a classe não é aceita pelo Governo: desorganizada e competitiva demais.

Reinaldo - Não é aceita porque defende ideias contrárias às do Governo.



"Eu jamais assumiria uma posição tipo líder"

Haroldo - Quem ama não mata, ou pode morrer?

ZÉ RAMALHO - Rapaz, isso é uma coisa muito relativa. Mas também pode ser uma forma de amor, e que vai acontecer cada vez mais, porque é um reflexo da cidade grande, onde há muita imitação. Mas sair pra rua como essas feministas não tem benefício nenhum, e quem após uma coisa dessas tá dando tiro no escuro.

Haroldo - Olha, tirando tua obra, que é política, tá achando você muito conformista. Tudo pra você não vai adiantar nada.

ZÉ RAMALHO - Acho que você está parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma grande coragem, ao escrever aquilo. Já com o segundo me desapontei completamente. Quando passou a descrição de sua experiência para falar da transição das minorias, de feministas, de gays... Não entendo isso, talvez seja porque sou nordestino.

Reinaldo - Nordeste é macho!

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Como é que você vê a minoria?

ZÉ RAMALHO - Pode ser que eu esteja parado no tempo, mas não vou me adaptar a isso. Não tô defendendo o livro, apenas não aceito a proposta do repulcão do macho.

Haroldo - Você acha que o Brasil é um país de líderes?

ZÉ RAMALHO - Mas pra rebater uma proposta governamental você tem que estar unido.

Haroldo - O que você acha do Guevara?

ZÉ RAMALHO - Acho "O que é isso, companheiro?" excelente, ele teve uma

Paulo Autran,
caricão de 59 anos de idade,
é um dos principais intérpretes
do teatro brasileiro, proficiente e arte
que abraçou em 1949 ao entrar no elenco
de Um Deus Dormiu lá em Casa, de Guilherme
Figueiredo. Paulo alcançou a chamada enorme
popularidade, em todo o país, quando fez o Baladô
da novela Pai Herói. Mas, seus
grandes momentos estão mesmo no teatro,
em montagens como as de Otelo, de Shakespeare, Depois da Queda, de
Arthur Miller, e Edipo Rei, de Sófocles. Desde
sexta-feira que ele está
em João Pessoa, liderando
o elenco da peça Pato com Laranja, que fará sua última apresentação
hoje à noite no Teatro Santa Rôza.

PAULO AUTRAN

A dramaturgia brasileira só vai ressurgir com a redemocratização

• Entrevista a SÍLVIO OSIAS

Que é que você acha do teatro brasileiro de hoje?

O teatro brasileiro depois da abertura e do alívio da censura vem sendo muito cobrado. As pessoas querem que imediatamente apareçam verdadeiras obras-primas no teatro brasileiro. Não é possível isto. É necessário que haja um tempo de maturação e de confiança nos autores para que eles possam escrever as peças que tenham efetivamente a cabeça. Enquanto não houver uma total certeza da liberdade, isto é, só quando o Brasil estiver totalmente redemocratizado, é que se pode pensar no ressurgimento da dramaturgia brasileira, que no momento não está florescendo assim por estas razões. Agora, em teatro se faz de tudo no Brasil, todos os gêneros. Se você chega no Rio ou São Paulo e vê todos os gêneros do teatro, observa que 90 por cento das peças de autores nacionais. Então o nosso teatro já atingiu um nível excelente. Todas as vezes que o Brasil exportou um bom espetáculo, esse espetáculo foi premiado e trouxe honras e glórias para o Brasil. Não só nas capitais se faz teatro, em várias cidades de fora você vê gente se dedicando ao teatro, fazendo teatro amador, outros escrevendo sobre teatro, lendo teatro, vendo teatro, o que é muito importante. Eu tenho a impressão que sou o ator brasileiro que mais viajou por todo o Brasil. Aqui em João Pessoa esteve várias vezes: em 68 com *Coronéis e No Corredor do Diabo*, com *Edipo Rei*, em 68 com *O Português Fidalgo*, em 69 com *Morte e Vida Severina*. Então levei 12 anos sem vir ao Norte e ao Nordeste. Estou encontrando as Capitais todas diferentes, com aspectos de grandes cidades todas elas, com ruas asfaltadas. Mas a índole do povo continua sendo a mesma, acolhedora, simpática, calorosa, embora ainda mais acentuado o desnível entre gente rica e gente pobre.

Quais as obras que você destacaria no teatro brasileiro hoje?

Eu vi recentemente em São Paulo dois excelentes espetáculos. *O Coronel e a Carne* do Diógenes em 67, com dois espetáculos maravilhosos, feitos por gente jovem, realizados com uma garra, uma inteligência e uma grande esperança. Estou encontrando o mesmo sucesso no teatro o espetáculo que tem um grande nome. Não é verdade. Vários grandes nomes do teatro e da televisão têm tido fracassos enormes em teatro. Então, eu acho que o que faz o sucesso é o bom espetáculo. Se o espetáculo é bom, ele consegue vasto sucesso. Se não for qualquer nome que o público não vai assistir.

A televisão também leva o público ao teatro?

Abolutamente. Essas peças que eu trouxe para cá, por exemplo; naquela época ainda não tinha feito nenhuma peça de televisão, estava muitos anos longe do Pai Herói, e no entanto, lotei os teatros no Norte e Nordeste.

O que você diz da sua experiência na televisão?

Eu me diverti muito fazendo Baladôzinhos. Eu sabia que quem quer bobagem, que fizesse me divertia com ela, divertia os colegas e divertia o Brasil. Eu sabia que de Porto Alegre a Manaus o público gosta de divertir. É gratificante, também, saber que depois de 30 anos de trabalho as pessoas me viram pela primeira vez na televisão. Isto foi um prêmio. Agora me perguntam muito quan-

do vai ser a próxima novela, se vou fazer outra. Eu sou outra pessoa que se considera de teatro. Então só poderia fazer uma novela depois de receber um bom convite e eu não estiver fazendo teatro. Mas como estou sempre fazendo teatro vai ser muito difícil. Tanto que a Globo me fez convite, depois do meu último papel, mas não quis aceitar porque estava representando. Porque fazer ao mesmo tempo novela e teatro é muito cansativo.

Que você acha do apoio do Estado ao teatro?

Este apoio vem diminuindo: cada vez mais. O Governo Federal diminuiu as verbas para o teatro. Há uma tendência geral para acabar com as fundações de teatro. Eu sinto que há uma retração do Governo em relação ao auxílio ao teatro. Nós sempre nos batemos por vários anos pela Fundação de Artes Cênicas, mas agora foi criado um Instituto de Artes Cênicas. Mas, não estou bem a par do que vem ser isto, porque foi recentíssimo, e não sei o que vem a ser isto exatamente.

Como você vê o apoio do Governo às demais formas de expressão artística?

Em São Paulo, por exemplo, o Secretário de Cultura não faz nada pela cultura. O mesmo em Rio de Janeiro. É onde estou morando. O governador Paulo Maluf só faz coisas demagógicas no sentido cultural, não deixa nenhum segmento de cultura para ninguém. Agora mandou a Orquestra Sinfônica fazer uma excursão pelo Brasil inteiro, mais como propaganda para ele mesmo. Isto deve ter custado uma fortuna ao Estado de São Paulo; e em benefício do governador. Em todo caso, mandar uma orquestra já é grande coisa. E o melhor é que não mandam.

O que é "Pato Com Laranja"?

Pato Com Laranja é uma peça divertida, leve, elegante, sofisticada, cuja única finalidade é divertir a plateia. É eu tenho conseguido isto praticamente nos três últimos anos da minha carreira. Estrei a peça no início de 79 e fiquei um ano no Rio. Depois, no ano de 80 fiquei em São Paulo e este ano de 81 tenho viajado, inicialmente pelo Sul e agora pelo Norte e Nordeste. Venho de Natal, e aqui para Recife, Aracaju e Vitória. Terminar a temporada em Natal. Eu estava fazendo antes desta *Morte do Caixeiro Viajante*, uma peça considerada por muita gente como a maior tragédia do século 20, com denúncias, de erros de estruturas dos países, como o nosso, por exemplo, e por toda a carreira da peça eu ficava bastante deprimido. Eu pensei: a minha próxima produção é para que eu possa me divertir e divertir o elenco e divertir a plateia. Escolhi Pato Com Laranja. Mas, sinceramente não queria esperar que tivesse o estouro de público e de sucesso que Pato Com Laranja, está tendo. Estou fazendo a peça há quase três anos. A próxima peça ainda não sei qual vai ser. Só comecerei a pensar nela em janeiro, que é quando vou recomeçar a trabalhar.

"Pato Com Laranja" é uma peça inglesa. Você não pensa montar outros brasileiros?

Gianfrancesco Guarnieri me prometeu uma peça. Ele esteve em minha casa e levou uma sinopse. A gente discutiu muito e ele disse: "no mês que vem a peça estará pronta". Isto foi em julho do ano passado. Depois ele foi fa-



"Eu sinto que há uma retração do Governo em relação ao teatro"

zer Rosa Baiama, for para a Bahia e não sei onde está isto. Se ele apontar a peça será a minha próxima produção. Chama-se *Crônica de Um Homem sem Nenhuma Importância*.

Em seus trabalhos mais recentes, qual foi o que mais lhe marcou?

Eu acho que o mais difícil escolher uma peça que foi mais marcante na minha carreira. Eu fiz tantos grandes textos... *Coriolando*, de Shakespeare, *Otelo*. Fiz várias peças de Molière... Fiz tantos outros brasileiros importantes, desde Gonçalves Dias, até João Cabral de Melo Neto. Então fica difícil para mim dizer qual foi a peça que marcou a minha carreira. Houve *O Homem de La Mancha*, um belíssimo espetáculo de Paulo Pontes, cujas letras foram criadas por ele, aliás melhores do que as originais. As músicas foram de Chico Buarque. Talvez a peça que durante todos os quase 32 anos de teatro me marcou mais foi *Liberdade, Liberdade*, entre uma e a outra. É o que me deixa otimista no teatro e o crescente público. Quando eu comecei a fazer teatro, uma peça ficava em cartaz no Rio ou São Paulo duas semanas no máximo. Hoje fica dois anos, até mais. O público aumentou muito, e o interesse pelo teatro também aumentou muito.

Já aqui a gente não sente isto. A gente sente o teatro como uma coisa estagnada.

Teatro é muito caro. Então todo mundo que fala em fazer teatro para o povo não sabe o que está fazendo, ou está fazendo pura demagogia. O teatro só pode ser assistido por quem tem possibilidade econômica de comprar uma entrada. Se você pensa montar uma peça de teatro no Rio ou São Paulo, você não gasta menos de três ou quatro milhões de cruzeiros. Você tem que pagar bem o seu elenco. Os atores de teatro ganham melhor do que os atores de televisão. Existe a lenda de que a televisão paga melhor do que o teatro, não é verdade. O teatro paga muito melhor do que a televisão. Então, os atores são caros, os

alguns são caros, o figurinista é caro, o cenógrafo é caro, a pessoa que faz o som, o cara, os direitos autorais são elevadíssimos. Então, a entrada não pode ser mais barata. Se esta pessoa profissional tem que viver de sua profissão, deve cobrar e entrar de acordo com o capital empregado e com o custo mensal do espetáculo. Você imagina, por exemplo, o que é trazer a João Pessoa 11 pessoas de avião, um caminhão trazendo o meu cenário, que é enorme - que é o mesmo que eu fiz no Rio de Janeiro, de Guilherme Guimarães, belíssimo - trazer isto até cá, quanto custa? Só uma subdivisão maciça do Governo para que isto possa acontecer, ou então o teatro tem que cobrar muito mais para poder acontecer o que acontece. Então só as classes que têm poder econômico é que podem ir ao teatro....

Você falou há pouco sobre o problema dos direitos autorais.

Uma peça estrangeira, você vai pagar em dólar. A remessa deste dinheiro são os atores brasileiros que fazem. Já mais caro ainda. E depois, o autor brasileiro também cobra os direitos autorais: Ele vive disto. Quando você pagar será no mínimo 10% da receita bruta. Não interessa a eles a despesa que você teve, mas 10% já ficam na bilheteria. Um teatro em São Paulo, por exemplo, você não consegue por menos de 20%. Os atores recebem na maioria em percentagem e o que sobra para o produtor é 40%. Desta quantia ele tem que pagar as despesas fixas. Então, você vê que não é grande negócio. Agora o ganho de sucesso acaba dando dinheiro, porque o grande sucesso não tem explicação. O público quer ver aquele espetáculo e vai. Eu acabei de dirigir uma peça em São Paulo - *O Homem-Elefante*, com Everton de Castro, Carlos Rodrigues e Antônio Fagundes, e um elenco muito grande. É e o maior sucesso no momento. O público amou, adorou e está indo e continua lotando o teatro. Desde maio que o teatro está cheio. Então, quando se juntam vários fatores, além de circunstâncias impalpáveis o espetáculo se transforma num sucesso. E o sucesso então supera todas as dificuldades. Agora o normal no teatro é as peças ou darem prejuízos ou empatarem. E sendo que atualmente não existe o sucesso médio. As peças ou são grandes sucessos ou são fracasso.

Como é que você vê o desempenho da crítica de teatro?

A crítica faz parte do teatro. A crítica vive em função do teatro. De certa forma é necessário que haja crítica. Há crítica que tem um nível intelectual que lhe dá possibilidade de escrever bem sobre um espetáculo, de entender o espetáculo. Mas isto acontece no mundo inteiro, é a mesma coisa. Eu, pessoalmente, sou mais por quem cria e por quem faz do que pela pessoa que apenas julga

Me lembrei do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, o que você acha desta proposta?

O Boal é um sujeito muito inteligente. Hoje em dia é uma figura internacional. E o Boal, por exemplo, fez muito alarde quando criou o Sistema Teatro em Bogotá, na Colômbia. Tem uma cobertura para o teatro. Era apenas uma forma de fazer espetáculo, não teve nenhum outro fator envolvido. Então o sistema coringa do Boal é uma forma de fazer espetáculo, como qualquer outra. A crítica do Boal não tem nada a ver com a crítica do Boal. Mas isto acontece com autor de grande sucesso. Há um espetáculo de momento dirigido pelo Antônio Filho São quatro peças do Nelson Rodrigues e se chama *O Eterno Retorno*. É um espetáculo belíssimo. Não escreve direito porque o público não gosta; mas é um espetáculo extraordinariamente bem feito, bonito. E eu acho que o Antônio Filho não tem nada a ver com o Boal. Mas já ouvi caricões dizendo que falta no espetáculo o carisma de Nelson Rodrigues. Mas já ouvi caricões dizendo que falta no espetáculo o carisma de Nelson Rodrigues. Mas já ouvi caricões dizendo que falta quem critique alguma coisa ou outra. Em matéria de adaptação da literatura para o cinema a melhor ainda foi *Maculnata*, de Joaquim Pedro.

Os leitores têm interesse de conhecer opiniões suas sobre outras coisas. O que você acha do trabalho que os cineastas têm feito em cima das peças de Nelson Rodrigues, por exemplo?

Acho que se aproveitaram apenas do nome de Nelson Rodrigues para fazer uma pernochanchada. Outras vezes se fez um pensamento de Nelson Rodrigues e se fez uma coisa que não tem nada a ver com ele e com a obra dele. Mas isto acontece com autor de grande sucesso. Há um espetáculo de momento dirigido pelo Antônio Filho São quatro peças do Nelson Rodrigues e se chama *O Eterno Retorno*. É um espetáculo belíssimo. Não escreve direito porque o público não gosta; mas é um espetáculo extraordinariamente bem feito, bonito. E eu acho que o Antônio Filho não tem nada a ver com o Boal. Mas já ouvi caricões dizendo que falta no espetáculo o carisma de Nelson Rodrigues. Mas já ouvi caricões dizendo que falta quem critique alguma coisa ou outra. Em matéria de adaptação da literatura para o cinema a melhor ainda foi *Maculnata*, de Joaquim Pedro.

Sobre o teatro de Chico Buarque, o que você acha?

Chico é um grande compositor. Eu acho que ele é tão grande compositor e tão grande letrado que não precisaria se dedicar a outras coisas. E a obra de Chico que vai ficar é a sua música, suas letras. Acho que ele já é um clássico da nossa Música Popular. Tudo o que ele escreve em matéria de música é bonito, é verdadeiro, é sincero, é lindo. Então eu acho que é uma glória tão grande que ele deveria se contentar com isto. No teatro ele escreve direito, mas não é um grande autor. Paulo Pontes sim, era um grande autor de teatro. Veja agora uma peça *Gota d'Água*, o espetáculo dos lindinhos.

O trabalho de Paulo Pontes?

Ela, eu era tão amigo dele, nós nos dávamos tão bem, trabalhamos juntos tantas vezes... Conheci Paulo logo que ele saiu da obra Paratú e quando chegou ao Rio, tentando sobreviver de desesperadamente e conseguindo com sua inteligência extraordinária. Era um autor que sabia a que tipo de coisa era bom. Sabia escrever para o teatro. Não deixou a obra definitiva porque não teve tempo. Ele morreu cedo demais. Mas teria sido talvez, talvez, talvez autor de teatro. Ele, Vinícius, Guarani, são três nomes marcanetes. Se bem que a obra-prima de dramaturgia brasileira ainda é *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Paulo, e o cinema, o que você acha da produção brasileira?

Eu acho que na medida que os diretores de cinema perceberam que o metemisto não é o melhor caminho para o cinema e que de uma certa forma era um crime você gastar o dinheiro de uma produção para fazer um filme que não era compreendido por quase ninguém, apenas para você ter o prazer de estar realizando suas obras intelectuais, este não era o caminho certo para o cinema. Então, eu acho que no momento que se está fazendo filmes, pensando num público, pensando num público, pensando num público, este cinema melhorou muito. As pernochanchadas continuam, mas acho que a força delas já diminuiu bastante, graças a Deus. Então, assim que terminar esta fase da pernochanchada, que provavelmente será curta, acho que poderemos ter um cinema com bases mais sólidas, com um pensamento mais ético e estético. De qualquer modo, acho que as pessoas inteligentes poderão continuar fazendo seu filme, pensando que o filme é o que se quer, em primeiro lugar, sem preocupação de cinema. Então, assim que outro a maioria deles não era tão intelectual assim. Então se fez muita bobagem em cinema que hoje não significa absolutamente nada. Foram ensucados por pequenina parte da crítica, umas pessoas que assistiam os filmes, aliás, porque as casas sempre estavam vazias. Mas agora não. Você vê *Donna Flor e Seus Dois Maridos*, um filme comercial, de um nível ótimo, engraçado, bem interpretado e vários outros tem seguido esse caminho. Então, acho que o caminho para se poder ter uma indústria cinematográfica no país.

No caso de "Donna Flor" não se partiria para um cinema muito desvinculado do público?

Qual o outro filme que você viu e que você achou mais politicamente?

Mais recente? Foi "Paxote", feito por um argentino.

Paxote é um filme que todo mundo sente na cara que é uma denúncia.

Queriu sua impressão sobre a televisão?

Até há alguns anos atrás eu pensava que a televisão, principalmente a novela, era um fator a mais de alienação total do povo brasileiro. Mas depois houve uma eleição (há bastante tempo, mas houve) e a televisão tinha feito publicidade maciça de um determinado político. Então, eu acho que houve um outro partido. E isto vem provar que a capacidade de alienação da televisão não é tão grande como as pessoas pensavam. Então, eu acho que a televisão do hoje, pode vir qualquer programa de televisão dizendo que o país está ótimo, está maravilhoso, que ninguém acha ruim. Eu acho que a televisão tem que podia fazer novela de televisão.

CLUBES CONVIDADOS

□ O presidente Marcos Crispim já enviou convites aos presidentes do Cabo Branco, Astréa, Clube Médico, Iate Clube, Clube de Engenharia, Clube da Caixa Econômica, Clube dos Magistrados, Clube dos Promotores, Associação Atlética Banco do Brasil, Associação Atlética Banco do Estado e Associação Atlética Banco do Nordeste, para a festa do dia 4 de agosto no Jangada Clube.

□ Naquela noite, a diretoria jangadeana irá prestar homenagem a todos os seus co-irmãos, em meio a uma das maiores festas do seu calendário. O encontro social contará com a participação do conjunto do maestro campinense Ogirio Cavalcanti. Na ocasião, o médico Luciano Henriques era investido como diretor social do Jangada.



HELOIZA PEZZI MAIA: GAUCHA BONITA DE FÉRIAS NA CIDADE

SIMONE COM NOVO GRUPO NO ASTRÉA

□ Espera-se que no próximo dia 2, no ginásio do Astréa, a cantora Simone repita a performance de março do ano passado, quando levou cerca de 8 mil pessoas àquele local, estabelecendo o recorde de público em shows musicais na cidade.

□ Este ano Simone retorna com um novo grupo e um repertório com músicas de Gonzaguinha, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Ivan Lins, entre outros. Os ingressos estarão à venda a partir de amanhã, ao preço único de 300 cruzeiros, nas duas lojas da Shop Som.

□ A vinda de Simone marca também o retorno das atividades da Jaguarê Produções, de Carlos Aranha, que já está tomando contatos para outros espetáculos. Estão certas datas para Djavan e Alceu Valença.

Posse de "leões"

□ O médico João Batista Mororé, presidente do Lions Clube Leste, comandou ontem, no restaurante do Iate, mais um jantar assembleia, que teve a participação das donadoras.

□ O mais novo clube de serviço de João Pessoa continua ampliando o seu quadro de sócios. Ontem, foram investidas como novas "leões": Rômulo Gomes de Lima, Paulo Gadelha e Manuel Raposo.

Rápidas

SAUNA do Cabo Branco muito bem frequentada pelo mundo feminino. Por lá, dia-sim-dia-nao, passam Salette Sá, Aparecida Medeiros, Tereza Gouvêia Ribeiro Coutinho e Adylla Rabello. □ NA posse de Amarty Vasconcelos na APL foram notadas a elegância de Lúcia Cabral, as jóias de Betty Vasconcelos e a conversação inteligente de Carmen Isabel Carlos Silva. □ LUÍZ Sander, do BNDE foi levado a passeio marítimo no mini-ate de Helveth Cruz. A bordo também estavam os casais Tarcísio Burity, Fernando Perrone e João Pereira Gomes. O legítimo "Grant's Royal" foi servido pelo comandante da embarcação. □ RICARTE Mariz, economista, marcou seu casamento com Claudine Morinho Soares para o dia 3 de outubro. □ MÉDICO Walter Bandeira já começou a trabalhar pela conquista de uma cadeira na Câmara dos Vereadores de João Pessoa. □ SUZANA Souto tituló-se em Economia. No dia 29 de setembro ela casou-se com Roberto Amorim. □ ANDRE, filho de Iracilda e Everaldo Luna Freire (dentista) está fazendo três anos hoje. □ QUEM também aniversariará neste domingo é Larissa, filha do casal médico João (Onaciá) da Silva. □ ONTEM no Balneario do Sesc, o Lions Também fez sua Assembleia Geral.

REQUIEM PARA ALGUNS AMIGOS

Carlos ROMERO

A gente morre um pouco no amigo que morre. E que ele compõe a nossa ambiência cotidiana, integra a paisagem humana da terra, faz parte da rotina provinciana. Sua amizade, sua presença, torna-se um hábito, um agradável hábito. E quando sai desse convívio de todos os dias, desse cenário costumeiro, é evidente que sofremos a sua falta. Um desfalece que parece um absurdo.

De pouco tempo para cá, foram tantos os que se foram!... Tantos os que empobreceram a nossa vivência afetiva e fraternal. Severino Guimarães, Juarez Batista, Jurandy Moura, e

agora, o Aurélio... Gente que a gente via a todo momento, nas esquinas, nas ruas, na Universidade, nos Bancos, na porta do clube.

Severino Guimarães era aquele espírito boníssimo, simples, que os alunos estimavam como pessoa da família. Estava a vê-lo entrando no Cabo Branco, às vezes esboçando um assueto e sempre perguntando: o que é que há? Gostava de jogar o seu joguinho de gamão, com Celso Mariz e outros, lá no primeiro andar do clube. Vejo-o saltando gostosas gargalhadas, na sala dos professores da antiga Faculdade de Direito, ou, de boné, no terraço de sua casa de Tambá, em Manaira, nas ma-

nhas de domingo, rodeado de mar e de netos... Incapaz de vestir um calção de banho, o mar era só para ver, nada de possuí-lo. Amor platinado à distância. Jamais praticou o coóper, coisa certamente de menino.

E o nosso Jurandy? Delicadeza em carne e osso. Brandura à flor da pele. Tinha qualquer coisa de oriental nos gestos, no falar manso, no olhar risonho. Autenticidade, solidariedade e sinceridade, eis três condimentos que caracterizavam sua personalidade. Jurandy Moura era daqueles que não sabiam matar uma mosca. Sua morte foi violenta. Estupidamente violenta.

Agora é o Juarez Batista. Todo vibração interior. Inteligente na argumentação, rápido no raciocínio, original na observação, gostava de sair com o amigo como que para um cochicho, uma confidência amiga, a mão sobre o ombro do interlocutor. Sempre era bem informado!... Estava em dia com os acontecimentos. Era jornalista nato. Homem de letras autêntico.

Chegou a vez do nosso Aurélio de Albuquerque, ou simplesmente Aurélio, de morte recente. Descontraído, distraído, nunca se tornou importante com os cargos importantes que exerceu. Foi sempre o mesmo. No carro da Presidência do Tribunal de Justiça, viu, muitas vezes, lado a lado com o motorista, e conversando. Tão rodeado de protocolos e cerimônias, lá na velha Corte de Justiça, todavia, jamais deixou de ser informal, simples no comportamento, nas atitudes, nos gestos. E como se desligava facilmente do seu ambiente! Dir-se-ia que vivia escrivendo crônicas no ar, fugindo em pensamento, da mesquinhez, da violência, da maldade dos homens. Escreveu crônicas saborosas, que tanto exaltaram a um juriconsulto, um Roberto Lyra, por exemplo, como a mais modesto e anônimo oficial de justiça. Aurélio se caracterizava, sobretudo, por uma visão muito humana das coisas. Não era de odiar. Mas odiava a injustiça. Um autêntico Dom Quixote de toga. Escu-

deiro de uma Justiça que sempre procurou dignificar.

Mas do que ele gostava mesmo era de viajar. E viajar com sua Lúcia. Quando mesmo se esperava, ele não mundo. Buscava com frequência os climas europeus, a paisagem do Velho Mundo. Talvez para se lembrar de sua adorável Areia, a mais europeia de nossas cidades. E através de suas crônicas como a gente viajava!

Embora distante da terra, estava sempre com ela no pensamento, nos olhos, na saudade. Também ia com ela na bagagem sentimental. Também, testemunham de suas caminhadas matinais.

Parece que estou vendo o nosso Aurélio passando o jorna o Tribunal, e andar meio apressado, pora de debaixo do braço, a cabeça de romano, como salientou Pereira Gomes.

A saída de Aurélio da paisagem humana da cidade é desfalece que dá e que vai levar muito tempo para a gente se habituar.

Sociedade

VINHALDO CORREIA



DORIS MINERVINO, DEISE CUNHA E SUELY ROLIM

Imortais serranos

□ O professor Amarty Vasconcelos, o mais novo membro da Academia Paraibuna de Letras, visitando de Campina Grande comite para a sessão de instalação do caderno Campinense de Letras (ACL), marcada para a noite (20h) do próximo sábado no Teatro Municipal "Severino Cabral".

□ Na oportunidade serão empossados os primeiros acadêmicos e investido na Cadeira n° 1, cujo patrono é Afonso Campos, seu titular o dr. Aluizio Campos. A audição será do acadêmico Agnelo Amorim.

□ □ □

Luciano é apoiado

□ Apoiado pela grande maioria das entidades médicas do Paraíba, a candidatura de Luciano Campos Henriques para a presidência da Associação Médica do Estado conquista cada dia mais simpatia de seus colegas de profissão que, como ele, desejam a união de toda a classe.

□ Mais de quinhentos sócios ligados à AMP estão sendo convocados, através de edital, para a realização do pleito sucessório, fixado para o dia 37 de agosto.

□ □ □

Astréa na boa rota

□ A diretoria do Clube Astréa continua vindo o mesmo entusiasmo desde o dia em que foi empossada. Todos os auxiliares do presidente Estácio Kangel estão empenhados no trabalho de reconquistar todo velho prestígio da sociedade, conhecida nacionalmente nos seus áureos tempos através de suas festas e, principalmente, das disputas esportivas.

□ Em sua sede, hoje pela manhã, haverá novamente encontro da família astréana para sua participação nas brincadeiras organizadas pelo diretor Edmundo Costa Real.

Mi Buenos Aires Querido

□ O Teatro Santa Rosa, apresenta nas próximas quarta e quinta-feira um show que vem fazendo sucesso em todo o Brasil: Mi Buenos Aires Querido. Com um grupo de 25 atores, instrumentistas, cantores e comediantes, trata-se de um espetáculo que mostra a cultura popular da Argentina.

música portenha, mostram, com um cenário especial, como funcionavam as grandes casas noturnas da capital argentina ao tempo em que Carlos Gardel apresentava-se interpretando os sucessos que tornaram-no famoso em todo o mundo.

□ A produção do show em João Pessoa faz questão de afirmar que não se trata de uma mostra apenas de sentimentos nostálgicos que o tango, que tem grande espaço no repertório, evoca.

□ O show começa às 21h15m e tem três horas de duração. Os integrantes de Mi Buenos Aires Querido, além de apresentarem grandes sucessos da



ARGEMIRO E CARMEM FRANCA, ELE ANIVERSARIU E RECEBEU

□ □ □

Moda da Vera no Jangada

□ A Associação Metropolitana de Eradicação da Mendicância (AMEM) será a maior beneficiada com o resultado financeiro do desfile de modas "Summer Collection" que um grupo de senhoras da sociedade de João Pessoa está organizando para mostrar os modelos da Veraluce Modas.

□ O encontro social, que também será marcado pela elegância das passadas presentes, está reservado para a tarde (16h) do próximo dia 12 de

agosto, ocupando todo o salão de festas do Jangada Clube, agremiação, que, convenhamos, está posicionada como uma das melhores da cidade.

□ Destacam-se como organizadoras do "Summer Collection" as senhoras Ana Maria Benevoló y Benevoló, Eline Cardoso Rosas, Nair Almeida e a própria presidente da AMEM, dona Esmeralda Procopio. Na passarela estarão Lucinha, Tina e Bebeta.

Manietado

□ Tão logo terminem as obras no restaurante Panorâmico e na buíte do Cabo Branco, o diretor social Océlio Antônio Queiroga Cartaxo acionará o seu departamento para oferecer programação festiva destinada aos associados alvi- rubros. O dirigente, atualmente, está manietado.

□ A diretoria do Cabo Branco espera entregar o novo restaurante no dia 12 de setembro com uma festa que terá a participação da orquestra de Fernando Borges.

Recepção

□ Os últimos dias têm sido significativos para Marlene e Jairton Costa, empresários bem sucedidos no ramo imobiliário da cidade. Primeiro foi o aniversário de Marlene, depois foi sua filha Jaira, e agora, terça-feira, é Jairton quem fica mais velho.

□ Por conta do evento de depois-de-amanhã, Jairton programou churrasco em sua granja de Água Fria pra sábado vindouro.

Leonismo

□ Está fixado para os dias 14 e 15 de agosto, nesta Capital, o I Conselho Distrital dos Clubes Lions da Região L-25. A deliberação foi tomada durante reunião realizada sexta-feira no Clube Astréa, presidente o CL-Bezerra, Governador do Distrito, e o CL-Ediláudio Luna, Secretário do L-25.

□ Da mesma reunião tomaram parte também os presidentes e "domadoras" dos Lions Manaira, Centro, Cabo Branco, Sul e Tambá, todos eles considerados clubes anti- trios.

Palestra

□ Mesmo com algumas desistências já esperadas pelos seus organizadores, vai ter sequência amanhã, no auditório do Instituto, o Ciclo de Estudos da ADESG / Paraíba.

□ Os alunos aguardamos, ainda nesta fase doutrinária, ouvirão a palestra do Prof. Elias Gonçalves Ennes, sobre "Concepção de Mobilização Nacional". O apresentador do conferência será José Ribeiro de Farias.

Concluente

□ A Capela do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Guarabira, serviu de cenário para a solenidade de colação de grau da turma concluente do Curso de Pedagogia da UFPA. O acontecimento foi sexta-feira passada e dentre as concluente estava a professora Elita Azevedo Correia Silva, casada com o prof. Lenildo Correia.

□ Durante as festividades, o prof. Lenildo foi homenageado pelos concluente com Honra ao Mérito, pelos 8 anos de trabalho